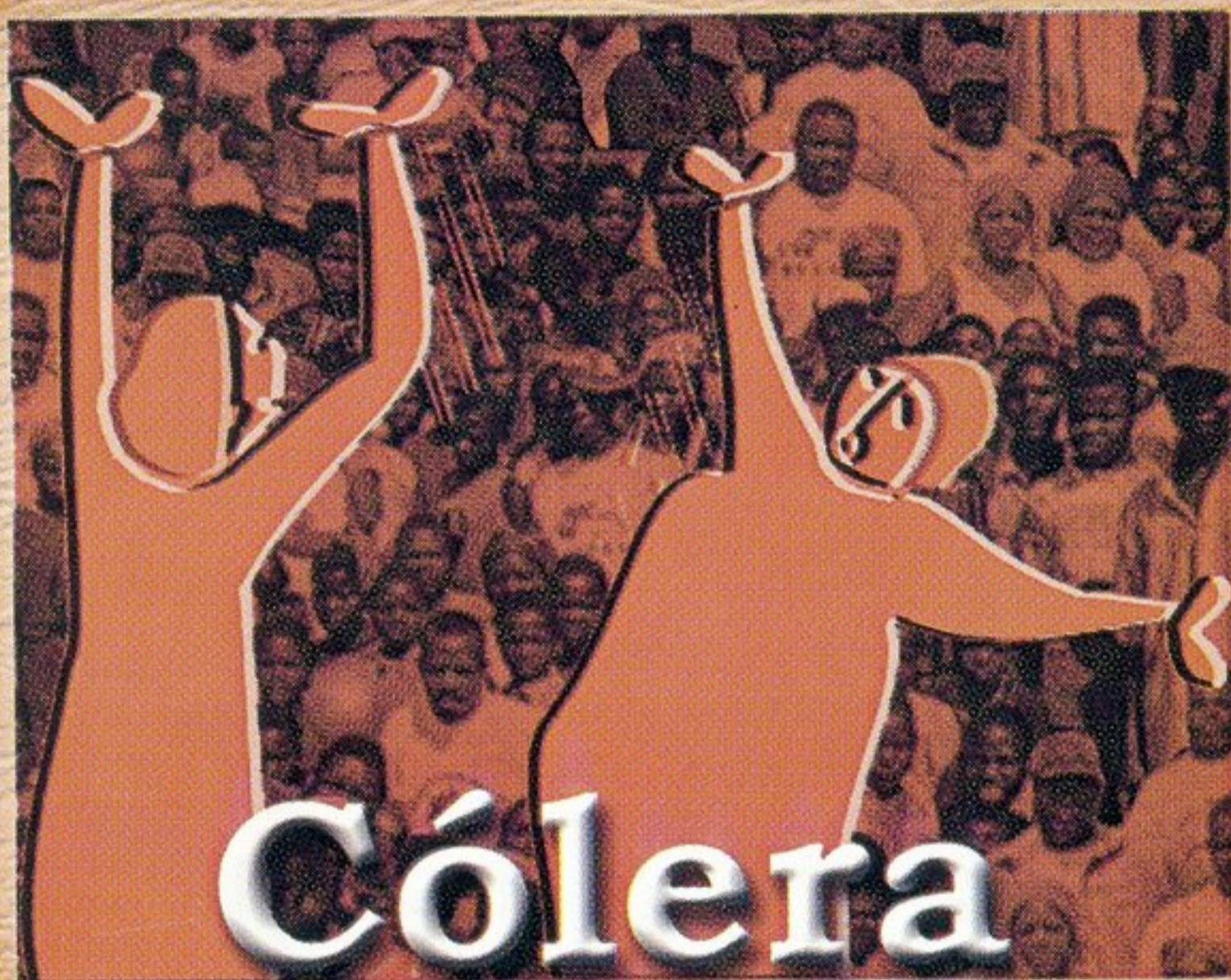


Carlos Serra



Cólera
e
catarse

Prefácio de Joseph Hanlon

Carlos Serra

Cólera e catarse

Infra-estruturas sociais de um mito nas zonas costeiras de Nampula

(1998/2002)

Prefácio de Joseph Hanlon

Carlos Serra: *Cólera e catarse*

Imprensa Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 2003

Preface

How do we deal with a rapidly changing world which seems to only make our lives worse? We often blame the “other” or the “outsider”. Carlos Serra and his team have produced an extraordinary study of this phenomenon in Nampula province, where poor people responded violently in a deeply held belief that rich and powerful outsiders were putting cholera in their water in an attempt to kill them. The response was violence against the outsiders and their allies in the community, and passive resistance against the institutions of the state.

The reaction to that violence was also one of blame – Frelimo blamed Renamo for a campaign of disinformation and the powerful blamed the poor for their ignorance. But one of the key findings of the study is that people's response to cholera, albeit wrong, was not the result of disinformation but rather was rational and logical.

Readers of this book will “know” that chlorine in water helps to prevent the spread of cholera, and thus will “know” know that local people were wrong in their belief that putting chlorine in the water was a cause of cholera. But some modesty is called for on our part. How different is the cholera debate in Nampula from the HIV/AIDS debate in South Africa, in which the President himself, one of the world's most respected leaders, questioned the wisdom and understanding of the some of the world's most eminent scientists? Or consider the world of development economics, where writers such as myself accuse the IMF and World Bank of being false priests only representing the interests of the rich, while they, in turn accuse me and my colleagues of ignorance and economic illiteracy.

This study is particularly good for the subtlety of its understanding of the way in which the objections to chlorine may have been scientifically unfounded, but reflected a well-founded social and political understanding. In particular, the study finds that the campaign against chlorine in the water was not a campaign against the state or against modernising, but rather just the

Prefácio

Como é que lidamos com um mundo em rápida mudança que aparentemente só as nossas vidas? Frequentemente culpamos o “outro” ou o “estrangeiro”. Carlos Serra e a sua equipa produziram um estudo extraordinário deste fenómeno na província de Nampula, onde pessoas pobres responderam violentamente na base de uma forte crença de que ricos e poderosos de fora estariam a contaminar a água com cólera numa tentativa de os matar. A resposta traduziu-se em violência contra os estranhos à terra e seus aliados na comunidade e resistência passiva contra as instituições do Estado.

A reacção a essa violência contemplou também a atribuição de culpas – a Frelimo culpou a Renamo pela campanha de desinformação e os poderosos culparam os pobres pela sua ignorância. Um dos achados chave deste estudo é que a resposta das pessoas à cólera, apesar de errada, foi racional e lógica e não produto de desinformação.

Os leitores deste livro “saberão” que cloro na água ajuda a prevenir o alastrar da cólera e assim “saberão” que a população local estava errada ao acreditar que a aplicação do cloro era a causa da cólera. Porém, alguma modéstia é aqui pedida ao leitor. Quão diferente é o debate da cólera em Nampula do debate do HIV/SIDA na África do Sul, onde o próprio presidente, um dos mais respeitados líderes mundiais, questionou a sabedoria e o entendimento de alguns dos mais eminentes cientistas mundiais? Ou considere o leitor o mundo de economias em desenvolvimento, onde escritores tal como eu acusam o FMI e o Banco Mundial de serem falsos padres apenas representando os interesses dos ricos, enquanto eles, por seu turno, me acusam e a colegas meus de ignorância e analfabetismo económico.

Este estudo é particularmente bem sucedido pela subtilidade no seu conhecimento de como as objeções ao uso do cloro podem ser cientificamente infundadas, mas reflectem conhecimento político-social bem fundamentado. Em particular, este estudo descobre que a campanha contra a aplicação de cloro na água não foi contra o Estado ou contra a modernização. Foi um protesto contra um Estado que se tinha distanciado do povo e apenas aparecia nas vésperas das eleições e que crescentemente deixou de providenciar de

opposite. It was a protest against a state which had become distanced from the people, which only appeared before elections, and which increasingly failed to provide services and a better standard of living. It was not against modernity, but against the failure to provide the fruits of modernity.

The report notes that this was a protest often led by unemployed youth who saw no future for themselves, and whose actions had the tacit backing of their elders. It became a protest against authority figures – *regulos*, government officials, and NGO workers, who were seen as distant, arrogant, and, most importantly, not delivering. The red motorcycles of SNV extensionists driven dangerously and at high speed through villages, became a strong symbol of arrogance and distance. Serra and his team conclude that the protests against chlorine in the water revealed “a profound disquiet and lack of confidence in the state.”

This study is important because, by asking local people what they really think, it sets out in detail the climate of distrust and disempowerment. The symbols of disempowerment come out repeatedly in the interviews. A series of natural phenomena – unexplained crop and human diseases, drought, and reduced fish catches – merge with symbols of malign outside power – unemployment and closed factories, NGO motorcycles and cars in general, and the bribes demanded by health workers. The passive and violent resistance to putting chlorine in local water supplies needs to be seen as local people making a desperate attempt to regain some power; as a case of a disempowered group finally taking a stand to defend its very lives.

People interviewed for this study raised fundamental questions about the actions of those who were even a little bit richer and more powerful. If a nurse or health post worker normally demands a bribe to provide proper treatment, why should they be trusted when they say they are giving chlorine free? If an arrogant NGO helps only a select few, why should it suddenly be trusted to help the poorest on a key health issue? If government actions have only led to increasing poverty and loss of jobs, why trust the government now? And if local chiefs and party secretaries have used their links with the outside to collect

serviços e um melhor nível de vida. Não foi um protesto contra a modernização, mas contra a inexistência dos frutos da modernidade.

O trabalho realça que o protesto foi frequentemente liderado pela juventude desempregada e sem futuro e cujas acções tiveram o apoio tácito dos mais velhos. Tornou-se um protesto contra figuras de autoridade – *regulos*, oficiais do governo e trabalhadores das ONG's, que eram vistos como distantes, arrogantes e, mais decisivo ainda, sem soluções. As motas vermelhas dos extensionistas da SNV, guiadas perigosamente e a alta velocidade através das vilas, tornaram-se um forte símbolo de arrogância e distância. Serra e a sua equipa concluem que os protestos contra o cloro na água revelaram “uma profunda intranquilidade e uma falta de confiança no Estado”.

Este estudo é importante porque escutando a população local sobre o que realmente pensa, demonstra em detalhe o clima de falta de confiança e carência. Os símbolos de carência transparecem repetidamente nas entrevistas. Uma série de fenómenos naturais – doenças inexplicáveis em pessoas e plantações, seca e uma pesca escassa – une-se a símbolos de poder maligno vindos de fora: desemprego e fábricas fechadas, motocicletas e carros de ONG's em geral e os subornos exigidos por pessoal da saúde. A resistência passiva e violenta à aplicação de cloro em abastecimentos de água locais necessita de ser vista como uma tentativa desesperada da população local para reganhar algum poder; como o exercício de um grupo carenciado finalmente tomando uma posição para defender as próprias vidas.

Pessoas entrevistadas neste estudo levantaram questões fundamentais acerca das acções dos que eram um pouco mais ricos e poderosos. Se um enfermeiro ou um funcionário num posto de saúde exigem normalmente um suborno para providenciar um tratamento devido, porque se deveria confiar neles ao dizerem que estão a fornecer cloro de graça? Se uma ONG auxilia apenas alguns grupos selectivos, por que se deveria subitamente confiar nela para ajudar populações empobrecidas em áreas chave de saúde? Se acções do governo apenas levaram a uma pobreza em crescimento e perda de empregos, por que confiar nele agora? E se chefes locais e secretários de partidos têm usado as suas ligações com o exterior para recolher impostos e aumentar o seu próprio poder, por que se deveria confiar neles para ajudar agora?

Esta desconfiança bem assente é

taxes and increase their own power, why should they be trusted to help now?

This deep-seated distrust is shown most starkly by the response to epidemiology. Health officials held meeting with local elites to say that cholera was likely to spread to their area and this was backed up by radio programmes and other publicity. Local people asked: How do these people in the city know that cholera is coming? Of course, they must be bringing it. They deny it, of course, but these are the same people who told us that voting for Frelimo would bring us a better future and that closing the local cashew nut processing factory would help the peasants.

The NGOs and health workers and local chiefs were sincere in their attempts to control cholera, but local people were also right to ask who was standing behind these people, and why was their “help” going to be beneficial this time when it had not been in the past. In their way, local people have proved to be more sophisticated than many government staff and aid workers, because they look at issues in context – they ask who stands behind and who will gain. They showed an understanding that the interests of the rich and poor are different, and their distrust claims by the rich to be “helping” the poor are well founded. Are claims to be helping simply a cover for a new form of exploitation?

From World Bank staff and ministers in Maputo with their fine houses and chauffeured Volvos, down to local NGO staff and agricultural extension workers, most of those involved in “development” believe sincerely in what they are doing to help the poor, believe sincerely that their task is to convince the poor to act differently, and believe sincerely that they deserve to be well rewarded for dedicating their lives to help those who they see as ignorant and backward. But on the ground, the poor see that the only people who seem to gain are those who come to “help”. The poor have every reason to ask if the sincere priests and health workers and NGO staff sent into rural areas are not just an attempt to build up trust so that the poor can be better exploited. And they have every reason to distrust the local leaders who ally themselves with the new outside exploiters. The poor see a chain that goes back to the colonial era of people who come to “civilise” them.

demonstrada mais claramente pela resposta à epidemiologia. Oficiais da saúde conduziram reuniões com elites locais para dizer que era provável que a cólera se espalhasse na área e isto foi apoiado por programas de rádio e outra publicidade. Pessoas locais perguntaram: Como é que estas pessoas na cidade sabem que a cólera está para vir? Claro, só pode ser porque eles a trarão. Elas dirão que não, mas são as mesmas pessoas que nos disseram que votar pela Frelimo nos traria um futuro melhor e que os camponeses seriam ajudados com o fecho da fábrica local de processamento de castanha de caju.

As ONG's, pessoal de saúde e chefes locais foram sinceros nas suas tentativas para controlar a cólera, mas as populações locais estavam também certas ao quererem saber quem estava por trás dessas pessoas e por que é que a sua “ajuda” seria benéfica agora quando o não o tinha sido no passado. À sua maneira, as populações locais provaram ser mais sofisticadas do que muito pessoal do governo e trabalhadores da ajuda, porque elas contextualizam os temas – perguntam quem está por trás e quem irá ganhar. Elas demonstraram uma compreensão de que os interesses dos ricos e dos pobres são diferentes e as suas afirmações de desconfiança de que os ricos estariam a “ajudar” os pobres são bem fundamentadas. São afirmações de estarem simplesmente a criar uma cobertura para um nova forma de exploração?

Do pessoal do Banco Mundial e dos ministros em Maputo com as suas finas casas e Volvos com motoristas, até ao pessoal de ONG's locais e trabalhadores de extensão agrícola, a maioria dos envolvidos em “desenvolvimento” acredita sinceramente naquilo que está a fazer para ajudar os pobres, acredita sinceramente que a sua tarefa é de convencer os pobres a agirem de modo diferente e acredita sinceramente que deve ser bem recompensada por dedicar as suas vidas a ajudar aqueles que considera ignorantes e retrógrados. Mas no terreno, os pobres vêem que as únicas pessoas que parecem ganhar são aquelas que vêm para “ajudar”. Os pobres têm toda a razão para questionar se os padres sinceros, os trabalhadores de saúde e o pessoal das ONG's enviado para áreas rurais não serão somente uma tentativa para, através da confiança, explorar melhor os pobres. E estes têm toda a razão para desconfiar dos líderes locais, que se aliam aos novos exploradores estrangeiros. Os pobres têm a percepção de uma cadeia que remonta à era colonial de pessoas que vieram

This study also points to a fundamental contradiction. How do “we”, the rich and powerful who read and write books, convince “them”, the poor and weak, that this time, at least, we are really trying to “help” them. This question is shared both by those who really do want to help by curbing cholera and those who simply want to find new ways to exploit the poor. It is the question of the advertising industry – do we use the same techniques to explain to people how to live a healthier life as we also use to sell them products they do not need?

It is fair to ask if anyone benefited from the confusion over cholera. Frelimo accused Renamo of a campaign of disinformation, but the study finds no evidence for this. Renamo may have made some short term political capital over this, by underlining the weaknesses of the government health service in Nampula province. But Renamo could not offer the one thing that might have made a difference – local empowerment. Like Frelimo, it remains highly centralised and is unable to offer another model of development or distribution of power. Frelimo in its election campaign in 1999 promised to give the people a better future; Renamo claims it is failing to do so. But neither party is offering the poor the power to build their own better future. Perhaps they cannot; the international community is similarly unwilling to allow Mozambique the power to build a better future.

Forty years ago Frelimo showed that people could be mobilised around a promise of empowerment to improve their own lives. This study shows that today in Nampula, “people’s power” is not dead, but it is not constructive. In an increasingly globalised world with wealth and power concentrated in the hands of an ever smaller group, the bulk of the world becomes increasingly disempowered, and desperate attempts to regain at least a small amount of local power become more common. As in Nampula these attempts are often directed at outsiders and others who seem to represent outside power. The study warns that the fundamental distrust shown by the cholera protests means that there will be similar spontaneous violence in other areas.

Joseph Hanlon

“civilizá-las”.

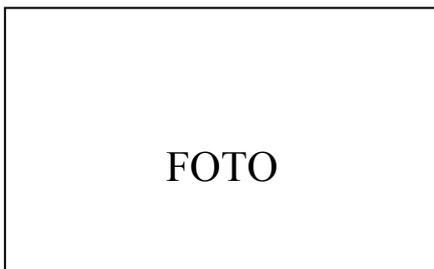
Este estudo também aponta para uma contradição fundamental. Como é que “nós”, os ricos e poderosos que lemos e escrevemos livros, “os” convencemos, aos pobres e fracos, de que pelo menos desta vez estamos realmente a tentar ajudá-“los”. Esta questão é partilhada tanto por aqueles que realmente querem ajudar refreando a cólera e aqueles que simplesmente querem encontrar novas maneiras para explorar os pobres. É a questão da indústria da publicidade – usamos as mesmas técnicas para explicar às pessoas como viver uma vida mais saudável tal como também usamos para lhes vender produtos dos quais não necessitam?

É justo perguntar se alguém beneficiou da confusão acerca da cólera. A Frelimo acusou a Renamo de uma campanha de desinformação, no entanto o estudo não encontrou nenhuma evidência nesse sentido. A Renamo poderá ter obtido algum capital político de curto prazo, sublinhando as fraquezas do serviço de saúde do governo na província de Nampula. Mas a Renamo não podia oferecer a única coisa que poderia fazer a diferença – autoridade local. Como a Frelimo, permanece altamente centralizada e é incapaz de oferecer outro modelo de desenvolvimento ou de distribuição de poder. Na sua campanha eleitoral de 1999 a Frelimo prometeu dar às pessoas um futuro melhor; a Renamo afirma que ela fracassa nisso. Porém, nenhum partido está a oferecer aos pobres o poder de eles próprios construírem o seu melhor futuro. Talvez não o possam; a comunidade internacional está igualmente relutante em permitir a Moçambique o poder de construir um futuro melhor.

Há quarenta anos, a Frelimo demonstrou que as pessoas podiam ser mobilizadas à volta de uma promessa que daria poder para melhorar as suas próprias vidas. Este estudo mostra que hoje em Nampula, “o poder do povo” não está morto, mas não é construtivo. Num mundo cada vez mais globalizado com riqueza e poder concentrados nas mãos de um grupo reduzido, a maior parte dele, porém, tem cada vez menos poder enquanto se tornam mais frequentes tentativas desesperadas para reganhar pelo menos uma pequena porção de poder local. Como em Nampula, essas tentativas são avisos de que a desconfiança fundamental demonstrada pelos protestos da cólera apontam para violência espontânea do mesmo tipo em outras áreas.

Joseph Hanlon

(contracapa)



Em Nampula e especialmente nos distritos costeiros, existe, desde 1998, a crença de que a cólera é introduzida pelo Estado para matar as populações.

Desconfiança, agitação popular e confrontos com a polícia mapeam o fenómeno especialmente desde Dezembro de 2001.

Objectivamente falsa mas subjectivamente sentida como verdadeira, a crença tem sido oficialmente imputada a uma “campanha de desinformação” promovida pela oposição política.

A realidade, porém, é que, de acordo com as evidências obtidas, estamos perante uma crença popular que tem à sua retaguarda um conjunto plural de privações, de ausência de diálogo e de inexistência de esclarecimento atempado e permanente.

Essa crença conta uma história falsa para sublinhar um conjunto de problemas reais.

Trata-se de uma crise séria desaguando na busca de bodes expiatórios para superar o eclipse do social, a poluição da segurança psicológica e a subversão dos sonhos.

O que as pessoas, independentemente da sua condição social, criticam, não é o Estado em si, mas o Estado que não as ouve, não as ajuda e com elas não dialoga. Por isso elas desconfiam profundamente dele.

A crença não é irracional, mas coerente com a consciência da privação. É, desta privação, um veículo simbólico, a sua linguagem, a bissectriz entre o que se quer e o que não se tem.

Por extensão, os activistas de algumas ONGs são deglutidos no mesmo molde cognitivo, como emanção de um Estado não dialogante e não interventor na solução local das necessidades.

Estado e algumas ONGs converteram-se nos modernos *madjini* [maus espíritos] das inquietações populares.

A magnitude que o fenómeno atingiu em Nampula é eventualmente produto de uma concentração excessiva e invulgar de factores percutores.

Existem indícios de que a ausência de diálogo e de satisfação das necessidades locais por parte do Estado podem um dia conduzir a um conflito de baixa intensidade através da formação de uma espécie de coligação de marginalidades, envolvendo actores com perfis e motivos diferentes, especialmente se a polícia voltar a intervir com dureza para reprimir os protestos populares.

Imprensa Universitária

UEM

**Pesquisa e obra
financiadas pela SNV (Organização Holandesa de Desenvolvimento)**

Considerações preliminares

Pessoas caladas não fazem história: sofrem-na. Pessoas com medo não vão para a frente, mas geralmente para trás.

O sentido da história não está no silêncio, mas na veemência do eco das palavras frontais. Não são as portas fechadas que falam, mas as pontes.

A fala é uma necessidade, disso todos sabemos, mas - coisa menos consciente - ela não é, nem será, estrangeira ao conflito das interpretações e ao esforço que fazemos, não importa onde nem em que época histórica, para impormos a definição do mundo social mais conforme aos nossos interesses.

Se verdade há, é que ela é um campo de luta¹.

Os que para nós falaram, fizeram-no, o mais das vezes, conscientes de que isso era um risco. Mas fizeram-no, assumiram o risco, especialmente as mulheres. E por isso merecem o nosso mais profundo respeito.

O acto mais difícil, mais doloroso, da vida, consiste em produzir uma definição da realidade². Este trabalho é um percurso nessa definição, profundamente moldado por aqueles que ouvimos e que são, afinal, portadores de uma grande historicidade.

O grande desafio epistemológico desta pesquisa, realizada em 2002, consistiu em pensar o político sem pensar politicamente³ numa situação de crise social.

A consciência dos determinismos sociais abre uma janela para uma liberdade mais ampla, janela que é, afinal, uma saída possível para a crise. Não é a privação que suscita a crise, mas a sua consciência, plena e definitiva.

Para usar uma linguagem de ressonância samoriana, a verdade organiza-se, a verdade constrói-se. Esta é uma tentativa nesse percurso.

A pesquisa pertence naturalmente a uma época, mas os resultados obtidos apontam para situações sociais trans-epocais.

Resta, finalmente, acrescentar que a estrutura do livro foi prepositadamente construída para se apresentar como um laboratório ao vivo da forma como trabalhamos e usualmente trabalhamos, o que pode ser útil para os estudantes universitários, em particular os de sociologia.

Carlos Serra

Centro de Estudos Africanos

Maputo, Novembro de 2002

¹ Citado em Bourdieu, Pierre, *Interventions, 1961-2001, Science Social & action politique*. Paris: Agone&Nadeau Éditeurs, 2002, p.117.

² Dobry, Michel, *Sociologie des crises politiques La dynamique des mobilisations multisectorielles*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1992, p. 194.

Extractos de depoimentos

“Ultimamente nem que a gente faça preces a Deus não existe resposta, eu acho que o Deus que havia lá já mudou, veio outro Deus que não quer responder nada” – um régulo entrevistado em Memba.

“(...) agora o que ficou é só a pesca e até o mar já zangou, não *morre* peixe [no sentido de que rareia]” - uma camponesa entrevistada em Larde.

“(...) porque nessa acção de grande agitação havia todo o tipo de pessoa, Frelimo, Renamo, Pimo, etc., eu que vi pessoas a me tirar a roupa e conheço a elas e os seus partidos não digo que é tal cor (...)” – um régulo entrevistado em Larde.

“Os projectos que aqui entram de qualquer maneira sem uma pesquisa forte do que o povo quer, do que o povo sabe fazer, essa situação dos projectos devia-se estudar outras maneiras de trabalho para ocupar o jovem porque vai surgir uma guerra em Moçambique, uma guerra sem presidente nem chefe porque o jovem sente-se abandonado na sua própria terra e com o seu governo” – um régulo entrevistado em Larde.

³ Un texte inédite de Pierre Bourdieu, Pour un savoir engagé, in *Le Monde Diplomatique*, février 2002, p.3.

Índice

Prefácio.....	
1. Problema e objectivos.....	
2. Modelo de análise.....	
2.1. Perguntas de partida	
2.2. Hipótese	
2.3. Problemática	
2.3.1. Ruptura	
2.3.1.1. Com a versão oficial	
2.3.1.2. Com as teses culturalista, partidária, miserabilista- <i>obscurantista</i> , do torpor e androcêntrica	
2.3.2. Construção	
2.3.2.1. Conceito de crise	
2.3.2.2. Eclipse do social e busca de bodes expiatórios	
2.3.2.3. <i>Efeito Machault</i>	
2.3.2.4. Duplo constrangimento	
3. Técnicas e objectivos.....	
4. Resultados da investigação.....	
4.1. Período pré-1998	
4.2. 1998: o início do <i>maelström</i>	
4.3. Situação entre 1999 e Agosto de 2002	
4.3.1. Dados gerais de arquivo	
4.3.2. Dados da pesquisa de terreno	
4.3.3. Aspirações populares	
4.3.4. Percepções de estudantes do EP2	
5. Conclusões.....	
6. Tabelas.....	

Prefácio

1. Problema e objectivos

“Não há ciência senão do que está escondido” – Gaston Bachelard

A crença, existente desde 1998, de que o governo está a introduzir a cólera através do cloro com o objectivo de matar o povo de Nampula, tem provocado insegurança social, levantes e confrontos com a polícia, especialmente nas zonas costeiras.

Entre Dezembro de 2001 e Janeiro de 2002, por exemplo, funcionários governamentais e do partido no poder, chefes tradicionais e funcionários de ONGs, especialmente da SNV (Agência Holandesa de Desenvolvimento), foram alvo de ira popular. O saldo foi sombrio: casas queimadas, pessoas seviciadas e agredidas, pelo menos um morto pela polícia, dezenas de detenções e de processos judiciais.

A situação levou a SNV não só a retirar alguns dos seus funcionários das áreas afectadas como a contratar o Centro de Estudos Africanos para estudar e interpretar o fenómeno.

Trabalhámos em áreas de influência do *Programa MAMM* (ainda que em Momba opere, também, o *Programa GEREN*) da SNV⁴, onde existem CDLs (*Comissões de Desenvolvimento Local*)⁵.

Partindo do princípio de que o mito da cólera era o veículo de realidades sociais que importava desnudar, o objectivo central da pesquisa consistiu no

⁴ Os Programas MAMM (Moma, Angoche, Mongicual e Mogovolas) e GEREN (Gestão de Recursos Naturais) da SNV actuam, respectivamente, na zona costeira e norte da província de Nampula. Apesar de terem abordagens e enfoques diferentes, ambos pretendem fortalecer os processos de boa governação local através da intensificação ou da criação de diálogo e de interacção entre os cidadãos, o governo local e o sector privado. No Programa MAMM os núcleos aglutinadores são a água, a educação e a saúde. No Programa GEREN, o núcleo é a gestão dos recursos naturais, particularmente dos recursos florestais e marítimos (*Extraído de um documento da SNV*).

⁵ O grande objectivo das CDLs consiste em ajudar as populações a resolver os problemas que enfrentam. A SNV joga, aí, portanto, o papel de assessora.

conhecimento das opiniões dos cidadãos sobre o Estado no concernente à prestação de serviços essenciais como água, saúde e educação.

O que se segue é produto de um trabalho de três meses efectuado por sete investigadores⁶ em 2002, primeiro nos arquivos (Junho/Julho) e, depois, durante o mês de Agosto, nos distritos de Memba (sede e aldeia 7 de Abril), Angoche (sede e bairros Ngúri e Tamole, posto administrativo de Aúbe e bairros de Mirrepe e Mupalacue) e, em Moma, no posto administrativo de Larde (sede e aldeias de Nathere, Maganha e Namichiri).

A pesquisa pertence naturalmente a uma época, mas os resultados obtidos apontam para situações sociais sem época.

2. Modelo de análise

O modelo de pesquisa foi especificamente produzido para permitir a inteligibilidade plural de um fenómeno cuja investigação era e continua a ser difícil.

2.1. Perguntas de partida

Com base nos objectivos da pesquisa, foram criadas três perguntas de partida, a saber:

1. Quais as raízes sociais do mito da cólera?
2. É ele produto de um conflito entre tradição e modernidade?
3. Existem condições para que se repita na forma de um conflito de baixa intensidade?

⁶ Helena Monteiro e Fátima Colete realizaram o trabalho de campo; Rogério Batine, Carlos Chefo e Helena Monteiro tiveram a seu cargo a pesquisa de arquivo; Paula Libombo procedeu ao tratamento estatístico do questionário administrado aos estudantes do EP2; o autor deste livro dirigiu todo o processo.

2.2. Hipótese

A hipótese de pesquisa foi organizada da seguinte maneira:

A crença de que a cólera é introduzida pelo governo em Nampula através do cloro (fenómeno) é um indicador de insegurança popular (nível 1) ampliada pela tensão política (nível 2) .

2.3. Problemática

Foram considerados dois momentos no figurino teórico adoptado para estudar o fenómeno: o da ruptura com concepções vigentes e o da construção de um novo edifício da análise.

2.3.1. Ruptura

Um facto científico é conquistado, construído, verificado⁷ contra as ilusões de transparência⁸, o prestes-a-pensar, as teses a-todo-o-terreno que passam por indiscutíveis, enfim, contra a menopausa do senso crítico⁹.

Tornou-se assim fundamental proceder a uma dragagem das falsas evidências e das opiniões parciais.

⁷ Bachelard, Gaston, citado em Bourdieu, Pierre, Chamboredon, Jean-Claude et Passeron, Jean-Claude, *Le métier du sociologue*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales et Mouton Éditeur, 1984, 4ème éd., p. 24.

⁸ *Ibid.*, p.29.

⁹ Não se trata aqui, apenas, de impugnar preconceitos de um ponto de vista inocentemente psicológico. Na verdade, pontos de vista, preconceitos, prenoções, ideologias, utopias, etc., estão permanentemente inscritos numa visão social da vida e em posições de grupo e de classe bem definidas. Mas não é este o momento para aprofundar essa questão. Veja, entretanto, Löwy, Michael, *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez Editora, 1994, 5.ª edição revista, *passim*.

É neste sentido que este trabalho se constitui como exercício do que, na esteira de Touraine, chamaremos sociologia nocturna, entendendo por isso a interrogação do “mundo imenso da exclusão social”¹⁰.

2.3.1.1. Com a versão oficial

A versão oficial é a de que a Renamo é a autora de “campanhas de desinformação” que levam à crença de que a cólera está a ser intencionalmente introduzida pelo Governo mediante o cloro.¹¹ Esta tese tem dois problemas fundamentais:

1. Nunca apresenta evidência empírica
2. Recorre ao efeito retroactivo

Na verdade, no início da pesquisa não existiam provas de que a Renamo fosse a autora das “campanhas”, ainda que esse grupo político tenha produzido nos últimos anos diversos tipos de boato¹² e dado origem a diversos tipos de tensão política¹³.

Por outro lado, o passado guerrilheiro e destruidor do grupo ganha um princípio explicativo recorrente: se ontem a Renamo fez as coisas de uma certa maneira, hoje não pode fazer de forma diferente¹⁴.

¹⁰ Touraine, Alain, *Pour la sociologie*. Paris: Seuil/Essais, 1974, p.43.

¹¹ *Notícias* de 24/10/2001, p.6; __, 12/01/2002, p.4; __, 28/01/2002, p.1; __, 16/02/2002, p.1; __, 22/02/2002, p.1; 13/03/2002, p.4; __, 1/04/2002, p.1; *Mozambique on-line*, <http://www.mol.con.mz/noticias/011226.html>, 26/12/2002; __, *Mozambiquefile* (307), February 2002, p.23; __, (308), March 2002, pp. 15-16.

¹² Neste trabalho mito e boato são empregues como sinónimos de representação simplista, falsa mas largamente partilhadas de um fenómeno. Todavia, em nenhum dos casos é por nós assumido estarmos perante manifestações de irracionalismo.

¹³ Veja Serra, Carlos (dir.), *Eleitorado incapturável*. Maputo: Livraria Universitária, 1999, pp.129, 133; *Notícias* de 22/12/97, p.3. Mas também não havia evidências de que a Renamo se tivesse esforçado para evitar o conflito nas áreas nas quais trabalhámos.

¹⁴ Este tipo de argumento aparece frequentemente na imprensa escrita e nos debates da Assembleia da República. Veja, entretanto, Serra, Carlos, Excelência, diabolização e auto-paternidade nas relações políticas, in Serra, Carlos (dir.), *Estigmatizar e desqualificar, Casos, análises, encontros*. Maputo: Livraria Universitária, 1998, pp. 196-197.

Por isso a Renamo aparece aos olhos do partido no poder como uma natureza desestabilizadora imutável¹⁵.

2.3.1.2. Com as teses culturalista, partidária, miserabilista-obscurantista, do torpor e androcêntrica

Na morfologia do mito, existem comprovadamente atributos culturais. Assim, por exemplo, há, aqui e acolá, evidência de preocupação popular com a impossibilidade de submeter os corpos das vítimas da cólera a rituais tradicionais¹⁶.

Não pode mesmo excluir-se a possibilidade de familiares das vítimas terem enterrado secretamente os corpos subtraindo o seu controlo às autoridades sanitárias¹⁷.

Na província de Nampula existe uma forte preocupação com a protecção mágica do corpo para evitar a acção dos maus espíritos (os *madjini*¹⁸), seja em vida, seja após a morte. A água joga aqui um papel vector. Essa a razão por que ao longo da vida as pessoas são sujeitas (quando crianças) ou sujeitam-se (quando adultas) a vários tipos de “banhos” fortificantes e protectores nos quais entram ingredientes diversos, como ervas, por exemplo, preparados pelos *moculucana* (curandeiros)¹⁹.

Mas o húmus cultural que enraíza e orienta os comportamentos sociais não pode ser usado como causa “natural” para a crença popular de que a cólera foi deliberadamente introduzida via cloro. Por outras palavras, não existem

¹⁵ Mas a Renamo procede da mesma forma em relação à Frelimo: esta é sempre vista como um partido marxista-leninista imutável.

¹⁶ *Notícias* de 21/11/1997, p.1.

¹⁷ *Ibid.*, de 22/02/2002, *op.cit.*

¹⁸ Esta acção é suposta poder ser accionada pelos antepassados caso estes se sintam privados de desvelo.

¹⁹ Helena Monteiro, *Diário de campo de Momba, Larde e Angoche*, 06/08/2002 a 26/08/2002; Fátima Colete, *idem*.

regras especificamente *macuas*²⁰ de imputação causal, não há uma organização cognitiva expressamente *macua*²¹.

Portanto, o mito aqui em estudo nada tem a ver com aquilo que o deputado da Renamo, Mafuta Banda, chamou “contexto cultural”²². Com efeito, os boatos concernentes à cólera e à acção governamental também são ciclicamente encontrados nas grandes epidemias de cólera registadas na Índia, por exemplo²³.

Por outro lado, não se podem excluir os efeitos da tensão política e da luta partidária desde 1994. Esses efeitos poderão potencialmente ampliar as expectativas, aumentar a incerteza e tornar mais extremos os comportamentos.

Mas a tese partidária não pode ser utilizada para explicar a inferência aqui em estudo. Na realidade, quando começámos a pesquisa não havia evidência, como já escrevemos, de que agitação tivesse sido e continuasse a ser obra da Renamo enquanto partido, ainda que porta-vozes seus tivessem admitido a participação de militantes nas chamadas “campanhas de desinformação”²⁴.

E mesmo que essa tese pudesse ser comprovada, faltaria, ainda, interrogar-nos sobre as razões que levariam as pessoas a endossá-la.

²⁰ Estamos a grafar em português.

²¹ A propósito das regras de inferência, veja Boudon, Raymond, *L'art de se persuader des idées douteuses, fragiles ou fausses*. Paris: Fayard, 1990; __, *Le juste et le vrai, Études sur l'objectivité des valeurs et de la connaissance*. Paris: Fayard, 1995. Para uma concepção essencialista da cultura macua, veja Geffray, Christian, *Ni père ni mere, Critique de la parenté: le cas makhuwa*. Paris: Seuil, 1990. Finalmente, para uma leitura “universal” do boato, consulte Froissart, Pascal, *La rumeur, Histoire et fantasmes*. Paris: Belin, 2002; Champion-Vincent, Véronique et Renard, Jean-Bruni, *De source sûre, Nouvelles rumeurs d'aujourd'hui*. Paris: Payot, 2002.

²² “As pessoas agiram num contexto cultural...”, in *Domingo* de 14/07/2002, p.4.

²³ Misra, Kavita, Productivity of Crises/Disease, Scientific Knowledge and State in Africa, in *Economic and Political Weekly (Mumbai)*, October 28, 2000, pp. 3892-3893. Agradecemos a Shubi Ishemo a cedência deste material.

²⁴ *Domingo...*, *op.cit.*

Não ter em conta essas razões significa transformar as pessoas em papel mata-borrão, em absorvedores acéfalos das ideias dos políticos e em peões de um comportamento mimético²⁵.

Também não é suficiente argumentar que as nossas áreas de pesquisa são de influência da Renamo²⁶. Semelhante posição, completamente animista, que irremediabiliza os fenómenos e dota os comportamentos de uma substância renamiama *sui generis*, apenas fortifica a preguiça dos raciocínios circulares, um dos quais tem a seguinte estrutura:

- As pessoas acreditam que a cólera é introduzida via cloro
- Por quê?
- Porque as áreas X, Y e Z são da influência da Renamo
- Que provas tem de que as áreas X, Y e Z são da influência da Renamo?
- Não vê que aí as pessoas acreditam que a cólera é introduzida via cloro?²⁷

Recusámos, igualmente, o que intitulamos tese miserabilista-*obscurantista*.

Na verdade, é tentador procurarmos nos indicadores de pobreza de Nampula os pilares do mito. A província, com mais de três milhões de habitantes, possui:

- A terceira mais elevada taxa de analfabetismo do país (70%), sendo a das mulheres a segunda mais elevada (85%);
- A segunda mais elevada taxa do país de insatisfação com os serviços de Saúde (62.4%) ;

²⁵ A tese do mimetismo encontra-se, por exemplo, em Girard, René, *Le bouc émissaire*. Éditions Grasset & Fsquelle, 1982, *passim*. Mas esta obra é, a um outro nível, rica, como teremos ocasião de ver mais à frente.

²⁶ Mazula, Brazão, *Moçambique/Dados Estatísticos do processo eleitoral*. Maputo: STAE, 1998; STAE, *Eleições Gerais – 1999*. Maputo: STAE, 2001.

²⁷ Veja, a propósito, Serra, Carlos, *Combates pela mentalidade sociológica*. Maputo: Imprensa Universitária, 1997, p.180.

- A segunda mais elevada taxa do país de pessoas que consideram que de 2000 para 2001 a sua situação económica piorou (28%, enquanto 34.3% afirmaram que se manteve na mesma e 13.7% que está muito pior);
- A segunda mais elevada taxa do país de pessoas que levam mais de 60 minutos a chegar à unidade sanitária mais próxima (70%)²⁸.

Esses e outros indicadores são, efectivamente, retaguarda importante do mito, são parte do conjunto das suas infra-estruturas sociais.

Mas não podem, em si, só por si, homologar uma leitura miserabilista com saída cómoda para o *obscurantismo*. O pensamento seria, então, o seguinte: porque as pessoas são pobres, as suas regras de inferência são tributárias de uma espécie de mentalidade pré-lógica geradora de uma interpretação enganosa do real.

Ora, o nosso pressuposto foi o de que se a crença é objectivamente falsa, ela faz, porém, sentido para os actores que a adoptaram e a adoptam, ela é sentida como subjectivamente verdadeira.

A crença nada tem de irracional, sejam quais forem os processos de inferência causal e o peso do pensamento simbólico do tipo analógico²⁹.

Afinal, ela é a fórmula de enunciação de problemas reais que, mais à frente, serão dados a conhecer.

Foi ainda posta de lado a tese do torpor social, a de um suposto estado de letargia popular, de aceitação permanente da injustiça, de felicidade na

²⁸ Instituto Nacional de Estatística, *Questionário de indicadores básicos de bem-estar, Relatório final*. Maputo: 2002, *passim*; Cruzeiro do Sul, Instituto de Investigação para o Desenvolvimento, *Levantamento sócio-económico dos distritos de Moma, Angoche, Mongincual e Mogovolas ano 2000*, *passim*.

²⁹ Sobre este tipo de pensamento, veja a secção dedicada à análise das respostas a um questionário administrado a estudantes do EP2.

pobreza³⁰, de imobilidade digamos que taxidermista. Na verdade, não são poucas as vezes que várias das vozes produtoras da verdade oficial, das representações legítimas e autorizadas no país, cantam, com regularidade, glosas ao pacifismo dos Moçambicanos, à sua tranquilidade primordial, natural, intransponível, quase genética, tranquilidade que apenas “mãos externas” podem perturbar³¹.

Finalmente, pusemo-nos o desafio de desconstruir a visão de um mundo produzido apenas ou principalmente pelos homens, seja nas práticas, seja nas representações sociais.

Na verdade, quisemos que as mulheres fossem eixos fundamentais no registo perceptual desta pesquisa e partimos do princípio de que elas guardam, contra o secretismo e o machismo representacional masculinos, uma produção de historicidade, uma actualidade e um empenho social pujantes. Essa postura foi também importante na selecção das investigadoras do trabalho de terreno.

Afinal, as mulheres *não* têm existência social: são, quase sempre, produto de uma produção masculina, de uma naturalização androcêntrica, de uma violência simbólica dessocializante, de um reenvio sistemático para o mundo da emoção, da domesticidade, da natureza, da botânica, da palavra aquiescente e, portanto, acrítica³².

³⁰ Consulte, a propósito, Soeur Emmanuelle avec Asso, Philippe, *Richesse de la pauvreté*. Paris: Flammarion, 2001.

³¹ O *Notícias* é, a esse respeito, uma fonte exemplar.

³² Esta posição, ainda que pessoal, é fortemente tributária de uma afirmação do sociólogo francês Alain Touraine, por nós registada quando de um curso seu dado em 2001 na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris.

2.3.2. Construção

Vamos, agora, construir um quadro teórico de referência com o qual ao mesmo tempo que procedemos à ruptura com as falsas evidências e as posições parciais, tentamos produzir a lógica que supomos constituir o suporte social do mito³³.

Fazendo-o, partimos do pressuposto de que a sociologia estuda as lógicas internas dos processos sociais, o que significa que importa encontrar aquilo que não é directamente visível³⁴, que está mineralizado ou submerso pela voz corrente (muitas vezes preguiçosa ou, no caso das elites produtoras do saber autorizado, intencional), pela ideologia, pelas regras.

O estudo das lógicas sociais permitir-nos-á transformar os factos sociais em factos sociológicos, detectando as relações escondidas nas situações e os conflitos disfarçados na harmonia externa³⁵.

2.3.2. 1. Conceito de crise

No seu sentido médico original, a crise é uma perturbação³⁶ que permite um diagnóstico. Transposto para o mundo social, o conceito tem dois níveis:

1. Revelador significativo de realidades latentes ou subterrâneas
2. Revelador significativo de conflito

Uma crise não só revela quanto desencadeia uma problematização.

A problematização, por efeito e contra-efeito (inquietação ou angústia), põe em marcha um processo, frequentemente mitológico, de racionalização,

³³ Veja Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van, *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 1998, 2.^a ed., pp. 26-28.

³⁴ Houtart, François, *Sociologia da religião*. São Paulo: Editora Ática, 1994, p.23.

³⁵ Touraine, Alain, *Pour la sociologie...*, *op.cit.*, *passim*.

³⁶ Este conceito racionalizador é, porém, frequentemente dúbio e supõe a existência de um estágio ou de estágios anteriores sem “problemas”, o que é sempre bem difícil de provar.

digamos que de domesticação do desconhecido, destinado a colmatar a brecha e a inquietação sociais surgidas com a subversão do habitual. Nesse processo sinuoso, com uma fase terminal paroxística, a busca de culpados, de bodes expiatórios joga um papel fundamental e dramático³⁷.

Ora, a crença objectivamente falsa, mas subjectivamente sentida como verdadeira, de que o Governo produz intencionalmente a cólera através do cloro, actua sob os seguintes registos (ampliando, agora, o quadro dos dois níveis atrás apresentado):

1. Como um fusível que revela digamos que um *sobre-aquecimento* social intolerável que importa investigar e do qual ou no qual mortes em excesso agem como aceleradores ou enzimas;
2. Como sentido social múltiplo enquanto estrutura mitológica, no seu mostrado-oculto³⁸;
3. Como desnudador de uma tensão social cuja superfície se traduz por um conflito de interpretações³⁹ (o Governo a querer erradicar a cólera com o cloro, as populações convencidas de que o cloro se destina a introduzir a cólera e a matá-las);

2.3.2.2. Eclipse do social e busca de bodes expiatórios

Todo o processo da crise visa como que eliminar a *poluição* social existente e permitir o regresso a uma espécie de estado anterior, considerado, agora, por reavaliação, como bom. O processo social é visto como insuportável,

³⁷ Estivemos a citar e a adaptar Morin, Edgar, *La rumeur d'Orléans*. Paris:Essais/Seuil, 1969, pp. 249-250.

³⁸ Veja Ricoeur, Paul, *O conflito das interpretações, Ensaio de hermenêutica*. Rio de Janeiro: IMAGO Editora, 1978, pp.14-15.

³⁹ *Passim*.

como absolutamente indiferenciador, como nivelador de tudo e de todos. A ordem social colapsa, é posta em questão. Ocorre, então, o eclipse do social.

Oito registos mapeam a crise:

1. É real, com contornos bem visíveis, com explosões sociais musculadas;
2. É transcultural, quer dizer que não pertence a um quadro cognitivo específico a esta ou àquela cultura;
3. É trans-histórica, quer dizer que a sua ocorrência transcende épocas históricas determinadas;
4. Os procedimentos de inferência não assentam em causas naturais, mas em causas sociais⁴⁰. O princípio não é “o que provoca isto?”, mas “quem me (nos) faz mal e por quê?”⁴¹. As causas significativas expulsam as causas naturais⁴²;
5. A crise segrega a busca quase *natural* de bodes expiatórios⁴³;
6. Os bodes expiatórios são seleccionados em função de tudo o que sugere afinidade culpável com a crise⁴⁴; eles surgem como seres estrangeiros, passantes ocasionais, são, enfim, *acunha*⁴⁵; os alvos podem não ser seleccionadas nas famílias vitimárias tradicionais (um parente, uma mulher idosa considerados feiticeiros pelos curandeiros, os *moculucana*), mas entre as figuras ao serviço da modernidade

⁴⁰ Girard, René, *Le bouc...*, *op.cit.*, pp.37-38.

⁴¹ Para este tipo de regras de inferência, veja Elias, Norbert, *Engagement et distanciation*. Paris: Fayard, 1983, p.94.

⁴² Girard, René, *Le bouc...*, *op.cit.*, pp. 144-145.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ O termo *acunha* reenvia para autoridade, “poder”, função, etc., independentemente da raça.

(administradores ou chefes de postos administrativos, enfermeiros, *mapéwé*⁴⁶, *apwiyamwene*⁴⁷, parteiras, extensionistas de ONGs, etc.);

7. Os bodes expiatórios podem sofrer uma conversão cultural. Assim, podem surgir como formulações modernas dos *madjini* tradicionais. Este é um processo simultaneamente velho (recurso à imputação causal da tradição) e novo (o panteão da *madjinidade* actualizado, modernizado);
8. A busca de bodes expiatórios gera violência colectiva redentora como se destinada a evacuar a poluição social⁴⁸;

É a marcha do que chamamos *efeito Machault*, um efeito universal que nada tem, uma vez mais, de especificamente nampulense ou *macua*.

2.3.2.3. Efeito Machault

O poeta francês Guilherme de Machault escreveu em meados do século XIV um poema pouco conhecido mas que tem um grande valor sociológico. Ele reportou que as comunidades francesas estavam agitadas quer por caírem “pedras” (granizo) do céu, quer, especialmente, por morrerem muitas pessoas com o que hoje chamamos peste negra.

Agitadas, interrogadoras, perplexas, as comunidades entraram rapidamente em convulsão e a resposta às causas do mal-estar foi encontrada nos judeus e nos seus “amigos” cristãos. Estes foram considerados responsáveis pelas mortes *porque* envenenavam as fontes de água. Seguiram-se a violência e a chacina.

⁴⁶ Chefes das chefaturas tradicionais.

⁴⁷ Rainhas, pertencentes às linhagens nobres dos *mapéwé*.

⁴⁸ Girard, René, *Le bouc...*, *op.cit.*, pp.144-145

Tivemos como pressuposto que o articulado de fenómenos ocorridos nas zonas costeiras de Nampula não é, na sua lógica, no que possui de convulsão, de regras de inferência e de vitimização, muito diferente do que se passou nas comunidades francesas. Vivendo uma crise, os actores locais são prisioneiros de um duplo constrangimento.

2.3.2.4. Duplo constrangimento

Num texto de Edgar Poe, dois pescadores viram-se confrontados com um turbilhão. Um, o mais velho, entrou em pânico e acabou por ser sorvido e morrer. O outro, porém, foi capaz de estudar o fenómeno e de encontrar uma solução para sobreviver, auto-controlando-se e, assim, controlando a situação⁴⁹.

Esta história dos pescadores reenvia para a interdependência funcional entre equilíbrio afectivo e o processo sob o qual esse equilíbrio tem lugar.

Uma forte exposição aos perigos inerentes a um processo aumenta o carácter emocional das reacções humanas.

Ao mesmo tempo, uma forte emotividade na reacção diminui as possibilidades de uma apreciação realista dos perigos⁵⁰.

Esse é o coração do *double bind*, do duplo constrangimento. Esse é, também, no nosso corpo teórico, uma chave-mestra dos acontecimentos em Nampula.

⁴⁹ Elias, Norbert, *Engagement...*, *op.cit.*, pp. 77-78.

3. Técnicas e objectivos

O corpo teórico da pesquisa foi operacionalizado num quadro metodológico especialmente seleccionado para surtir efeitos em zonas nas quais prevíamos enfrentar muitas dificuldades de recepção e compreensão dos objectivos do nosso trabalho.

O quadro metodológico foi construído com as seguintes técnicas e objectivos:

TÉCNICAS	OBJECTIVOS
1. Trabalho de arquivo (“Notícias” de 1973/1974, 1994/1995 e 1997 ⁵¹ ; internet ⁵² ; literatura colonial impressa e cinzenta, incluindo a confidencial e secreta, no Arquivo Histórico de Moçambique)	(1) Verificar se houve antes de 1998 fenómenos de crença do mesmo tipo daquele que constitui a razão de ser da pesquisa; (2) inventariar fenómenos propícios a criar ou a facilitar a crença em estudo
2. Entrevistas individuais estruturadas (sedes de distritos ou de postos administrativos)	Conhecer as opiniões de agentes <i>produtores de opinião</i> ao nível da “modernidade” e da “tradição” ⁵³ em relação aos objectivos da pesquisa Registos de depoimentos de enfermeiros, professores (de preferência de biologia) do EP2, matronas, <i>mapéwé</i> , <i>apwiyamwene</i> e <i>influentes locais</i> ⁵⁴
3. Entrevistas em foco a efectuar em bairros e aldeias ⁵⁵	<i>Idem</i> no tocante às pessoas mais humildes, especialmente mulheres
4. Questionário (a administrar nas sedes distritais ou de localidade e na cidade de Nampula a turmas de estudantes do EP2)	Avaliar o tipo de inferência causal e o potencial de crença em fenómenos extra-humanos de estudantes no limiar do ensino secundário

⁵⁰ *Ibid.*, p. 79.

⁵¹ A pesquisa no “Notícias” teve por objectivo verificar se a estrutura mitológica em estudo precedeu ou foi contemporânea de períodos caracterizados por fenómenos políticos “fortes” (transição em 1974, independência nacional em 1975, eleições presidenciais e legislativas de 1994).

⁵² Referência: www.mol.co.mz/

⁵³ Estes termos, cheios de ambiguidade, têm apenas a função de simplificar rapidamente a classificação dos actores.

⁵⁴ Foi nossa preocupação evitar entrevistar os actores quer governamentais quer directamente ligados ao aparelho político formal. Mas o trabalho de campo mostrou-nos que vários dos depoentes estavam e estão ligados a um e outro campo.

⁵⁵ O objecto da pesquisa exigia um grande investimento no contacto face-a-face. Daí o termos decidido empenhar muitas horas nas entrevistas, individuais e em foco, marginalizando, de alguma maneira, a metodologia baseada no questionário com amostragem probabilística, cuja aplicação seria, certamente, problemática, dada a tensão e o receio existentes. Todos os nossos entrevistados foram mantidos no anonimato. Por outro lado, as entrevistas foram construídas no sentido de cobrir um largo espectro de temas de natureza vária, por forma a dar ao mito um contexto adequado e uma retaguarda causal ampla e prismática.

5. Diário de campo	Registo perceptual diário pelos investigadores, com base num guião, de tudo o que permeasse a pesquisa
--------------------	--

4. Resultados da investigação

Vamos agora apresentar os resultados da investigação divididos em três unidades: período pré-1998, situação em 1998 e situação entre 1999 e Agosto de 2002.

4.1. Período pré-1998

1. A epidemia da cólera é antiga no país e há quem tenha defendido que o seu aparecimento data de 1859, na Ilha de Moçambique⁵⁶;
2. Não foi encontrada evidência empírica da existência de cólera em Nampula entre 1946 e 1974⁵⁷.
3. Não foi encontrada evidência empírica da existência antes de 1998 de agitação social provocada pela crença;
4. Não foi encontrada evidência empírica de correlação entre crença e islamismo⁵⁸;
5. Uma agitação social registada na província de Nampula em 1974 foi especialmente obra de uma parte da população colona, perturbada com a proximidade da independência nacional e com a perda dos seus

⁵⁶ Notícias de 27/09/1995.

⁵⁷ Fundo do Governo Geral, Inspeção dos serviços Administrativos e dos Negócios Indígenas, Cx. 77, H. E. de Sousa, *Relatório da Inspeção Ordinária ao Distrito de Nampula, Província do Niassa*, 1946-48, vols 1/3; *Relatório da Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene*, anos 1955/56, s/p; Cx. 84, A. de Miranda Raposo, *Relatório da Inspeção Ordinária à Administração do Concelho de Moma*, 1967; Cx. 79, José F. Modesto, *Relatório da Inspeção Ordinária à Administração do Concelho de António Enes*, 1968, vol.1; Cx.2131, *Relatório da Direcção dos Serviços de Saúde e Assistência*, 1969; Fundo do Governo Geral, Secreto, Cx 2303, *Sitrep circunstanciado nº 52/70*, GOVDM/Nampula, s/p. Um relatório de 1973 nem sequer considera refere a cólera como doença a ter em conta nos planos de prevenção em Moçambique – veja Direcção dos Serviços de Planeamento e Integração Económica, IV Plano de Fomento, *Relatórios Sectoriais* (Parte III, Vol. 12, Saúde, tomo 2, Saúde Pública, 1973); *Notícias* de 1973/1974.

⁵⁸ *Ibid.*

privilégios. Esse tipo de agitação deu-se em outros pontos do país. Ela não pode, assim, constituir a pré-história da agitação popular que se estende de 1998 a 2002 na província de Nampula⁵⁹.

4.2. 1998: o início do *maelström*

Em 1998 acontece um fenómeno novo na história de Moçambique: eleições autárquicas. É um ano de grande tensão política, com a Frelimo apelando ao voto e a Renamo ao boicote.

Surgiram na altura vários boatos, entre os quais o da cólera intencionalmente provocada para matar as populações⁶⁰.

Mas antes de descrevermos alguns desses fenómenos, expliquemos o que é um boato.

Um boato é um fenómeno de crença transsubjectiva que se espalha muitas vezes como uma bola de neve e mediante o qual um determinado fenómeno é visto como que através de um espelho deformado. O boato é a maneira como um fenómeno objectivo é visto subjectivamente. Ele traduz a distância que há entre algo que se passa ou se passou e o que nós julgamos que se passa ou se passou.

O boato pode ser intencionalmente provocado ou surgir de forma espontânea.

É especialmente potente quando existe uma crise ou uma eminência de crise e, em particular, quando o meio que o acolhe e que, de alguma maneira, lhe dá o efeito bola de neve, enfrenta muitas dificuldades e carências.

É preciso não esquecer que havia muita expectativa sobre o desenrolar das eleições autárquicas, que a actualização dos dados do recenseamento eleitoral

⁵⁹ *Notícias* de 1973/1974; __, 1994/1995; __, 1997, 2001, 2002 (último número de Junho).

se fizera em Novembro e em Dezembro de 1997, que se discutia em 1998 no Parlamento a lei do serviço militar obrigatório, que a lei das autarquias fora aprovada em Maio, que havia muita ansiedade sobre se as eleições iriam ter lugar e sobre se a desistência da Renamo não significaria um retorno à guerra.

Portanto, existiam condições objectivas para muitas pessoas se sentirem inseguras.

É em circunstâncias de inquietação como essas que os boatos surgem ou se agudizam.

Um boato é uma crença. Muitas vezes essa crença implica uma autêntica revisão dos quadros cognitivos tradicionais e o surgimento de concepções que são objectivamente falsas mas que são sentidas como subjectivamente verdadeiras.

Mas não só: crenças falsas podem ter fundamentações verdadeiras.

Na sequência de uma pesquisa efectuada em 1998 e por nós dirigida, verificou-se haver muita inquietação entre as pessoas de Nampula e Angoche por pensarem no retorno à guerra caso a Renamo não participasse nas eleições autárquicas. Dizia-se, por exemplo, que dirigentes da Renamo se estavam a deslocar para as suas bases militares.

“No desenvolvimento destas ideias deixam as pessoas com bastante medo. E é isso que podemos ler na cara das pessoas que inquirimos.”⁶¹

⁶⁰ Secção baseada em Serra, Carlos, *Eleitorado...*, *op.cit.*, pp. 172-177.

⁶¹ *Comentários sobre a 2.ª inquirição da escala de atitudes.*

A partir de Janeiro dois importantes boatos se espalharam por várias partes do País. Referimo-nos à cólera intencionalmente provocada e ao Serviço Militar Obrigatório.

O boato da cólera assumiu características peculiares em Nampula, onde a cólera teve repercussões graves, em particular no distrito de Momba.

No bairro de Namicopo havia e há muita gente desempregada, vivendo de pequenos biscates e do pequeno comércio retalhista. A criminalidade era grande nesse bairro hostil ao governo⁶². Como escreveu alguém em 1998, havia nele “muita agitação”⁶³.

Ora, em Maio de 1998 surgiram aí dois boatos. O primeiro na sequência da construção de uma enfermaria de cólera. Vejamos um relato elaborado pela nossa equipa de Nampula:

“(…) os residentes interpretaram em como sendo um lugar preferido para acabar a vida da maior parte da população residente e que nesta operação seria usada uma técnica científica avançada que teria mesmo sintoma, a da cólera, e esta seria mais violenta porque os bairros de Namicopo e Carrupeia são os mais populosos, por isso o governo fez esse estudo para reduzir o número dos populares aqui residentes e isso parou com a intervenção da polícia do governo provincial, a saída e a sensibilização da população a seguir toda essa informação(…)”⁶⁴

Depois, foi o pânico, primeiro nas escolas de Namicopo e Carrupeia, a seguir em toda a cidade de Nampula, com as crianças recusando ir às aulas porque, dizia-se, pessoas, europeias e negras, estavam a vacinar crianças nas escolas e elas morriam de imediato, na sequência

⁶²*Diário de campo*, 07/03/98, 7.30 horas. Nampula.

“de medidas que o governo tomava para diminuir o número de crianças porque eram muitas, boato que se arrastou para todas as escolas da cidade onde nesse período as crianças nas escolas eram inimigas de carros e de pessoas geralmente vestidas de branco. Se parasse um carro em frente da escola as crianças corriam que até faziam velocidade superior à dos carros para escaparem da suposta morte.”⁶⁵

A crença de que as vacinas se destinavam a «diminuir» o número de pessoas surgiu, também, em Sofala⁶⁶.

Ainda em Maio, eclodiu nas cidades de Nampula e Angoche o boato de que as pessoas mortas de cólera eram usadas para saldar as dívidas contraídas pelo governo. O facto de os familiares estarem interditos de visitar os doentes de cólera hospitalizados era interpretado como sendo uma tática governamental destinada a permitir a extracção clandestina de sangue e de outros órgãos destinados aos credores. A prova, segundo o boato, estava em que os cadáveres não eram entregues aos familiares, sendo embalados em plásticos⁶⁷.

Na cidade de Nampula e na sequência da campanha de prevenção da cólera, foi lançado um programa de tratamento da água. Imediatamente, surgiram pessoas, nomeadamente no bairro Naticiri, a dizer que o tratamento se destinava não a impedir a cólera, mas a provocá-la⁶⁸.

⁶³ *Resumo dos trabalhos realizados de 7/12 de Junho.*

⁶⁴ *Idem.*

⁶⁵ *Idem.*

⁶⁶ *Jornal da manhã da Rádio Moçambique, 26/08/98, 6.00 horas.*

⁶⁷ *Comentários sobre a 2.ª inquirição.*

⁶⁸ *Idem.*

Estamos perante crenças cuja causalidade é objectivamente falsa, mas cuja fundamentação é sentida como subjectivamente verdadeira, mesmo ao nível das crianças.

Há muitos anos que em Nampula e em outras províncias (designadamente Zambézia, Cabo Delgado e Niassa) se associa a perda de força, de sangue e do sentido da vida a acções governamentais. Exemplar, a esse propósito, é o boato do “chupa-sangue”⁶⁹.

O boato da cólera mais não é, em nosso entender, do que um prolongamento ou do que uma variação dessa grande crença transsubjectiva pela qual é suposto que a vida perde sentido ou, com mais rigor, que é intencionalmente “roubada” através do sangue.

Apodar a crença de irracional e/ou atribuí-la exclusivamente à acção premeditada dos partidos da oposição permite a adopção de cómodas soluções a-todo-o-terreno, mas que são, afinal, soluções preguiçosas ainda que estratégicas: com o apodo comprazemo-nos no papel de racionalistas traídos pela inércia da pré-modernidade ou do pensamento pré-analítico; com a atribuição, limitamo-nos a juntar à desqualificação social o sempre cómodo bode expiatório.

Antecipando um argumento a desenvolver mais à frente, pode dizer-se que o boato popular da cólera intencionalmente provocada pelo governo é uma maneira política, simultaneamente metafórica e directa, de manifestar insatisfação, falta de confiança. Até porque, como comentaram várias pessoas

⁶⁹Veja Serra, Carlos, *Combates...*, *op.cit.*, pp.59-73.

no bairro de Muahivire em Nampula, “quem morre só são pobres residentes nos bairros.”⁷⁰

Neste sentido, o boato da cólera não é aberrante nem ilógico. Importa é conhecer as razões que as pessoas têm para crer no que crêem.

Da mesma forma, o boato sobre o recrutamento do serviço militar não ocorre por acaso. Ao conjunto de fenómenos mais atrás apresentado, veio juntar-se o conhecimento, real ou deformado, do reacender do conflito armado em Angola e do conflito armado despoletado na Guiné-Bissau. É sobre esse fundo plural que retroagiu a memória de uma guerra, a nossa, com todo o seu desfile de horrores, a começar logo no recrutamento compulsivo (“tira-camisa”) e no rapto.

O medo era tão grande que, por exemplo, as inscrições que decorriam na Direcção Distrital do Trabalho em Angoche para candidatos a emprego foram confundidas com uma forma de recrutamento para a guerra. Mesmo crianças difundiram o boato.⁷¹

Por todo o lado correu o boato do recrutamento militar destinado a enviar mancebos para Angola e Guiné.⁷²

A “subjectivação” e a extrapolação efectuadas nada têm de anormal. Também neste caso estamos perante uma crença que mostra pouca confiança no Estado.

Não há evidência de ter sido a Renamo a criar os boatos, ainda que seja muito razoável supor que ela tivesse tentado usar o recurso político de

⁷⁰*Resumo/Diário*, 13/03/98. Nampula, 13/03/98.

⁷¹*Diário de campo*, 28/02/98, 6.00. Angoche; __, *Síntese das actividades de Fátima Colete em Angoche*. Nampula, 9/03/98.

⁷²*Diário de campo*, Dia 18 de Fevereiro de 1998, 8.00 horas. Chimoio; __, Entrevista a Mua Ahmed Sidat, 18/02/98. Chimoio; EN, *Reacções face ao adiamento das eleições de 29 de Maio para 30 de Junho de 1998*. Nampula, 13/04/98; *Diário de Moçambique* de 12/02/98, p.2.

apresentar a Frelimo como incapaz de resolver os problemas sanitários das pessoas⁷³ e, portanto, como ilegítima.

As pessoas não precisam de partidos para acreditar no que acreditam. Muitas vezes, imputar coisas à Renamo ou à Frelimo é uma boa maneira de recusar às pessoas o direito à opinião e à crítica.

Finalmente, não é possível excluir o impacto dos boatos apresentados na abstenção verificada nas eleições de 30 de Junho, em particular em Nampula e Angoche, onde a acção combinada dos dois boatos (cólera premeditada e SMO) parece ter sido mais intensa.

4.3. Situação entre 1999 e Agosto de 2002

Nesta secção daremos primeiro conta dos dados gerais de arquivo e, a seguir, dos dados obtidos na pesquisa de terreno.

4.3.1. Dados gerais de arquivo

As conclusões do levantamento arquivístico podem ser apresentados nos seguintes 22 pontos⁷⁴:

1998

1. Os primeiros boatos de que a cólera é intencionalmente provocada datam de 1998. A crença de que o Governo está a introduzir a cólera mediante o cloro teve e tem Nampula como seu palco principal, ainda que também tivesse surgido em Niassa em 2002⁷⁵. Não foi encontrada evidência

⁷³Pense-se nas centenas de pessoas que morreram de cólera, especialmente na Beira.

⁷⁴Serra, Carlos, *Eleitorado...*, op.cit., pp.172-177.

⁷⁵No tocante a Niassa, veja *Faisca* de 07/02/2002, p.7.

empírica de que o boato tivesse aparecido em áreas onde a incidência da epidemia foi tão ou mais intensa, como em Maputo.

1999

2. O ano de 1999 é um ano em que o boato não está visível, apesar da tensão política prevalecente.

2000

3. Em Março de 2000 é dado a conhecer que três mil toneladas de algodão, ainda em posse dos camponeses e produto da campanha de 1998/9, se estava a deteriorar na província de Nampula em virtude de os concessionários terem interrompido a compra, alegando descapitalização e mau estado das estradas⁷⁶.
4. Em Maio do mesmo ano cerca de 100 militantes da Renamo atacaram o posto da polícia em Aúbe⁷⁷. A neuropatia tropical afecta o distrito de Mongicual devido ao consumo da mandioca amarga⁷⁸.
5. Em Agosto do mesmo ano é noticiado que o Conselho de Ministros se iria reunir em Angoche⁷⁹, enquanto o chefe de Estado visita Nampula em Setembro⁸⁰. Entretanto, um vírus não identificado provoca o apodrecimento precoce da mandioca, gerando apreensão nas populações para quem o tubérculo é um alimento fundamental⁸¹.

⁷⁶ <http://www.mol.co.mz/notmoc/2000/0306ag.html>.

⁷⁷ <http://www.mol.co.mz/notmoc/2000/0515po.html>.

⁷⁸ <http://www.mol.co.mz/notmoc/2000/0515so.html>.

⁷⁹ <http://www.mol.co.mz/noticias/000831.html>.

⁸⁰ <http://www.mol.co.mz/noticias/000904.html>.

⁸¹ <http://www.mol.co.mz/noticias/00081ag.html>.

6. Em Setembro, um incêndio deflagrou na localidade de Geba, no distrito de Memba, destruindo 200 casas e deixando cerca de mil pessoas ao relento⁸².
7. Em Outubro, quando a cólera afecta a província, a Renamo afirma que iria começar manifestações em todo o país no fim do mês para protestar contra os resultados eleitorais de 1999⁸³. Entretanto, pragas de vários tipos afectam as culturas agrícolas em Nampula. Os camponeses mostram-se agastados com o Governo, alegando que este não lhes dá incentivos que permitam a sua participação no combate às pragas através de créditos bancários para aquisição de pesticidas⁸⁴.
8. Indicadores revelados em Novembro observam que, em Nampula, das 1.500 toneladas previstas de pescado, apenas 730,8 toneladas foram capturadas, representando um decréscimo de 49%. A actividade pesqueira é maioritariamente praticada por pescadores artesanais⁸⁵.
9. No mesmo mês, sabe-se que 6.000 trabalhadores (dos quais 3.000 da província de Nampula) perderam emprego no sector do caju na sequência da paralisação da maioria das fábricas de processamento da castanha⁸⁶.
10. Registaram-se 22 mortos e 113 feridos em confrontos entre a polícia e manifestantes da Renamo um pouco por todo o país a 9 de Novembro. Em Nampula, os manifestantes tentaram impedir a passagem de um comboio de passageiros, colocando troncos na linha férrea. Em Angoche a polícia disparou contra manifestantes no bairro de Ingúri. Houve também

⁸² <http://www.mol.co.mz/noticias/000905.html>.

⁸³ <http://www.mol.co.mz/notmoc/001002po.html>.

⁸⁴ <http://www.mol.co.mz/notmoc/00101ag.html>.

⁸⁵ <http://www.mol.co.mz/notmoc/001106ag.html>.

⁸⁶ <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/0122ag.html>.

confrontos em Mogovolas, Calipo, Iapala, Moma, Nacala-a-Velha e Ilha de Moçambique, sendo reportados vários mortos⁸⁷.

2001

11. Sabe-se em Fevereiro que a fome assume contornos preocupantes em Nacala-a-Velha, afectando cerca de 77.000 pessoas⁸⁸.
12. Em Abril noticia-se que a mandioca continua a apodrecer em Nampula. A doença, que eclodira havia dois anos, afecta os distritos de Mogovolas, Mossuril, Nacala-a-Velha, Memba e Ilha de Moçambique. Os camponeses estão preocupados⁸⁹.
13. Em Julho sabe-se que uma estranha doença dizima os caprinos no distrito de Angoche, tendo morrido 84 animais num intervalo de um mês de um total de 280⁹⁰.
14. É reportado em Agosto que a fome assola Moma e Memba⁹¹ e que as privatizações fizeram perder o emprego a 13.929 trabalhadores, dos sectores de caju, têxtil, bebidas e refrigerantes, madeira, comércio e serviços⁹².
15. A 29 de Outubro a Renamo inicia na cidade de Nampula o seu IV Congresso⁹³.
16. A 17 de Dezembro dão-se grandes levantamentos populares em Memba, onde a cólera siviçara severamente as populações em 1998. Populares queimam casas e atacam funcionários da Saúde e régulos com o

⁸⁷ <http://www.mol.co.mz/noticias/001110.html>.

⁸⁸ <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/0219ag.html>.

⁸⁹ <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/0402ag.html>.

⁹⁰ <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/0723ag.html>.

⁹¹ <http://www.mol.co.mz/noticias/010820.html>.

⁹² <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/0827ec.html>.

argumento de que eles tinham introduzido a cólera através do cloro para exterminar a população. A Frelimo atribui uma vez mais a responsabilidade dos acontecimentos à Renamo. O objectivo dessa partido, disse um militante da Frelimo, era o de tornar o país ingovernável⁹⁴.

2002

17. Reporta-se em Janeiro que a peste suína matou 4660 animais na cidade de Nampula e nos distritos de Malema e Ribáuè⁹⁵.
18. A 16 de Fevereiro anuncia-se a morte de 34 pessoas de um total de 4251 casos desde a eclosão da cólera em Outubro do ano anterior, estando afectados 13 dos 21 distritos da província de Nampula⁹⁶.
19. A 22 do mesmo mês são conhecidos 48 óbitos de 5.000 casos registados⁹⁷.
20. Em Março, estavam 17 distritos afectados, com 80 óbitos num total de 8.000 casos notificados, sendo o distrito de Moma o mais afectado com 18 mortos de 350 casos notificados. Acontecem levantes populares em Larde a 24 de Fevereiro, sendo o Governo acusado de introduzir a cólera. São feitas várias detenções. O ministro da Justiça atribui à Renamo a responsabilidade dos acontecimentos⁹⁸. Isto numa altura em que em Nipepe, na província do Niassa, 500 pessoas invadiram a sede distrital,

⁹³ <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/1029po.html>.

⁹⁴ *Mozambiquefile* (307)..., *op.cit.*, p.23

⁹⁵ <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/1029po.html>.

⁹⁶ *Notícias* de 16/02/02, p.1.

⁹⁷ *Notícias* de 22/02/02

⁹⁸ <http://www.mol.co.mz/noticias/2002/0107ag.html>.

visando o chefe de posto na crença de que trouxera a doença de Lichinga⁹⁹.

21. Estimam-se 100 óbitos de 8.000 casos notificados de cólera, afectando Malema, Ilha de Moçambique, Murrupula, Meconta, Monapo, Mogovolas, Moma, Eráti, Mecubúri, Ribáuè, Lalaua, Nacala-a-Velha, Angoche e a capital¹⁰⁰.

22. Sabe-se em Junho que fracassou a campanha de pulverização intradomiciliária contra o mosquito, em curso havia duas semanas, nas principais cidades da província, dado que as populações se mostraram hostis às brigadas encarregadas de executar o trabalho, associando-as a emissários de “chupa-sangue”¹⁰¹.

Podemos, agora, apresentar as conclusões e os comentários em 9 pontos:

1. Não é possível estabelecer uma correlação entre crença e eleições, na medida em que as eleições legislativas e presidenciais de 1994 não foram acompanhadas pela crença. É tentador pensar que a correlação pode ser estabelecida com o boicote pedido pela Renamo nas eleições municipais de 1998, mas seria ainda necessário saber por que razão a crença se manteve até hoje na ausência de novas eleições.
2. Não é possível estabelecer uma correlação entre a crença e a premeditação política, ainda que o impacto do boato não possa ser subestimado tendo em conta as dificuldades de vida das populações. Porém, mesmo aceitando-se esse impacto, faltaria, ainda, conhecer as razões por que as pessoas aderem ao boato.

⁹⁹ *Idem*, de 14/03/02, p.1. O distrito de Nipepe faz fronteira com a província de Nampula através de Laláua.

¹⁰⁰ *Idem*, de 26/03/02, p.1.

¹⁰¹ *Notícias* de 17/06/02, p.1.

3. Governantes e funcionários do partido no poder falam sistematicamente em "campanha de desinformação" levada a cabo pela oposição em geral e pela Renamo/União eleitoral em particular. Mas nenhuma evidência sistemática foi apresentada para comprovar a acusação.
4. Os diferentes tipos de fenómenos que apresentámos são, se concentrados, propícios a criar, ampliar e enraizar uma leitura paroxística e emocional dos fenómenos na província de Nampula. Parece existir uma situação de crise social plural, rizomática, adequada à formação de multidões, à busca de bodes expiatórios e a catarses colectivas violentas.
5. As referências à necessidade sentida, aqui e além, pelas populações, de tratar "tradicionalmente" os corpos de mortos de cólera, constituem um dado importante, mas não suficiente para compreender a genealogia do fenómeno de imputação causal.
6. A semelhança entre os termos *cólera* e *cloro* parece ser importante.
7. O quadro informativo encontrado aponta para uma intranquilidade social grande, ainda que a informação oficial remeta para a oposição a responsabilidade dessa intranquilidade. Funcionários governamentais, chefes tradicionais e funcionários de ONGs, especialmente os da SNV, revestem a condição perversa de agentes "estrangeiros", distantes e enigmáticos, que surgem, numa operação cognitiva popular por *deslocamento* e ainda que percebidos como agentes de melhores condições de vida, como os responsáveis do mal-estar e das

contradições locais. Em situações de ansiedade social, o "estrangeiro" é, normalmente, o exatório à mão.

8. A imputação causal assenta não no princípio "o que provoca isto?", mas no princípio "quem provoca isto?". Há como que um deslocamento das velhas causas *mágicas* e para-humanas (acção de maus espíritos, acção à distância de um feiticeiro), referidas num relatório de 1951¹⁰², para causas visíveis, humanas, tangíveis, *modernas* (funcionários governamentais e do partido no poder, *mapéwé*, *apwiyamwene*, funcionários de ONGs, etc.).
9. Os dados de arquivo mostraram não estarmos ainda diante de conflitos de baixa intensidade. Mas os fenómenos percutores apresentados e a intolerância popular devido à cólera podem gerar um conflito desse tipo face à mais do que provável crispação política nas eleições municipais de 2003 e nas legislativas e presidenciais de 2004¹⁰³.

O filme apresentado pode ainda ser sumarizado da seguinte maneira:

- Não existem situações de tensão social geradoras de boatos do tipo cólera antes de 1998;
- Em 1998 esses boatos surgem no bojo de um clima de grande tensão política.
- Entre 1998 e 2002 a tensão política permanece, enquanto fenómenos sociais e naturais tomam curso, perturbando a vida dos habitantes da província de Nampula: pragas, despedimentos, encerramento de fábricas, seca, etc.

- Estão criadas condições para o aparecimento de fenómenos de paroxismo popular, exemplificados pelos acontecimentos de 17 de Dezembro de 2001.

4.3.2. Dados da pesquisa de terreno

Faremos o registo dos dados da pesquisa por cada um dos três distritos nos quais trabalhámos. Esses registos foram deliberadamente preparados para surgirem com muitas citações por forma a imprimir ao texto um grande valor testemunhal.

Verificaremos que temos um cenário idêntico nos três distritos, mas como uma espécie de cristação crescente à medida que se caminha de norte para sul, surgindo Larde como uma espécie de pico do processo.

DISTRITO DE MEMBA

A sede tem um aspecto desolador, muitos edifícios estão degradados.

Um funcionário de uma ONG local disse-nos que o povo local acreditava que a cólera estava a ser *distribuída* pelos funcionários da administração local, pelos chefes tradicionais (*mapéwé*), *apwiyamwene* e algumas pessoas ligadas às ONGs, como SNV e *Save the Children*. Mas por quê? Porque “essas organizações são acusadas de não fazerem algo palpável que beneficie as populações”¹⁰⁴. A SNV, por exemplo, é acusada de não cumprir com as promessas feitas: de parceria com a *MONASO*, distribuiu créditos a três comerciantes que têm bancas, mas não a outros de menores posses,

¹⁰² Almeida, António de, *Monografia etnográfica sobre uma população indígena (Moma)*, 1951, s/p.

¹⁰³ Como veremos mais à frente, os resultados da pesquisa de terreno tornam esta perspectiva mais robusta.

¹⁰⁴ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

cujos nomes inscreveu. É igualmente acusada de não distribuir redes aos pescadores da sede de Memba e em Simuco (aqui ocorreram violentas manifestações por causa da cólera e um técnico da SNV quase foi agredido)¹⁰⁵.

No seu diário de campo, escreveu a nossa colega Helena Monteiro que “as pessoas ficam à espera que as organizações desempenhem o papel de financiadoras e não de meras conselheiras, exactamente porque as pessoas esperam que essas organizações ajudem a instalar escolas, poços de água, forneçam redes e sementes, etc. A organização que não presta nenhum desses serviços é vista com desconfiança pelas populações. Por exemplo, na sede de Memba a *MS* é bem vista porque construiu a escola local. A *Save the Children* é acusada de estar a beneficiar somente zonas de Memba e não o distrito na totalidade. Esta organização está a distribuir mandioqueiras resistentes às pragas, encontrando-se o projecto numa fase experimental”¹⁰⁶.

Um outro funcionário de uma ONG local afirmou-nos que o boato da cólera começara em Memba quando o régulo (...), após uma reunião com funcionários da saúde, informou mal a população do regulado dizendo que era necessário construir barracas para os doentes e abrir covas

“porque a cólera estava para vir e iria matar muita gente, ao que as pessoas começaram a questionar perguntando como é que sabiam que a cólera estava para vir e iria matar muita gente.”¹⁰⁷

Um grupo de pessoas terá ido pedir explicações ao régulo, dizendo que ele tinha recebido dinheiro para ajudar a matar as populações. O régulo não terá

¹⁰⁵ *Ibid.*

¹⁰⁶ *Ibid.*

¹⁰⁷ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

desmentido a reunião com funcionários da saúde, as pessoas revoltaram-se e tentaram agredi-lo. No dia seguinte (os acontecimentos tiveram lugar em Dezembro de 2001) uma parte da população postou-se em frente à esquadra. Contou o funcionário referido que teve de se esconder no escritório da SNV e que algumas pessoas gritavam “esses dessa organização também sabem como aparece a cólera”. O chefe do posto e o director distrital de Saúde tiveram que acalmar os ânimos e o chefe de posto terá dito que o régulo entendera mal o que ouvira.¹⁰⁸

Um técnico de medicina geral afirmou que Memba não fora afectado pela cólera, mas que houvera muita agitação popular. Confirmou que a direcção de Saúde local tivera efectivamente uma reunião com chefes tradicionais para que estes ajudassem a construir um centro de atendimento e mobilizassem as populações para assegurar a higiene, por forma a evitar a epidemia que afectara o distrito em 1998. O posto de saúde de Simuco teve de ser encerrado. Uma enfermeira narrou-nos que o enfermeiro local tinha sido agredido e amarrado com um fio, além de que lhe tinham posto piri-piri nas feridas. As pessoas encolerizadas disseram que o enfermeiro tinha recebido comprimidos de cólera para as matar. O posto de saúde continua ainda hoje encerrado¹⁰⁹.

Entretanto, um professor da escola do EP2 local disse-nos que nem sempre as campanhas de prevenção de doenças eram bem sucedidas dado que os alunos eram muito desconfiados. Deu como exemplo a fuga de muitos deles

¹⁰⁸ *Ibid.*

¹⁰⁹ *Ibid.* Tenha-se em conta que a pesquisa foi efectuada em 2002.

quando um técnico de medicina, numa campanha de prevenção da cegueira, lhes quis inspeccionar os olhos¹¹⁰.

Um camponês influente, depois de dizer que não havia campanhas locais de prevenção contra a cólera¹¹¹ (conhecia, unicamente, a vacinação contra a poliomielite) afirmou que

“aqui tem poços lá no rio Mucuburi, são mulheres que cavam por causa da situação da cólera, as mulheres quando vão no rio tirar água cada mulher cava e tira água para evitar o problema do cloro no poço, o veneno da cólera que é o cloro.”¹¹²

Ainda sobre o que chamou “confusão”:

“Cloro, nem pode imaginar, provocou confusão, no tempo da cólera alguns régulos como o régulo (...) passaram muito mal, foi acusado de receber o cloro, ele foi participar na reunião do governo e como na rádio falava-se que cólera inicia-se no dia X e termina no dia X assim começou a confusão.”¹¹³

O camponês criticou severamente o governo (“O que é que ele [chefe de posto] fez no gabinete dele?”) e as ONGs (“(...) MS, Save the Children, SNV, mas esses todos eu não vejo o que fazem porque mesmo com eles a vida vai abaixo”)¹¹⁴.

O régulo (...) disse-nos que era obrigado a colocar o cloro no poço local à noite, sem que a população o visse, tão grande era o medo popular. E acrescentou:

¹¹⁰ *Ibid.*

¹¹¹ Todos os testemunhos por nós recolhidos mostram que os anúncios radiofónicos são insuficientes para a prevenção.

¹¹² Fátima Colete, *Diário..., op.cit.*

¹¹³ *Ibid.*

¹¹⁴ *Ibid.*

“O problema que houve da cólera, o meu amigo régulo (...) sofreu, o enfermeiro de Simuco sofreu, a população ignorante confundiu o cloro com a cólera, mas é que morreu muita gente [em 1998] e o povo assustou-se [agora] e manifestou”.¹¹⁵

Para uma enfermeira que escutámos não é fácil lidar com uma “população analfabeta com desinformação pelas políticas existentes”. E adiantou:

“As pessoas andaram a contradizer pelo facto da Saúde avisar que cólera começa no dia X e no dia X termina, isso as pessoas disseram que nunca ouviram uma doença que se planifica quando vem e vai.”¹¹⁶

Um segundo professor disse que os problemas centrais de Memba eram o desemprego e a carência alimentar. Sobre as ONGs, conhecia apenas o trabalho da MS porque construía a escola.

Uma *pyyamwene*, depois de reportar que nunca ouvira falar de uma campanha de prevenção localmente feita, acrescentou:

“No rio Mucuburi tem muitos poços que as mulheres cavam no mesmo dia e no mesmo dia deixam de tirar porque têm medo do poço ser posto cloro e cloro é cólera para muita gente que não sabe, porque a cólera deixou muitos cemitérios, mães sem filhos, sobrinhos, maridos, então quando surge a explicação de ferver a água o povo não aceita, até diz ah!, muito tempo não fervia a água e não tinha a cólera, não lavávamos os pratos e panela, não havia cólera, como é possível hoje o povo está civilizado até toma banho com *Lux* e tem cólera [referência à epidemia em 1998] , esse que nos mata é esse pó que cheira mal.”¹¹⁷

¹¹⁵ *Ibid.*

¹¹⁶ *Ibid.*

¹¹⁷ *Ibid.*

O régulo (...), depois de afirmar que não havia campanhas de prevenção, disse que a confusão surgida com a cólera tinha muito a ver com a contradição existente entre régulos e secretários de bairro. Quando a *Save the Children* organizou uma reunião na aldeia 7 de Abril por causa da formação de parteiras tradicionais e aproveitou para falar sobre a cólera, só convidou régulos e *apwiyamwene*, não os “políticos” (secretários de bairro).

Estes ficaram com ciúmes pois agora os régulos eram respeitados, o que não acontecia antigamente:

“(...) foram eles que foram fazer confusão na cabeça das pessoas, mas o tiro saiu pela culatra porque os régulos estão com o governo, a Save está com o governo, era o governo que estava a usar o cloro. Em 7 de Abril não foram só o régulo e a *pwyamwene* que sofreram, os activistas da Save também foram perseguidos. Chegaram de queimar a casa do polícia. As pessoas confiam no régulo mas aceitaram porque têm medo de morrer. Em 1998 houve cólera, morreu muita gente mas não houve confusão, este ano não houve cólera e as pessoas acreditam que não porque elas fizeram confusão. As pessoas não acreditam no cloro, já houve palestras para explicar o que é cloro mas as pessoas não acreditam. Existe muita desconfiança, por exemplo as pessoas pedem para fumigar os cajueiros, o governo não faz dizem que custa muito dinheiro, aí as pessoas questionam, não fumigam os cajueiros mas conseguem dinheiro para cloro. Aqui as pessoas são ignorantes, é preciso fazer campanha porta a porta para educar as pessoas, por exemplo um bêbedo crónico não deixa de qualquer maneira, é preciso conversar muito.”¹¹⁸

E acrescentou:

¹¹⁸ *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

“(...) o povo anda assim revoltoso, o desemprego, o analfabetismo, a fome, o boato são minas que podem destruir um governo se não agir correctamente”.¹¹⁹

O mesmo régulo deu-nos conta de um outro fenómeno: o de um aparente conflito no islamismo entre duas linhas: uma que respeita as matrizes culturais locais (invocação da chuva, preces aos antepassados, etc.) e uma recente, dos chamados “Alisunas” [seguidores da tradição do Profeta], aparentemente apologistas de uma nova leitura do Alcorão e impugnadores daquelas matrizes culturais. Acrescentou o régulo que “estes vão mudar o mundo um dia”. Há alguns indícios de que os jovens jogam um papel decisivo entre os Alisunas¹²⁰.

Na aldeia 7 de Abril, uma pwyamwene, que foi maltratada quando da agitação popular e se encontrava, ainda, muito triste, contou o seguinte numa entrevista em foco:

“Nós fomos chamados, eram muitas pessoas, régulo, pwyamwene, parteiras, activistas e fomos inscritos, passaram três dias de formação e a aula era de como prevenir a cólera (...). Quando termina a formação chegamos em casa e disseram que fomos receber cólera (...) Nem passaram dias chegaram em minha casa, casa do activista demoliram, até queriam pegar na filha. Vieram para mim, pegaram-me, tiraram-me roupa, puseram arbustos na vagina, além da dor morri de vergonha diante dos meus netos e quando eu sei que de fé não fui receber cólera”¹²¹

¹¹⁹ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹²⁰ *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.it.* O fenómeno regista-se nos três distritos onde trabalhámos e parece ter especial força em Momba.

¹²¹ *Ibid.*

Uma jovem presente na entrevista em foco afirmou ainda em relação à cólera:

“Eu acho que o problema foi que a rádio antecipou este ano que haveria de aparecer a cólera, então as pessoas diziam mas como é que sabem que a cólera vem tal dia e vai tal dia, como é que as estruturas sabem e depois em 1998 que houve cólera e muita gente morreu e não houve cloro por quê?”¹²²

Uma outra mulher afirmou, introduzindo uma leitura nova dos acontecimentos:

“Quem fez a confusão foram jovens daqui que até nem são circuncidados, são jovens que não fazem nada, quando a polícia veio fugiram para a montanha. Aqui os “baixos” [ovia = “sem formação”, que “não sabem nada”] são esses que vivem nas montanhas. Os velhos não participaram, mas gostaram da atitude dos jovens, até diziam “nós não fomos mas os nossos filhos já trabalharam”.¹²³

Uma terceira mulher afirmou que o problema principal era por causa da droga,

“(...) esses jovens depois de consumirem droga ficam a provocar confusões, roubam o pouco que as pessoas conseguem ter”¹²⁴.

Interrogada sobre se a Renamo fora a autora da agitação, a jovem acima referida, corroborada pelas outras mulheres presentes, disse:

“Os jovens começaram a fazer confusão. O secretário [da Renamo] não estava na reunião, mas também não ouvi nada que ele estava

¹²² *Ibid.*

¹²³ *Ibid.*

¹²⁴ *Ibid.*

envolvido. Esses jovens andaram a gritar “Viva a Renamo”, mas isso era para nós pensarmos que era a Renamo”¹²⁵.

Um homem presente disse taxativamente que a Renamo não esteve envolvida nos acontecimentos.

Numa entrevista individual, o régulo (...), da aldeia 7 de Abril, contou-nos que a confusão gerada na zona foi “por imitação, esses jovens ouviram que houve confusão em outras zonas, então resolveram fazer aqui. Eu tive que fugir, dormi três dias no mato”.¹²⁶ Interrogado sobre quem provocara a confusão, respondeu:

“Eu não sei se eram da Frelimo ou da Renamo, mas a pessoa que foi detida era um ex-polícia, mas também já está solto e até tem vergonha quando me vê”.¹²⁷

Estamos, assim, perante uma inquietação profunda, diante de uma crise.

Essa crise comporta a dúvida colectiva, a interrogação, o húmus de privação, apela não a causas naturais mas a causas humanas, faz surgir a multidão enfurecida, a catarse dos jovens espalmados entre a modernidade das cassetes e dos vídeos ambulantes que surgem na área e um horizonte fechado, sem saída, crise que desagua, enfim, na busca de bodes expiatórios, identificados a tudo o que tem semelhança, física ou simbólica, com o problema trágico das diarreias e da morte sabidas pela rádio formal e pela *rádio-do-sertão*, de boca a orelha, ou reactivadas pela memória da cólera de 1998.

¹²⁵ *Ibid.*

¹²⁶ *Ibid.*

¹²⁷ *Ibid.*

Às clássicas forças do mal, os *madjine* da tradição, sucedem as forças da modernidade (funcionários administrativos, enfermeiros, parteiras, activistas de ONGs) ou a ela ligadas (*mapéwé*, *apwiyamwene*). Estas forças da modernidade são supostas ser afins e responsáveis desse estranho pó, com cheiro desagradável, chamado cloro.

As coisas ficam completamente impregnadas de tudo o que tenha, repentinamente, valor vitimário ou propagador: pertença ao mundo dos *acunha* e das suas reuniões, utilização de símbolos de movimento, passagem e conforto inatingível), etc.

Esse mundo de angústia e violência é estrangeiro ao esclarecimento regular (não há campanhas de prevenção).

A *pwyamwene* atrás referida contou-nos ainda que não há reuniões com o governo e que muitas pessoas não conhecem o chefe de posto. Por outro lado, ela afirmou que não sabia que trabalho concreto faziam as ONGs, salvo a formação de parteiras pela Save the Children¹²⁸.

Entretanto, em meios onde muitas pessoas escutam rádio e vêem vídeo (verdadeiras satisfações substitutivas¹²⁹) e onde, portanto, a modernidade está de mãos dadas com um passado que não atrai e com um presente que repele porque feito de pobreza abjecta, palpável, o SIDA aparece como uma doença misteriosa introduzida pelos “estrangeiros” [brancos] (coisa, portanto, do *mucunha*) ou por Deus, devido “aos muitos pecados” existentes¹³⁰. Mas já

¹²⁸ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹²⁹ Freud, Sigmund, *Malaise dans la civilisation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994, 13e éd., p.19.

¹³⁰ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

assim não acontece com o soro, que é considerado em todas as áreas onde trabalhamos como bom para a saúde¹³¹.

O SIDA inscreve-se num sentimento muito forte de que os males que ocorrem em Memba têm muito a ver com o que vem de fora (acredita-se que há uma espécie de agressão externa via SIDA e cólera) e com a rádio (localmente, é sistemático o tipo de depoimento que defende que é através da rádio que se sabe da doença, que é através dela que o exterior perverso penetra nos lares)¹³².

Os mais velhos dos nossos entrevistados afirmaram-nos repetidamente que não usavam preservativo, que no passado o não utilizavam e que, portanto, era agora muito difícil proceder de forma diferente. Alguns têm fortes suspeitas sobre o líquido que humedece os preservativos. Mas a situação é diferente para as crianças, que os transformam em balões e assim alargam a estreiteza do seu mundo lúdico¹³³.

O quadro acima traçado mergulha inteiro numa situação de grande privação da qual as pessoas procuram sair pelo vídeo, pela rádio¹³⁴, pelos curandeiros e pelas igrejas. Ferida a esperança, intimidada a inteligência, resta a fuga pelo sonho e pelo simbólico.

Todos os nossos depoentes se referiram com mágoa à seca que assola o distrito e à fome.

Intimamente colado a esses problemas surge o apodrecimento radicular geral da mandioca, base alimentar das populações, fenómeno que, segundo

¹³¹ Pensámos inicialmente que o soro, a cólera (via água + cloro) e o preservativo (devido ao líquido humedecedor) pertenceriam a uma mesma família “líquida”, suspeita do ponto de vista popular.

¹³² Vê-se assim como, num contexto de privação e desespero, um meio útil de comunicação é transformado numa força maléfica.

¹³³ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

¹³⁴ No seu duplo papel de veículo de entretenimento e de ameaça no que toca a cólera.

o director distrital de agricultura, ocorre desde 1998, o que é confirmado por outros entrevistados em Memba¹³⁵, o que conduz os locais a adquirir milho a 6.000,00 Mt/quilo¹³⁶.

Por outro lado, todos os nossos entrevistados nos falaram amargamente do desemprego por ausência de fábricas e de plantações. E por isso “os jovens não fazem nada”, como nos disse um régulo ou são forçados a recorrer à enxada e ao peixe, o que nem todos suportam depois de terem frequentado uma escola¹³⁷.

Problema de não menor peso é o da água, quer porque rareia, quer porque é de má qualidade. O cloro não se usa generalizadamente por se recear que provoque a cólera; muitos poços estão secos ou em vias de secar.

Com a mesma intensidade nas preocupações dos habitantes, surge o problema das grandes distâncias que é preciso percorrer para se frequentar a escola ou ter acesso ao posto de saúde. E, uma vez chegados ao posto de saúde, há que fazer “amizade” e “dar qualquer coisa” para se conseguir um tratamento condigno e evitar a velha receita da aspirina e da cloroquina¹³⁸.

Num meio profundamente ferido pela privação, onde crianças transformam preservativos em balões (fenómeno que vai de par, entre os adultos, com algum receio em relação ao produto que os humedece) e assim melhoram o seu pobre mundo de brincadeiras, quatro lenitivos surgem aos habitantes: a rádio, o vídeo *ambulante* com os filmes americanos e indianos (frequentado especialmente pelos jovens), os curandeiros e as igrejas¹³⁹.

¹³⁵ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

¹³⁶ *Ibid.*; Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.* Lembremo-nos de que a pesquisa foi efectuada em 2002.

¹³⁷ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹³⁸ *Ibid.*

¹³⁹ *Ibid.*

Na verdade, todos os nossos depoentes se referiram à audição da rádio e ao vídeo ambulante. Vários foram, até, os que nos falaram da existência de parabólicas, ainda que não tenhamos podido comprovar este dado. A experiência do vídeo é interessante: jovens especializaram-se em viajar pelas terras carregando um televisor, um vídeo, uma bateria e cassetes adquiridas um pouco aqui e acolá, trazendo sonho e escape às terras¹⁴⁰.

Por outro lado, os mais velhos dos depoentes, elas e eles, forneceram-nos longas descrições sobre os curandeiros e suas práticas. A este nível, descobrimos o valor primordial jogado pela água (acompanhada ou de ervas ou de versículos do Alcorão) nos banhos destinados, ao longo da vida, a fortificar o corpo e a imunizá-lo contra os maus espíritos e a acção à distância das pessoas mal intencionadas. Mas não só: a eles recorrem muitos que procuram emprego ou que não encontram cura nos postos de saúde¹⁴¹.

Entretanto, já nem todos os jovens seguem os trilhos da tradição nesse campo¹⁴² e é significativo, por exemplo, que uma senhora nos tenha falado de jovens não circuncidados, os tais produtores da “confusão”, como referimos mais atrás.

Finalmente, todos os nossos depoentes nos falaram quer nas muitas igrejas, de diferentes credos, existentes no distrito, quer no seu alastramento¹⁴³.

¹⁴⁰ *Ibid.*

¹⁴¹ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁴² *Ibid.*

DISTRITO DE ANGOCHE

Posto Administrativo de Aúbe/Angoche-sede

Em Aúbe trabalhou-se na sede e nos bairros de Mirrepe e Mupalacue. Em Angoche-sede, nos bairros Tamole e Ingúri.

Houve cólera em algumas áreas do posto, mas não a agitação social registada em Memba e, como veremos mais à frente, também em Larde.

Entrevistas com o régulo (...), com a pwyamwene (...) e com membros da CDL de Mirrepe, deram-nos, a papel químico, com poucas excepções, o quadro apresentado para Memba. Exceptua-se a ausência de agitação social formal.

Mas também aqui o cloro não é usado por se suspeitar que provoca a cólera.

Não houve nem há campanhas de prevenção, tem curso a mesma surda e paralisante luta entre régulos e secretários de bairro pela hegemonia, pouco se sabe do que fazem as ONGs com excepção de Mirrepe onde está a CDL da SNV, há informação sobre o SIDA via rádio, os preservativos são transformados em balões pelas crianças.

No que concerne às campanhas de prevenção contra a cólera, disse-nos o régulo (...):

“Não avisaram as pessoas que iam colocar cloro no poço, nós aqui não fomos avisados, por isso as pessoas tinham medo, estavam assustadas. Se fizerem avisos para colocarem cloro na água, as pessoas vão tomar, como acontece com o curandeiro que depois de fazer o medicamento ele primeiro bebe e depois dá ao doente, se o governo vier explicar os efeitos e benefícios e se eles beberem a

¹⁴³ *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

população vai beber. Eu estive doente com cólera, tive que ir para Angoche. Aqui na minha zona não me acusaram de trazer cólera.”¹⁴⁴

E acrescentou que as pessoas não bebiam a água do poço

“(…) porque tinham medo, estavam assustadas porque se apanhassem dor de barriga achavam que era o cloro que provocava, naquela altura diziam que o cloro não trás cólera e mata o bicho que está na barriga, por isso é que se põe cloro no poço, quando ouviam mata bicho na barriga pensavam que ia matar a pessoa também.”¹⁴⁵

O régulo fazia referência a um anúncio escutado na Rádio Moçambique em Nampula, transmitido em Emakhwua e aqui traduzido para língua portuguesa:

Mulher: Aquelas pessoas que estão ali o que estão a fazer?

Homem: Estão a por cloro no poço.

Mulher: *Wanamparu* (meu Deus)!

Homem: Não é cólera, é cloro que mata os bichos que trazem a cólera.

Mulher: Huum!¹⁴⁶

Verifica-se que o Estado é sentido como simultaneamente necessário e ausente. Necessário, porque as pessoas apresentam muitos pedidos, muitas necessidades; ausente, porque a sua acção não é sentida. Não há contactos com as populações¹⁴⁷.

Em relação à luta política, o régulo (...) confidenciou-nos:

“(…) o secretário da célula quer resolver todos os problemas sozinho, dizem que eles é que são régulos (donos da terra), eu não reclamo,

¹⁴⁴ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁴⁵ *Ibid.*

¹⁴⁶ Obtido na Rádio Moçambique em Nampula e traduzido por Fátima Colete.

¹⁴⁷ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*; Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

deixo, faço o que o governo manda, distribuir terras, limpar estradas. Por causas dessas diferenças algumas pessoas não me respeitam”.¹⁴⁸

Sente-se a mesma invisibilidade das ONGs, especialmente da SNV, sendo esta organização ao mesmo tempo desejada e sentida como distante¹⁴⁹.

Acresce que certos acidentes são de molde a ampliar o mal-estar, como no caso do atropelamento de uma senhora no bairro de Zirosine por um activista da SNV. Segundo três camponeses, líderes comunitários de Mupalacue, o activista teria ido dizer a Aúbe que tinha sido apedrejado por causa da cólera em Mupalacue, o que não corresponde à verdade, argumentaram, porque no bairro nunca houve apedrejamento. E acrescentaram:

“A população de Mupalacue não gostou da atitude tomada pelo técnico, mas está à espera que a SNV venha formar as CDLs.”¹⁵⁰

Nos bairros Ingúri e Tamole de Angoche-sede o quadro é, praticamente, o mesmo.

Na verdade, com três excepções (não apodrecimento da mandioca, produção abundante de arroz, não referência à seca mas à escassez de chuva), ocorre a mesma situação geral de privação e de busca de lenitivo.

Os entrevistados deram uma especial ênfase ao desemprego. Em Angoche-sede, por exemplo, mulheres de um grupo de *tufu* afirmaram:

“O desemprego é a guerra que Angoche sofre, até as pessoas pensam que Angoche é da Renamo, não, só o problema é o desemprego,

¹⁴⁸ *Ibid.*

¹⁴⁹ Muito presente no terreno em algumas áreas, a SNV pode, porém, pagar subitamente uma espécie de factura de ausência ou de ineficácia quando ausente noutras áreas.

¹⁵⁰ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

todas as fábricas de caju, Emopesca, fábrica de descasque de arroz, está tudo fechado.”¹⁵¹

Os postos de saúde são, sempre, um problema:

“Quando temos malária vamos ao hospital, recebemos aspirina, se levamos galinha aí o enfermeiro pode-nos atender rápido.”¹⁵²

DISTRITO DE MOMA

Posto Administrativo de Larde/Larde-sede, aldeias de Nhatere, Maganha e Namichiri

A essência dos acontecimentos que vamos narrar, acompanhados, uma vez mais, de longos extractos dos depoimentos, não é distinta da que pertence a Memba e a Angoche, salvo talvez na sua complexidade, na sua dramaticidade.

Por todo o lado, como veremos, existe tensão, dor, apreensão, tristeza sem perímetro.

Logo à chegada à sede de Moma um funcionário administrativo disse-nos que tínhamos feito bem em contactar o posto pois o “o povo é complicado (...), confunde tudo”¹⁵³.

Este tipo de crença redutora já apareceu várias vezes no nosso texto com as variantes “população ignorante” e “população analfabeta”. Mas as coisas são bem mais complicadas.

Um professor de Larde-sede disse-nos que as pessoas pensam que a cólera

“é uma doença feita para as pessoas pobres, elas questionavam que as pessoas da saúde, educação e administração não apanhavam a doença, só os pobres e diziam vocês sabem que estão a trazê-la. As

¹⁵¹ *Ibid.*

¹⁵² *Ibid.*

¹⁵³ *Ibid.*

“pessoas aqui acreditam que doenças novas estão a aparecer, são doenças fabricadas, principalmente a cólera.”¹⁵⁴

Interrogado sobre se a Renamo era a responsável pelo boato, respondeu-nos dizendo que “não há provas que membros da Renamo estiveram envolvidos, mas a Renamo aproveitou-se.”¹⁵⁵

Confrontado com o mesmo tema, um enfermeiro do posto de saúde de Larde disse-nos que somente ouvira na rádio que as manifestações eram da oposição¹⁵⁶. Esse mesmo enfermeiro deu-nos conta de que devido às manifestações houve pessoas doentes que morreram por lhes ser interdita a entrada no posto de saúde, acrescentando que “quando notámos já era tarde, acabavam por morrer”¹⁵⁷.

Entretanto, quando pretendemos saber onde morava o régulo (...) de Nhatere, um senhor de meia-idade, por nós interpelado, disse-nos que ali não se conheciam “régulos”, só secretários de célula, “porque esses régulos aqui é confusão”¹⁵⁸. Este era, claramente, um indicador de um conflito já anteriormente verificado nos outros dois distritos.

Lá se encontrou o régulo (...), na aldeia de Nhatere. Crianças estavam presentes quando começamos o diálogo. O régulo mandou-as sair e disse que havia muito tempo que isso não acontecia, as crianças estarem presentes junto dos adultos e à frente do régulo. É que hoje, disse, as crianças não têm medo, é questão de *emuavano* (modernidade).

¹⁵⁴ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁵⁵ *Ibid.*

¹⁵⁶ *Ibid.*

¹⁵⁷ *Ibid.*

¹⁵⁸ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

Que havia muito problemas na zona, acrescentou. Por um lado, a Renamo cria muitos conflitos, fazendo reuniões dizendo que ganhará as eleições municipais de 2003; mas, por outro lado, existe um conflito com os “nossos”.

Quais “nossos”, quisemos saber?

“Esses nossos esses secretários da célula, eles dizem que nós os régulos estamos a lhes tirar o poder, quando eles tratam com o povo falam que nós os régulos não somos nada, os secretários das células não querem que os régulos resolvam os problemas(...). Eu aqui não resolvo problemas, só sou régulo.”¹⁵⁹

Contou o régulo que problemas como adultério, agressões, bebedeira e conflitos de terra eram tratados pelo secretário. Até as senhas de imposto e as taxas de bicicleta estavam sob seu controlo. E acrescentou, entrando no tema que nos interessava:

“Até naquele tempo das confusões [da cólera] aqui em Nhatere eu escapei das confusões mas os secretários passaram mal, foram batidos, incendiadas as suas casas.”¹⁶⁰

Contou ainda o régulo que em Nhatere e Namichiri “era mesmo confusão”, que em Namichiri tinham sido queimadas mais de 30 casas no fim de 2001, que o secretário da célula tinha sido agredido e que a polícia de Nampula teve de vir reforçar a polícia do Larde. Interrogado sobre como a “confusão” começara, o régulo (...) afirmou:

“Eu não sei, primeiro o povo escutava que outros lugares como Nacala e Memba as pessoas estavam a fazer confusão porque não queriam cólera nas suas zonas. Então aqui no Larde começou por haver reunião

¹⁵⁹ *Ibid.*

¹⁶⁰ *Ibid.*

lá no posto com o chefe do posto e todos os chefes como régulos, partido político, pessoas da saúde, professores, secretário foram na reunião e quando voltaram para casa o povo começou a dizer que foram receber cólera para distribuir mas régulo daqui Nhatere e delegado na Renamo não foram atingidos, os da Renamo não foram na reunião onde se recebia cólera e eu sou régulo só de nome.”¹⁶¹

Disse que tinha morrido muita gente de cólera no Larde.

Entretanto, uma senhora sentada junto do régulo interveio para contar que a confusão começara quando algumas “estruturas bêbedas” que tinham estado na reunião foram passando no mercado e em outros sítios onde as pessoas se concentravam e conversavam, anunciando que “hoje vão cagar como patos velhos toda a noite é melhor se preparar”. Então, havendo tanta gente doente e a morrer, com muitas pessoas a ir e a vir anunciando doença ou falecimento,

“(…) o povo com esse cansaço todo e com o mau atendimento no hospital concluiu que sim, as estruturas receberam cólera, mas não era cólera era cloro para pôr na água.”¹⁶²

O povo recusa o cloro e o problema é que o governo trouxe o cloro “no meio da doença da cólera”¹⁶³ – acrescentou a senhora. Acresce que o povo não ferve a água argumentando que água fervida tem mau sabor, mas que estaria receptivo ao cloro desde que fosse ensinado. Esse povo ficou confuso quando “falou-se na rádio que cólera chega no dia X e termina no dia X”. Ora,

¹⁶¹ *Ibid.*

¹⁶² *Ibid.*

¹⁶³ *Ibid.*

“(....) o povo leva tempo para aprender (...), como o povo é analfabeto no meio de tanta lágrima o cloro não passa de um veneno que veio para matar.”¹⁶⁴

Uma vez mais encontramos uma redução, já familiar, do povo ao estatuto de analfabeto.

Ainda que analfabeto, esse povo está, porém, vigilante e ele, régulo (...), inquieto:

“Eu não sei se não vão dizer que hoje recebi cólera porque as pessoas desta zona cada coisa é cólera, o povo está vigilante (...).”

Os investigadores da nossa equipa de pesquisa correram, assim, o risco de surgir, na sua condição de *acunha* externos, como introdutores da cólera.

O cenário manteve-se numa entrevista em foco feita a controladores do poço local e camponesas de Nhatere.

Ainda que receosas, as pessoas falaram e disseram que não se punha cloro no poço local porque a população suspeitava que o cloro trazia a cólera, que era necessário um aviso prévio e que a pessoa que viesse explicar o que era o cloro devia “pôr no copo e beber na presença de todos”¹⁶⁵.

Disseram que houve muitos disparos no dia 24 de Fevereiro, que a “tropa” vasculhara tudo.

A “confusão” começara porque, nas palavras de um depoente,

“(....) são estruturas malucas (...) são estruturas do governo, nesse tempo andaram agitar as pessoas aqui no bairro, encontravam pessoas sentadas e diziam “Ah!, vocês amanhã vão defecar como patos, tenham cuidado!”, mesmo nos mercados a linguagem era a mesma, nos lugares

¹⁶⁴ *Ibid.*

onde se bebia assim mesmo. E no rádio avisavam que no dia X começa cólera e no dia X termina, então aqui em Larde começou a cólera, a morrer muita gente, então a população começou a pensar que aquela estrutura maluca sabia, então a população começou a fazer manifestações e num dia à noite veio um carro que saía do posto com tropa, veio até lá na ponta da alta, começou a disparar e nós aqui ficámos muito mal e assim o povo daqui anda desconfiado, mas já deixaram de falar, só que não querem é ver cloro, porque não sabem, nunca tivemos explicação.”¹⁶⁶

Uma camponesa acrescentou:

“(...) aquele tempo da cólera quando uma pessoa fosse ao hospital e se não tivesse 50.000,00 Mts podia morrer, as coisas que ali se faziam era triste.”¹⁶⁷

No bairro da Maganha, onde a SNV tem uma CDL, um homem idoso que andava numa bicicleta foi acusado de trazer cólera, mas, graças ao trabalho da CDL, “o povo entendeu” e não lhe fez mal¹⁶⁸.

Técnicos da SNV foram interpelados e acusados de serem portadores de cólera.

Um deles contou-nos o seguinte:

“Em relação aos boatos, estes começaram em Larde, foi aqui onde surgiram as campanhas de desinformação e acreditava-se que eram os nossos colegas que estavam a distribuir a cólera, por isso as comunidades de Aúbe passaram a acreditar, foi numa zona próxima de Larde (...). Na altura da desinformação não havia cólera em Aúbe, só mais tarde é que surgiu. Na minha maneira de ver existe uma

¹⁶⁵ *Ibid.*

¹⁶⁶ *Ibid.*

¹⁶⁷ *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁶⁸ *Ibid.*

contradição política, nós quando estávamos a mobilizar a população, há pessoas que afirmavam que nós recebíamos dinheiro do governo para distribuir pela população mas não fazíamos isso, essas zonas são da influência da Renamo, penso que é a oposição que fomenta o boato. Quando surgiu o boato as pessoas não deixavam passar os carros da SNV, ficaram contra a SNV. As pessoas têm acesso à rádio, acompanham as informações, só que interpretam mal, interrogam-se sobre o facto de a rádio passar a informação de que a cólera ia entrar e sair em tal data, em tal zona. Antes de começar a desinformação não houve campanhas para colocação de cloro em Aúbe. As pessoas acreditam nesses boatos, em parte porque são analfabetas, não sabem interpretar as informações, é como nas campanhas eleitorais em que acreditam em todos os candidatos que aparecem. Foi isso que aconteceu em relação a cólera, acreditaram que a cólera estava a ser espalhada. Pode também estar ligado com os problemas económicos.”¹⁶⁹

Esta foi o único depoente que imputou à Renamo a “campanha de desinformação. Solicitado a fornecer evidências da afirmação, disse-nos que não as tinha.

Um outro técnico da SNV afirmou:

“Agora as pessoas já conhecem o cloro, antes não conheciam. No posto de saúde local, em Larde, o cloro só foi colocado depois da eclosão da cólera. Muita gente morreu, não tenho o número. Registou-se uma tentativa de agressão ao régulo (...) de Larde, esse régulo teve que sair da sua zona e vir para a cidade de Nampula. Os agitadores são de “idade média”, essencialmente homens mas também existiam mulheres. A polícia que esteve em Larde na altura da confusão já saiu. Acredito que o analfabetismo também tenha contribuído para o facto de o boato ter-se espalhado, nessa zonas as

¹⁶⁹ FA, entrevista feita em Nampula a 05/08/02. Este depoente afirmou que o chefe do posto administrativo fora

peessoas acreditam que existe um número determinado de doenças e que as “novas” que aparecem só podem estar a ser colocadas por alguém. Ninguém prova que um enfermeiro esteve a colocar a cólera. Quando tudo começou nós andávamos de motas vermelhas novas e andávamos com cantis de água, onde diziam que colocávamos cólera. Diziam também que colocávamos cólera no tanque de gasolina e a cólera era espalhada pelo tubo de escape. No dia do incidente, 8 de Fevereiro deste ano, nós íamos de mota, eu ia mais à frente, o meu colega vinha depois, as pessoas cercaram o meu colega e começaram a revistar o que ele trazia, descobriram comprimidos para desinfectar a água, eles logo disseram que eram comprimidos da cólera. Também o pão que trazíamos, disseram que tinha cólera. Nessa zona não tem CDL, não havia cólera na altura em que começaram os boatos, só havia cólera no bairro vizinho, entre Namichiri e Nathere. Nessa zona as pessoas reuniram-se e foram ao posto de saúde local pedir explicações ao técnico, como era um grupo grande e já tinha havido problemas em outras zonas, o técnico ficou com medo e fugiu, foi ter com o chefe do posto, este mobilizou a polícia que disparou para o ar, as pessoas fugiram. Depois desse incidente, mais tarde as pessoas queimaram casas, em Namichiri queimaram a casa do chefe do posto e do representante da Direcção da Juventude e Desportos. Em Angoche, onde existia o centro de tratamento de cólera, tinha um polícia a guardar a entrada. Em Larde o juiz do tribunal comunitário foi agredido.”¹⁷⁰

Com este entrevistado, regista-se, uma vez mais, a atribuição da crença ao analfabetismo. Analfabetismo, ignorância, população ignorante e povo confuso são expressões que pertencem todas a uma mesma concepção imputacional que descerebraliza os alvos e lhes dá o estatuto de uma massa porosa, permeável ao vírus da inferência pré-lógica e aos políticos.

agredido por 250 pessoas numa zona próxima de Larde, o que não se comprovou.

À causalidade por via política (oposição provoca a crença) cola-se a causalidade por via da ignorância. O sujeito transforma-se em objecto, amorfo no primeiro caso, irracional no segundo.

Entretanto, uma parteira, membro da CDL local, afirmou:

“Essa situação era para todo aquele que é estrutura, mesmo nós que somos parteiras estávamos com um pé no chão e acabávamos de receber a formação em Moma e então deram-nos javali [quis dizer *jave*] (...) Então quando recebemos javali tínhamos que esconder mesmo porque iriam acusar-nos de trazer a cólera.”¹⁷¹

As “estruturas” surgem assim como uma versão moderna dos velhos *madjini*. Na visão popular, eles são a encarnação das forças do Mal.

Em Larde-sede, também o régulo (...) nos disse que havia más relações com os secretários de bairro “apesar de todos trabalharmos para o nosso partido Frelimo, só que eles não deixam que o pão venha para nós (...)”¹⁷²

São os secretários, acrescentou, que cobram os impostos, tratam das estradas, resolvem *milandos*, controlam a população e fiscalizam o pagamento das taxas de bicicleta¹⁷³.

Contou ainda que tinha sido muito humilhado no “tempo da cólera”, por ter sido acusado de introduzir a doença. A rádio avisava que a cólera havia de chegar num certo dia e sair num outro e o povo perguntava-se como é que a cólera podia ser assim *planificada*¹⁷⁴. E contou, num depoimento dorido e dramático, a forma como foi despido por um grupo de mulheres que o acusou de distribuir a cólera:

¹⁷⁰ JR, entrevista em Nampula a 05/08/02.

¹⁷¹ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁷² *Ibid.*

¹⁷³ *Ibid.*

“Quando no bairro de Namichiri eclodiu e numa parte de Nhatere, eu estava aqui em casa, às tantas vejo um grupo de mulheres todas agitadas e nervosas a entrar na minha casa e elas falaram que eu devia tirar fora a cólera, que eu estava a acabar com os seus filhos, sinceramente fiquei sem jeito, comecei a tremer, quando eu queria fugir elas me agarraram e começaram a tirar a minha camisa, olha todas vieram sobre mim, umas rasgavam a minha camisa e outras as calças e eu fiquei de biquini, corri até no palácio do chefe do posto, elas vieram até lá mesmo, eu sem jeito, é quando apareceu a polícia, disparou e elas se foram embora. Eu até para contar esta história me arrepio¹⁷⁵, fiquei de cuecas aqui no bairro a fugir como maluco só por causa duma coisa que não fiz, eu nunca distribui cólera.”¹⁷⁶

Interrogado sobre se por trás dos acontecimentos havia uma força política, o régulo (...), que nos mostrou o seu cartão de membro do partido Frelimo, respondeu:

“Partidário eu não acho, só que o povo de Larde é muito burro, ignorante, analfabeto, porque nessa acção de grande agitação havia todo o tipo de pessoa, Frelimo, Renamo, Pimo, etc., eu que vi pessoas a me tirar a roupa e conheço a elas e os seus partidos não digo que é tal cor (...).”¹⁷⁷

No bairro Namichiri, no qual foram destruídas mais de 30 casas nos tumultos, uma pwyamwene (...) e o seu marido contaram-nos a propósito desses tumultos:

¹⁷⁴ *Ibid.*

¹⁷⁵ É evidente, aqui, neste fenómeno eventualmente único da história moçambicana, a subversão feminina da “dominação masculina”, para fazermos uso de uma expressão de Pierre Bourdieu. É possível que as consequências deste atentado à dominação masculina sobrelevem os efeitos da corrosão do secular respeito devido a essa entidade simultaneamente havida por metasocial e “natural” que é o chefe tradicional. O “Eu até para contar esta história me arrepio” é, a esse respeito, emblemático. Estamos perante uma violência simbólica desta vez impostas por mulheres a um homem, diante do eclipse da virilidade masculina, face a um parêntesis temporário na regência androcêntrica. Veja, entretanto, Bourdieu, Pierre, *La domination masculine*. Paris: Seuil/Essais, 1998.

¹⁷⁶ *Ibid.*

“Eh pá!, nem queiras imaginar desgraças que aconteceram aqui, mais de 30 casas estragadas. Olha, aqui um dia em Namichiri tinha aparecido a cólera, então a população ficou agitada com essa doença sem saber onde vinha e que eram as estruturas do governo como secretários, régulos, juiz presidente do tribunal comunitário e outros que recebiam a cólera (...) O *muene* (...) foi tirado roupa e ficou sem roupa um régulo! No *muene* (...) tinha falecimento do seu sobrinho que morreu de cólera, era um jovem. Depois do enterro os jovens se organizaram e eu vinha atrás e eles diziam “nós vamos acabar, estamos a morrer como formigas, o que vamos fazer”, esta situação as estruturas do Larde sabem, essa não é forma de morrer, hoje vamos resolver esta merda, vamos em todas as casas fazer merda!”¹⁷⁸

À noite, às 22 horas, contou o marido da *pwyamwene* que quando saiu para urinar viu jovens na rua, com paus e pedras, começaram a queimar e a partir, o bairro ficou em chamas, dias depois surgiu a polícia e

“(...) até aqui onde eu estava comecei a tremer, mijei nos calções, é quando falou um tropa “papá, não molhar calções, bom dia, nós queremos *osura*”, eu a tremer fui buscar 10 litros de *osura*, eles levaram para onde estavam e começaram a beber, começaram a dividir o pão e sardinhas (...)”¹⁷⁹

Sobre o cloro, o marido da *pwyamwene* disse que aquele que fosse apanhado a pôr cloro nos poços seria imediatamente morto e que o governo deveria ter sensibilizado previamente as pessoas¹⁸⁰.

Foi depois a vez de escutarmos uma pessoa considerada influente na área, que nos disse que em Março do corrente ano eclodira a cólera na região, que

¹⁷⁷ *Ibid.*

¹⁷⁸ *Ibid.*

¹⁷⁹ *Ibid.*

¹⁸⁰ *Ibid.*

“muita gente morria no isolamento, era entrada de doente e saída de morto”¹⁸¹, que a primeira “confusão” surgiu de 4 para 5 de Abril deste ano, os manifestantes colocaram troncos na estrada para que os carros não passassem, polícias chegados de viaturas com enfermeiros tiraram os troncos, dispararam e foram-se embora, mas a partir daquele dia ninguém podia passar depois das 17 horas. No dia 9 de Abril, 100 mulheres foram à sede do posto, acompanhadas e vigiadas pelos maridos e falaram com o chefe do posto nos seguintes termos:

“Senhor chefe do posto, primeiro sabes que nascer dói e custa sacrifício?, segundo que ver um homem saudável de repente a morrer provoca dor? (...) [Antes do] chefe do posto começar a responder às questões colocadas pelas mulheres a polícia apareceu e começou a disparar e elas fugiram, estes acontecimentos foram registados no quintal do chefe do posto. Algumas mulheres foram capturadas junto com alguns homens, receberam ameaças, um grupo de 11 pessoas foi levado para Moma, desse grupo 3 eram mulheres todas de Namichiri, foram ouvidas pelo juiz, três saíram e oito ficaram por julgar”¹⁸².

Três dias depois:

“(…) começaram a circular os moços da SNV, como a população não sabe qual é o projecto da SNV os moços circulam na estrada a tanta velocidade sem respeito de condução com os cantis e o povo questionou o que eles levam nesses cantis, o que fazem aqui no Larde, foram interpelados com a população e na pasta deles foram encontrados seringas, comprimidos e justificaram dizendo que tratavam cabritos, um dos homens que trabalha na administração (...) foi [lá] informar que os moços da SNV foram interpelados, vieram polícias e quando chegaram aqui não havia entendimento, o chefe do posto que

¹⁸¹ *Ibid.*

¹⁸² *Ibid.*

vinha com a polícia começou a insultar a população, seus filhos da mãe, sujos, por isso morrem de cólera, dali mandou capturar 4 moços, esse moços foram conduzidos a Larde, depois para Moma, não tinham nem ordem nem processo, os técnicos da SNV acusaram a população em como foram roubados 5 milhões de meticais, mas é mentira.”¹⁸³

O influente entrevistado continuou dizendo que a confusão prosseguiu e que no dia 1.º de Maio não houve festejos, só patrulhamento, a polícia vasculhou o bairro e ao querer deter um moço este recusou e foi buscar uma azagaia a casa, a polícia não disparou porque havia muita gente concentrada, mas à noite saiu do bairro a disparar para o ar. Uma semana depois, contou o nosso entrevistado, vieram ministros (Saúde e Justiça), também, o governador, este prometeu que iria averiguar a verdade dos factos¹⁸⁴.

Segundo ele, se as coisas se passaram como se passaram foi porque “o governo assim o quis”, governo que não fez nem faz educação cívica. Acresce, adiantou, que os projectos que aparecem não têm em conta os interesses locais. Há o risco de um dia surgir uma guerra em Moçambique,

“Os projectos que aqui entram de qualquer maneira sem uma pesquisa forte do que o povo quer, do que o povo sabe fazer, essa situação dos projectos devia-se estudar outras maneiras de trabalho para ocupar o jovem porque vai surgir uma guerra em Moçambique, uma guerra sem presidente nem chefe porque o jovem sente-se abandonado na sua própria terra e com o seu governo”¹⁸⁵.

A “terra está estragada” e não vê, por exemplo, o que fazem

¹⁸³ *Ibid.*

¹⁸⁴ *Ibid.*

¹⁸⁵ *Ibid.*

“os **vermelhos** [alusão às motas vermelhas da SNV] que passam aqui, mas desde a confusão da cólera deixaram de passar, SNV o que fazem não sei, passam aqui a velocidade sem cuidado”.¹⁸⁶

O régulo (...) não tem uma visão diferente:

“(...) eu vejo aqui a passar uns homens com motas vermelhas com cantil atrás a voar na estrada onde vão não sei, dizem que são técnicos da SNV, mas esses quando passam aqui nem sabem que passam numa estrada que passam crianças (...)”¹⁸⁷.

O trabalho executado pela SNV é respeitado nas áreas onde têm CDLs. Mas dois fenómenos ocorrem: por um lado as pessoas que estão nas CDLs desejam mais coisas, mais obras. Como observou a nossa colega Helena, “democracia com fome, com falta de escolas, postos de saúde, água e emprego, não funciona”¹⁸⁸; por outro, nas terras onde a SNV não opera, existe, uma mistura de ciúme e desconhecimento dos objectivos da organização.

Acresce que - e este é um aspecto capital -, actuando em zonas de privação e tensão, em absoluta situação de crise, nas quais mulheres e jovens estão inquietos, com uma forte cultura de doação, porventura com um forte sentimento de que as ONGs devem dar peixe e não ensinar a pescar, as motas vermelhas da SNV, com a celeridade com que passam, sem que os condutores acenem ou respondam aos cumprimentos ou se preocupem em saber se alguém pode ser atropelado, assumem o papel de *madjini* motorizados, perigosos, distantes e fugazes. Mota e carro são símbolos de

¹⁸⁶ *Ibid.*

¹⁸⁷ *Ibid.*

¹⁸⁸ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

magia e espanto nas terras e ganham o rosto de emanções da modernidade e da abundância inatingíveis. A SNV arca com todos os ingredientes de estranheza típicos dos *acunha* (aí compreendidos os cantis, os comprimidos e, até, o próprio fumo do escape) e por isso assumem o papel clássico dos judeus de todas as novelas com bodes expiatórios, portadores de todos os sinais vitimários propícios à perseguição colectiva, à catarse e à crucificação. É natural que, por extensão e deslocamento, face à crítica que as populações fazem ao Estado, apareçam aos olhos dessas populações como simples emanção desse Estado.

Tal como nos outros distritos onde trabalhámos, também em Larde não encontramos alguém que nos dissesse que havia ou tivesse havido campanhas de prevenção contra a cólera ou o SIDA. As pessoas queixam-se amargamente da ausência de informação nesse campo.

O SIDA é conhecido via rádio, acredita-se que é uma doença vinda do estrangeiro através dos europeus ou produto de um Deus magoado com o comportamento humano e, tal como em Memba e Aúbe/Angoche, as crianças fazem balões com os preservativos¹⁸⁹.

A seca apoquentas as pessoas e se a mandioca também apodrece, é, porém, compensada pelo arroz (abundante por exemplo em Maganha, mas faltando em Namichiri).

O desemprego aparece com o principal problema, problema que, como nos disse um entrevistado, “não nos deixa ser pessoa”¹⁹⁰. Nunca houve fábricas e a plantação de coqueiros da antiga Boror está inoperante, dedicando-se os jovens ao roubo e à venda dos cocos. Antigamente muitos (incluindo mulheres

¹⁸⁹ *Ibid.*; Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

que ainda não tinham casado) iam trabalhar em Angoche, nas fábricas de caju, de descasque de arroz e na Emopesca. Mas, também, se ia para Natiri, Mirreri e Namitoria, para as plantações de sisal, mas hoje, disseram os nossos entrevistados, nada disso é possível¹⁹¹.

Resta o mar, mas acontece que

“(...) hoje o peixe não *morre*¹⁹², mas há muito tempo quando o peixe não *morria* os *mapéwé*, *apwiyamwene* e *chéhés* organizavam-se e iam fazer preces ao longo do mar pedindo a Deus, mas agora com essas religiões [referência explícita aos Alisunas] os jovens não querem fazer nada e as coisas andam mal para todos.”¹⁹³

A água, sempre fundamental como veículo de protecção do corpo contra a acção dos maus espíritos, existe, mas não é tratada (nem pensar em usar o cloro) e é frequentemente vermelha nos poços, que escasseiam¹⁹⁴.

Tal como em Memba e Aúbe/Angoche, as distâncias a percorrer são enormes, de muitos quilómetros (entre 5 e 20) quer para se chegar a um posto de saúde, quer para se chegar à escola.

“As escolas, cada bairro tem uma escola de capim, as crianças sentam no chão, o problema é para EP2, porque EP2 é só no Larde-sede. Então uma criança para fazer 25 quilómetros para ir fazer 6.^a ou 7.^a classe é difícil, por isso aqui as crianças deixam de estudar com a 5.^a classe ou 4.^a classe.”¹⁹⁵

As condições das escolas são precárias, não há carteiras, as crianças sentam-se invariavelmente no chão. Interrogado sobre por que não se falava

¹⁹⁰ *Ibid.*

¹⁹¹ *Ibid.*

¹⁹² No sentido de que escasseia.

¹⁹³ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁹⁴ *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

com os pais para que estes ajudassem a construí-las, um professor de Português do EP2 afirmou que os pais não iriam aceitar “tirar dinheiro” porque as pessoas estão habituadas a receber ofertas, além de que os pais já se sentiam contentes por os filhos estudarem numa escola de alvenaria, não se importando de as ver sentadas no chão¹⁹⁶.

Acresce que como em Memba e em Aúbe/Angoche, são as poucas as raparigas que frequentam a escola, além de que a abandonam quando é a altura dos ritos de iniciação e dos chamados “casamentos prematuros”. Esta a razão por que se encontram apenas 2/3 raparigas nas turmas a partir da 6.^a classe¹⁹⁷.

Existem severas críticas ao atendimento hospitalar e, em especial, ao suborno¹⁹⁸.

Vídeo ambulante, rádio, curandeiros e igrejas constituem algumas das saídas simbólicas para a privação diariamente sentida¹⁹⁹.

O Estado, esse é visto como ausente ou, então, como perverso.

A esse respeito, um carro novo é sinónimo de qualquer coisa de externo, de estrangeiro às necessidades locais e, especialmente, de oportunismo político.

Na feira de Curucuru, por exemplo, a meio caminho entre a vila-sede de Larde e o bairro de Natheré, a viatura da nossa equipa foi imediatamente motivo para o seguinte comentário:

“Ah! Que carro bonito! Esses quando vêem que o voto está próximo é assim que fazem, circulam dum lado para outro!”²⁰⁰

¹⁹⁵ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁹⁶ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁹⁷ *Ibid.*

¹⁹⁸ *Ibid.*; Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁹⁹ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

4.3.3. Aspirações populares

As aspirações populares nos locais nos quais trabalhámos são quase todas tiradas a papel químico e podem ser sumarizadas da seguinte maneira:

Em Memba/Aldeia 7 de Abril: emprego, água em boas condições, poços, escolas, postos de saúde e melhores condições de atendimento, alfaias agrícolas, crédito, redes para a pesca e mandioqueiras²⁰¹;

Em Angoche/Aúbe: emprego, água em boas condições, poços, escolas, postos de saúde dignos, uma ambulância (pedido feito em Aúbe), CDLs e crédito bancário²⁰²;

Em Moma/Larde: emprego, água em boas condições, poços com bombas manuais resistentes, represas, moageiras, escolas de alvenaria (as pessoas estão cansadas de repor o caniço de seis em seis meses²⁰³), postos de saúde, maternidades melhoradas e apetrechadas com equipamento (balanças para pesar as crianças, por exemplo), bicicletas e tractores para a faina do arroz²⁰⁴.

Nos três distritos, as relações com o Estado e com as ONGs são perspectivadas mediante seis eixos:

- Encontros regulares com as autoridades administrativas;
- Campanhas de esclarecimento e de prevenção sobre a cólera, devendo os funcionários provar primeiro a água tratada em frente aos habitantes;
- Tomada em conta das necessidades locais na elaboração de projectos;

²⁰⁰ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

²⁰¹ *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

²⁰² *Ibid.*

²⁰³ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

²⁰⁴ *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

- Integração de pessoas locais nos projectos das ONGs;
- Conjugação da assessoria com o investimento na construção de bens que sirvam as necessidades locais por parte das ONGs;
- Prudência na circulação rodoviária²⁰⁵.

4.3.4. Percepções de estudantes do EP2

Para avaliar o potencial de crença dos estudantes do EP2 em relação a certos fenómenos, administrámos o seguinte questionário, com 10 afirmações-estímulo:

Escola:	EP:	Distrito:	
1. Idade: 2. Terra de origem: 3. Religião: 4. Sexo: 5. Tipo de casa (alvenaria, madeira e zinco, caniço, outros): 6. Fonte de água (canalizada, fontanário, poço, rio ou lagoa): 7. Número de refeições diárias:			
Tens 10 frases mais abaixo. Para cada frase tens 3 casinhas. Pensa um bocado nas frases e põe um X nas casinhas da tua preferência.			
FRASES	CONCORDO	NÃO CONCORDO	NÃO SEI
1. As doenças são provocadas pelos micróbios			
2. As doenças são provocadas pelos maus espíritos			
3. O SIDA apanha-se através do preservativo			
4. É importante usar preservativo			
5. Costumo ouvir rádio			
6. Já vi cinema ou vídeo nesta terra			
7. O cloro combate a cólera			
8. Os curandeiros curam doenças			
9. Eu tomei “banho” tradicional			
10. Conheço as campanhas de prevenção das doenças			

Quisemos ter um quadro geral de possíveis atitudes²⁰⁶ que pudessem ou não apontar para crenças do tipo “o cloro provoca a cólera”.

Uma atitude não é uma acção²⁰⁷, mas uma predisposição para a acção ou a probabilidade de uma acção de um certo tipo²⁰⁸, uma variável intermediária entre a opinião (comportamento verbal) e a conduta (comportamento activo). É uma disposição relativamente persistente que tira da sua coerência uma certa estabilidade e que permite explicar a passagem do primeiro tipo de comportamento ao segundo²⁰⁹.

O questionário foi respondido por 246 estudantes, dos quais 184 do sexo masculino e 62 do sexo feminino, pertencentes a cinco escolas, uma das quais da própria cidade de Nampula (EP2 12 de Outubro no bairro *Muhala Extensão*).

Vejamos os quadros em termos de frequências percentuais:

I

Escolas	Idade			
	11-13	14-16	17-19	20 ou mais
Memba	19	70	11	0
Aúbe	21	61	18	0
Larde	2	31	58	9
Angoche	50	46	4	0
Nampula	34	66	0	0
Global	25	54	19	2

II

Escola	Terra de Origem												
	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17

²⁰⁵ *Ibid.*

²⁰⁶ Mas pusemos de lado a construção de uma verdadeira escala de atitudes.

²⁰⁷ Baselga, Eduardo y Urquijo, Soledad, *Sociologia y violencia/Actitudes Universitarias*. Bilbao: Universidad de Deusto/Mensajero, 1974, p.195.

²⁰⁸ Allport, Gordon W., Attitudes, in Fishbein, Martin (ed), *Readings in Attitude and Measurement*. New York: Wiley, 1967, pp.1-13.

²⁰⁹ Gil, António Carlos, *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1991, p. 134.

Memba	2	0	0	0	68	2	0	0	0	1	6	4	2	6
Aúbe	0	91	0	0	0	0	0	9	0	0	0	0	0	0
Larde	0	15	0	0	0	2	0	79	0	0	0	0	0	4
Angoche	16	64	2	0	0	4	2	6	0	2	0	0	0	4
Nampula	58	2	4	2	0	0	0	2	2	2	0	0	0	2
Global	16	29	1	0,66	15	2	0,66	21	0,67	4	1	0	0	9

III

Escola	Religião		
	Muçulmana	Cristã	Ateu/Pagão
Memba	49	51	0
Aúbe	64	36	0
Larde	68	28	4
Angoche	50	44	6
Nampula	40	58	2
Global	54	44	2

IV

Escola	Sexo	
	Masculino	Feminino
A. Memba	83	17
Aúbe	97	3
Larde	95	5
Angoche	56	44
Nampula	49	51
Global	75	25

V

Escola	Tipo de Casa			
	Alvenaria	Madeira e Zinco	Caniço	Outro ²¹⁰
Memba	17	25	0	58
Aúbe	3	9	9	79
Larde	9	11	16	64
Angoche	40	4	16	40
Nampula	34	43	0	23
Global	22	19	8	51

VI

Escola	Fonte de água			
	Canalizada	Fontanário	Poço	Rio/Lagoa
Memba	2	32	28	38
Aúbe	0	0	94	6
Larde	0	53	47	0
Angoche	76	18	6	0
Nampula	75	2	23	0
Global	32	23	36	9

²¹⁰ Maioritariamente casas de capim.

VII

Escola	Refeições diárias		
	Duas	Três	Quatro
Memba	38	47	15
Aúbe	58	42	0
Larde	47	41	12
Angoche	6	78	16
Nampula	0	68	32
Global	28	56	16

A escolha das turmas foi aleatória e não houve de forma geral qualquer receio ou obstáculo no preenchimento. Pelo contrário, a maior parte dos estudantes fez questão de colocar os seus nomes no questionário, ainda que lhes tivéssemos dito que respeitávamos o anonimato.

Esta confiança no preenchimento dos questionários, em meios afectados pela memória dos acontecimentos descritos, é, já, um bom indicador de distanciação afectiva e de predisposição analítica.

No que concerne aos resultados, verifica-se que as poucas correlações positivas existentes são ínfimas e baixas. Isso significa que o padrão geral das respostas pouco teve a ver com as sete variáveis escolhidas²¹¹.

Correlação e regressão

Memba

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1,00	-0,23	0,09	-0,06	-0,05	-0,11	0,21	0,14	-0,15	0,26
2		1,00	-0,10	0,00	0,00	0,00	-0,12	0,30	0,00	0,00
3			1,00	-0,23	0,00	0,22	-0,26	-0,11	-0,06	-0,21
4				1,00	0,72	0,25	0,45	0,06	0,05	0,003
5					1,00	0,48	0,52	0,10	-0,01	-0,13
6						1,00	0,11	-0,03	0,13	-0,27
7							1,00	0,20	-0,22	0,04

²¹¹ As variáveis foram organizadas em 33 sub-parâmetros, a saber: **Idade**: 11-13/ 14 –16/17-19/20 ou mais; **Terra de origem**: Nampula/Angoche/ Ilha de Moçambique/ Malema/ Memba/ Mongincual/ Mogovololas/ Moma/Murrupula/ Nacala/ Namapa/ Ribáuè/ outras províncias; **Religião**. Muçulmana/ cristã/ ateu ou pagão; **Sexo**: masculino/ feminino; **Tipo de casa**: alvenaria/ madeira e zinco/caniço/outro; **Fonte de água**: canalizada/fontanário/poço/rio ou lagoa; **Número de refeições diárias**: duas/três/quatro.

8								1,00	-0,16	0,13
9									1,00	-0,22
10										1,00

Aúbe

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2		1,00	0,06	-0,10		0,32	-0,18	-0,13	0,03	-0,16
3			1,00	-0,04		-0,03	-0,03	-0,21	-0,22	-0,31
4				1,00		-0,05	-0,05	0,53	-0,24	0,11
5										
6						1,00	-0,03	-0,07	-0,02	-0,21
7							1,00	-0,07	-0,02	-0,21
8								1,00	-0,32	0,07
9									1,00	0,08
10										1,00

Larde

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2		1,00	0,23	0,06	0,18	0,23	-0,23	0,18	0,23	-0,06
3			1,00	0,10	0,12	0,15	-0,04	0,20	-0,07	0,33
4				1,00	-0,04	-0,07	-0,05	-0,13	0,05	0,21
5					1,00	0,66	-0,43	0,00	-0,02	0,05
6						1,00	-0,07	0,34	0,03	0,11
7							1,00	0,00	0,18	0,06
8								1,00	0,23	-0,01
9									1,00	-0,05
10										1,00

Angoche

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1,00	-0,29	-0,13	0,44	0,42	-0,10	0,27	-0,12	0,00	0,18
2		1,00	0,05	0,01	0,01	-0,04	-0,06	0,06	0,15	-0,15
3			1,00	-0,36	-0,02	-0,12	-0,12	0,18	0,23	-0,10
4				1,00	-0,06	-0,10	0,19	-0,12	-0,08	0,32
5					1,00	-0,07	0,05	0,32	-0,15	0,05
6						1,00	-0,12	-0,15	-0,06	-0,16
7							1,00	-0,16	-0,30	0,23
8								1,00	0,06	-0,02
9									1,00	-0,29
10										1,00

Cidade de Nampula

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1,00	0,11	0,00	0,10	0,52	-0,02	-0,11	-0,05	0,21	0,15
2		1,00	0,16	-0,13	0,15	-0,21	0,15	0,27	-0,09	0,01
3			1,00	-0,33	0,00	-0,33	0,12	-0,08	-0,16	0,23
4				1,00	-0,04	0,38	0,21	-0,15	0,06	0,21
5					1,00	-0,06	-0,05	-0,03	0,03	0,42
6						1,00	0,05	-0,19	0,02	0,25
7							1,00	0,01	-0,28	0,20
8								1,00	-0,02	-0,17

9									1,00	-0,04
10										1,00

Global

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1,00	-0,08	-0,02	0,13	0,16	-0,03	0,13	0,04	0,03	0,06
2		1,00	0,08	-0,05	0,09	-0,01	-0,02	0,16	0,05	-0,06
3			1,00	-0,18	0,03	-0,03	-0,09	-0,02	-0,03	0,02
4				1,00	0,16	0,13	0,19	-0,01	-0,02	0,16
5					1,00	0,25	0,13	0,04	-0,06	0,03
6						1,00	0,01	0,03	-0,01	-0,06
7							1,00	0,02	-0,19	0,06
8								1,00	-0,08	-0,16
9									1,00	-0,08
10										1,00

Nas respostas à primeira questão (*As doenças são provocadas pelos micróbio*), a concordância oscila entre 90 e 100%, com a pequena exceção dos 83% dos estudantes que declararam ser da categoria “ateu/pagão”. Existe, portanto, um excelente potencial de pensamento do tipo analítico, que coloca as causalidades e as co-ocorrências no campo específico da sua existência física ou social²¹².

Nas respostas à segunda questão (*as doenças são provocadas pelos maus espíritos*), a concordância diminui acentuadamente, sendo apenas expressiva naqueles que pertencem à faixa “ateu/pagão” (50%). A concordância é de 21% nos rapazes e de 34% nas raparigas, mostrando maior potencial feminino para a crença. Curiosamente, a concordância é maior naqueles que afirmaram viver em casas de alvenaria (36%), ter acesso a água canalizada (32%) e a quatro refeições diárias (25%)²¹³. Portanto, nos limites estreitos das predisposições aqui em estudo, possuir melhores condições de vida não significa necessariamente maior distanciamento em relação ao pensamento simbólico

²¹² Houtart, François et Remy, Anselme, *Haïti et la mondialisation de la culture, Étude des mentalités et des religions face aux réalités économiques, sociales et politiques*. Paris: CRESFED/L’Harmattan, 2000, p.9.

do tipo mágico-analógico, que coloca a explicação dos mecanismos de funcionamento das relações sociais e com a natureza fora do seu campo específico, remetendo-as para seres semelhantes aos humanos, mas mais poderosos²¹⁴. Por outro lado, são expressivas as percentagens de desconhecimento (*não sei*) em todas as variáveis. Portanto, estamos diante de um quadro predisposicional por um lado *mestiço* (combinando o pensamento analítico e o simbólico) e, por outro, indeciso.

Em relação à terceira questão (*O SIDA apanha-se através do preservativo*), a não concordância é generalizada, ainda que existam percentagens não irrelevantes de desconhecimento (*não sei*) perpassando por seis variáveis (com excepção da “*terra de origem*”).

Na quarta questão (*É importante usar preservativo*), a concordância é grande e acima dos 90%²¹⁵, com rapazes e raparigas afinando pelo mesmo diapasão (93 e 94%, respectivamente). Parece, assim, existir a consciência clara da prevenção, o que contrasta quer com as pessoas que ouvimos e cujos testemunhos demos a conhecer, quer com a transformação dos preservativos em balões entre as crianças dos bairros e das aldeias.

No tocante às quinta e sexta questões (*Costumo ouvir rádio e Já vi cinema ou vídeo nesta terra*), as percentagens de concordância são, igualmente, expressivas, o que mostra bem uma abertura grande ao mundo.

Na sétima questão (*O cloro combate a cólera*), verificam-se também percentagens de concordância expressivas, com pequenas variações nesta ou

²¹³ A percentuação aqui apresentada naturalmente que contribui para produzir um relevo maior do que aquele que o número efectivo de pessoas nessas condições possui. Agradecemos à Helena Monteiro esta chamada de atenção. Veja-se o anexo estatístico.

²¹⁴ Houtart, François et Remy, Anselme, *Haïti...*, op.cit., pp.11, 167.

²¹⁵ Com excepção dos naturais de Malema, bem poucos. Veja anexo estatístico.

naquela variável. Também neste caso estamos diante de um quadro perceptual aberto e otimista.

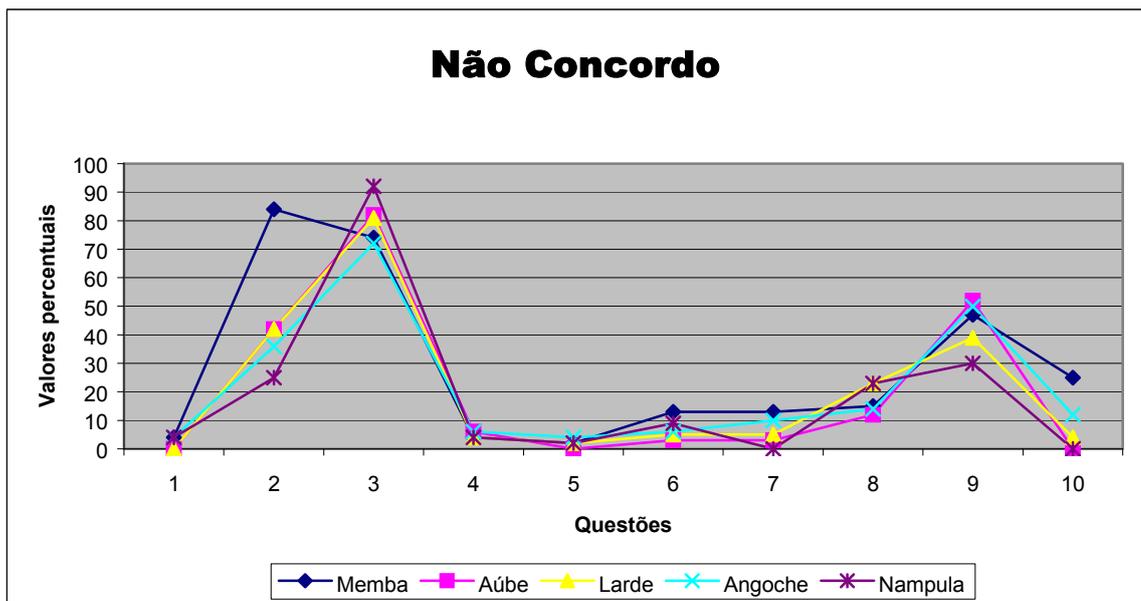
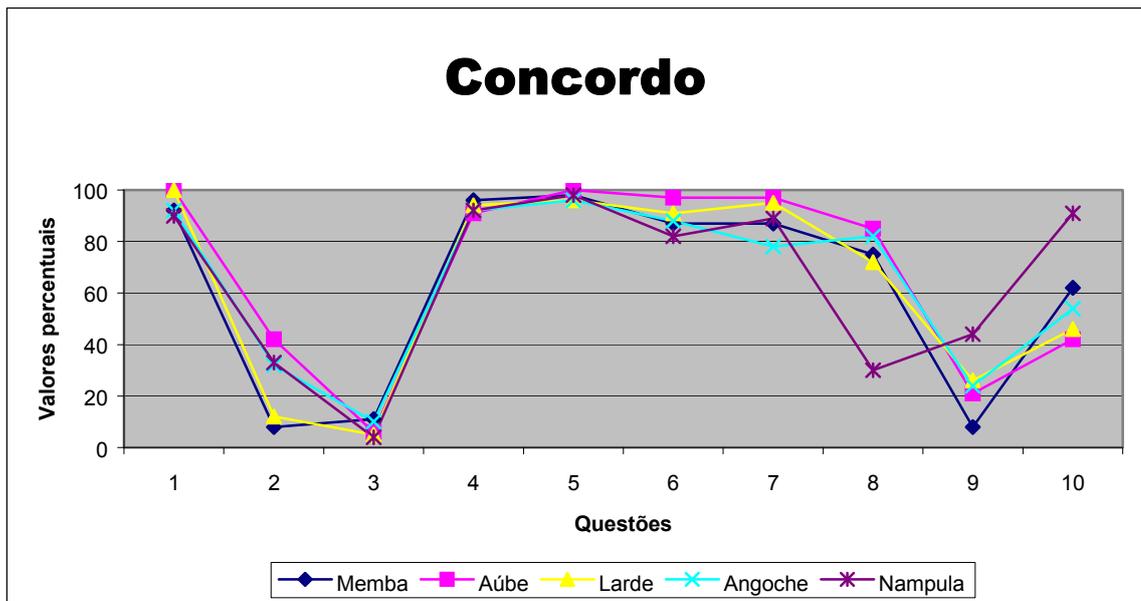
Na oitava questão (*Os curandeiros curam doenças*), a expressividade de concordância (apesar de percentagens significativas de “*não se*”) atesta a mestiçagem já referida e a dependência do pensamento simbólico, com os rapazes curiosamente mais firmes do que as raparigas (respectivamente 72 e 55%).

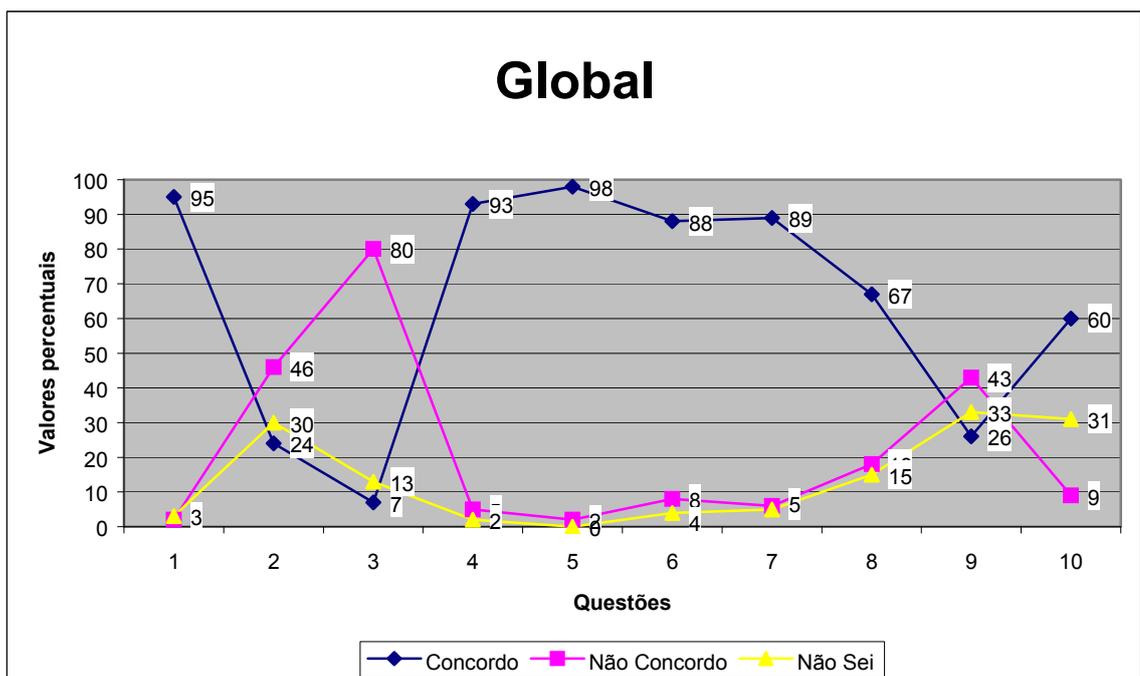
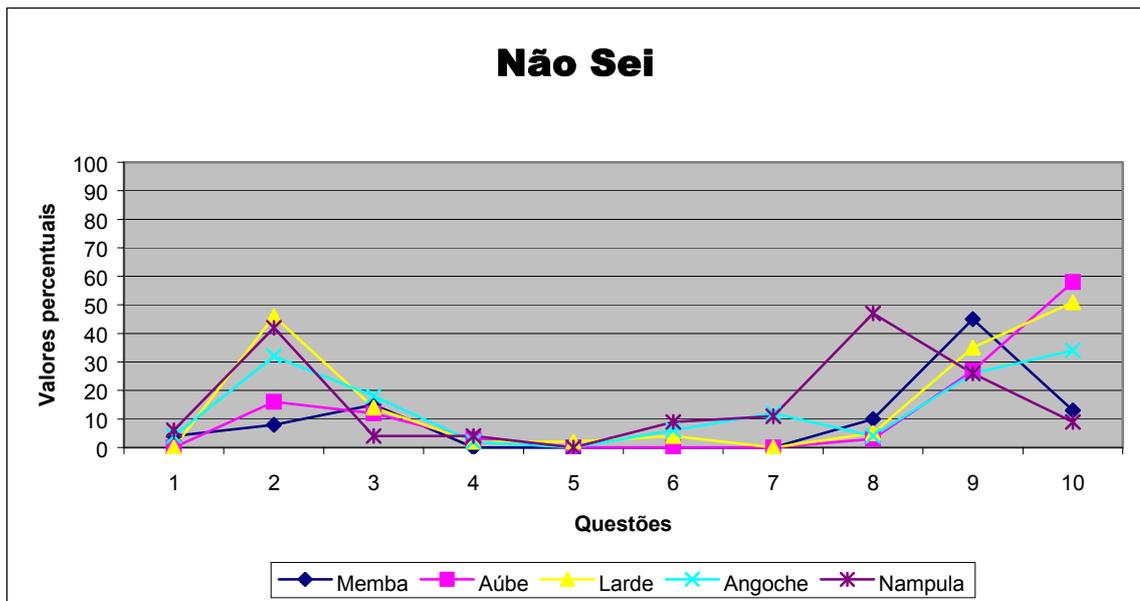
Na nona questão (*Eu tomei banho²¹⁶ tradicional*) , existe um quadro nebuloso e uma oscilação entre a concordância, a discordância e o desconhecimento. É possível que esse quadro tenha a ver com a dificuldade de entendimento da questão sentida pelos estudantes. Preferimos não emitir qualquer conclusão a esse respeito.

Na última questão (*Conheço as campanhas de prevenção das doenças*), a concordância é razoável, ainda que existam percentagens de desconhecimento significativas. A positividade da concordância contrasta com a ausência de campanhas de prevenção nas aldeias e bairros e certamente tem a ver com o esforço dos professores em elucidar os estudantes.

Vejamos os gráficos com resultados percentuais gerais:

²¹⁶ Por outras palavras, protecção mágica contra os mais espíritos.





O quadro de resultados regista pequenas variações quando os comparamos escola por escola ou região por região, como se pode verificar no anexo estatístico. Mas a EP2 da cidade de Nampula não se diferencia no geral do

quadro perceptual registado nas EP2 de Memba, Angoche-sede, Aúbe e Larde, ainda que mais expressiva, por exemplo, na concordância com a questão 10 e na discordância na questão 8.

Estamos diante de um quadro perceptual que pode ser sintetizado sob quatro registos:

1. Existe um potencial de adesão a uma análise científica dos fenómenos, que a abertura ao mundo da rádio e do cinema/vídeo certamente robustece;
2. Esse potencial de adesão a uma análise científica está, no entanto, colado a uma leitura simbólica desses mesmos fenómenos;
3. A *mestiçagem* inferencial é, assim, um dado generalizado;
4. Não é possível prever se os estudantes serão, no futuro, quando adultos, menos permeáveis a comportamentos e a inferências do tipo que demos a conhecer para Memba, Angoche e Aúbe/Larde se confrontados com uma crise social severa.

5. Conclusões

Recordemos a nossa hipótese:

A crença de que a cólera é introduzida pelo governo em Nampula através do cloro (*fenómeno*) é um indicador de insegurança popular (*nível 1*) ampliada pela tensão política (*nível 2*).

Vamos concluir tendo como referência as três perguntas de partida do nosso trabalho.

Em relação à 1.^a pergunta: Quais as raízes sociais do mito da cólera?

Os resultados obtidos na pesquisa de campo confirmam os dados quer da pesquisa arquivística quer da pesquisa de campo (os desta aprofundando os daquela) no concernente à insegurança popular do nível 1 da hipótese, mas não foram encontradas evidências para confirmar o nível 2.

Todavia, o facto de não terem sido encontradas evidências para o nível 2, não significa que a tensão política, por nós mostrada, não amplie a insegurança. Certamente o faz.

Os resultados invalidam a tese oficial de uma “campanha de desinformação” com uma mão política à retaguarda, na circunstância a da Renamo²¹⁷.

Todavia, se do lado do partido no poder encontrámos ausência de esclarecimento e repressão policial, do lado da Renamo encontrámos passividade e potencialmente o interesse em que a situação social explodisse.

Julgamos ter provado que a crença tem raízes populares e é autónoma, sejam quais forem os papéis que os militantes dos partidos aí possam jogar ou ter jogado.

A crença de que a cólera é objectivamente introduzida pelo Governo através do cloro para matar as populações não é irracional nem os seus produtores são “analfabetos”, “estúpidos” e “confusos”.

Na verdade, a crença possui a racionalidade e a robustez simbólicas de uma inferência causal lógica que, por um lado, está enraizada num campo plural de privações (com uma concentração singular e intensiva de fenómenos inquietantes que se perfilam com o apodrecimento da mandioca, passam pelo

²¹⁷ Da mesma forma na França dos anos 60, a propósito do “boato de Orléans” (judeus que raptavam jovens francesas para as encaminharem à noite para prostíbulos depois de as adormecer), circulou a tese da mão política, em particular da esquerda, o que se provou ser falso – veja Morin, Edgar, *La rumeur...*, *op.cit.*, pp.10, 35.

fecho de fábricas²¹⁸ e desaguar no peixe que é dito rarear) e, por outro, paga uma grossa factura à ausência de diálogo com os funcionários administrativos, ausência de diálogo que tem na carência de campanhas de esclarecimento e de prevenção das epidemias um exemplo paradigmático. Para dizer como Michel de Certeau, “A sobrevivência da árvore está em jogo quando as suas raízes são desnudadas”²¹⁹.

A crença é produto de uma crise, é o seu veículo de enunciação, o seu combustível, o seu êmbolo, a sua gramática. Fermenta no campo da privação, com a memória encostada ao término da guerra em 1992, o corpo em meio a uma concentração excessiva de fenómenos perturbadores e o futuro perfilando-se, duro e sem saída.

Ela conta uma história falsa para sublinhar um problema verdadeiro²²⁰.

Na verdade, a crise perfila-se na crista de nove conjuntos de fenómenos, a saber:

1. Água em mau estado ou rareando, mandioca generalizadamente apodrecida, dificuldades de escoamento de produtos agrícolas e de rendimento (especialmente algodão), encerramento de fábricas, ausência de emprego, múltiplas pragas agrícolas, caprinos dizimados por uma estranha doença, rarefacção aparente do pescado;
2. Apetência popular de escolas de alvenaria, de serviços de saúde dignos e sem suborno e de crédito;

²¹⁸ Previa-se em 2002 que a fábrica de óleos e sabões do Monapo, com 340 trabalhadores, pudesse vir a ser encerrada dado ter falido – in Economia & Negócios, *Notícias* de 11/10/02, última página. Face à situação que se vive em Nampula, a repercussão deste novo fenómeno não ficará, certamente, confinada ao Monapo.

²¹⁹ Certeau, Michel de, *La prise de parole et autres écrits politiques*. Paris: Seuil, 1994, p. 31.

²²⁰ Champion-Vincent, Véronique et Renard, Jean-Bruno, *De source sûre...*, *op. cit.*, p.333.

3. Pouca ou nula presença das autoridades administrativas no terreno em contacto permanente com as populações;
4. Ausência de campanhas de prevenção de doenças epidémicas;
5. Especialmente através de manifestações de mulheres e jovens, as populações mostram não confiar no governo e temem mesmo ser eliminadas por ele;
6. As populações desconfiam das ONGs que actuam na área (inclusive da SNV) e agridem os seus extensionistas, considerando-os como meras extensões de um governo pouco estimado;
7. Vários tipos de conflitos locais, cruzando-se numa onda contínua;
8. Uma leitura estigmatizadora das populações por parte de produtores locais de opinião e, em particular, de funcionários subalternos do Estado (os *mapéwé*) em termos de “atraso”, “analfabetismo”, etc.;
9. Aguda consciência popular de que é necessário introduzir mudanças, consciência retro-alimentada pelo contacto regular com o mundo da modernidade através do vídeo e do cinema.

O facto de a crise expressa pelo mito da cólera ter surgido na crispação política das eleições municipais de 1998 não significa que tenha sido um seu produto. A crispação pode ter ampliado o mito, mas não o criou.

O mito impregnou (e talvez ainda impregne) igualmente as crianças e os adolescentes das escolas da cidade de Nampula. A componente simbólica do tipo analógico da epistemologia, a que chamámos *mestiça*, dos estudantes do EP2 por nós ouvidos, constitui um excelente campo de acção para o enraizamento e a irradiação de mitos desse tipo.

A crise que o mito enuncia dá origem a um eclipse do social, à vertigem da indiferenciação das regras a todos os níveis e a uma crítica severa ao Estado.

Quando mulheres despem um régulo (subversão inédita da dominação androcêntrica) ou querem saber o que se passa junto do chefe de posto e são recebidas a tiro; quando jovens desempregados e sem horizonte queimam casas na raiva do desconhecido, do instante e da dúvida ou maltratam com crueldade pessoas mais velhas; quando funcionários governamentais a nível local são acusados de introduzir a cólera; ou quando jovens, à cabeça dos protestos populares, fogem em Memba para as montanhas, num estilo de perfeita *marronage*, tudo isso revela uma profunda intranquilidade, uma falta de confiança no Estado, uma entrada instintiva na subversão das regras existentes, dos códigos de honra, das hierarquias de uso, da ordem pública na sua totalidade e, finalmente, uma espécie de rosto possível de um futuro turbulento.

Estamos perante uma conflitualidade poliédrica, cipoal, da qual é possível salientar cinco facetas:

1. Em primeiro lugar, temos as pessoas dos bairros e das aldeias, especialmente mulheres e jovens, em conflito com o Estado, conflito que passa pelo confronto de quadros cognitivos diferentes na interpretação das causas: para essas pessoas é o Estado que introduz a cólera. As mulheres descritas neste trabalho, estão, nos seus desejos, na sua ansiedade, no seu veemente protesto social, muito para além da passividade inerente a uma “cultura de súbditos”²²¹. Activas, na vanguarda da reivindicação, trabalhando no campo de sol a sol e

arcando com o ónus das dificuldades, as mulheres das áreas nas quais operámos exigem ser tratadas como seres humanos.

2. Em segundo lugar, temos régulos em luta contra os secretários de bairro ou de célula e este pode ter sido e continuar a ser um laboratório fértil na ampliação do mito aqui em análise. Na verdade, apresentámos testemunhos de que os secretários poderão ter contribuído para ampliar o mal-estar. O controlo pela hegemonia e a disputa pelos réditos da cobrança de impostos e de taxas de bicicletas constituem momentos centrais da luta política de base.
3. Em terceiro lugar, surge-nos um conflito, cuja profundidade não pudemos investigar, entre duas linhas islâmicas, uma linha digamos que “antiga” e uma linha “nova”, a dos chamados *Alisunas*, acusados de subverterem as regras culturais locais. Esta linha, tutelada pelo Conselho Islâmico, pode estar eventualmente ligada à busca de certo tipo de purismo doutrinário.
4. Em quarto lugar, temos uma leitura local feita a um tempo de apetência, ciúme e desconfiança em relação aos activistas das ONGs, especialmente da SNV. É provável que em circunstâncias normais não se prestasse atenção às motas e à sua cor, à velocidade, à actuação das CDLs num certo sítio e não noutro. Mas, no turbilhão da inquietação, face ao duplo constrangimento²²², esses fenómenos ganham uma redundância acrescentada e os activistas são apanhados no *maelström* da crise e pela inferência que faz do Estado o

²²¹ Ribeiro, Gabriel Sérgio Mithá, *As representações sociais dos Moçambicanos: do passado colonial à democratização. Esboço de uma cultura política*. Lisboa : Instituto da Cooperação Portuguesa, 2000, *passim*.

²²² Rever o nosso corpo teórico.

responsável da introdução da cólera. Por outras palavras, esses activistas são considerados uma extensão do Estado e a SNV um dos seus êmbolos.

5. Em quinto lugar, o Estado é encarado como uma entidade, perversa, oportunista, que apenas se interessa pelos seus súbditos quando as eleições estão próximas. O mito da cólera é, a este respeito, emblemático: a desconfiança que enuncia em relação ao Estado, o conflito que expressa, são críticas veementes à venalidade.

A partir do momento em que a crise é desencadeada, eventualmente ampliada pelas altas densidades populacionais costeiras²²³ e pelas ondas da luta política, torna-se preponderante o carácter emocional das reacções humanas locais confrontadas com a tragédia da morte pela cólera; ao mesmo tempo, a emotividade acrescentada na reacção diminui as possibilidades de uma apreciação realista do processo. É este o coração do duplo constrangimento, como já escrevemos. As cenas reactivas de particular rancor e dureza são disso um exemplo.

O fenómeno tem lugar quer nas zonas afectadas pela cólera, quer naquelas onde a doença não surgiu ou surgiu em pequena escala. A rádio formal e a rádio do sertão (a *rádio-de-boca-a-orelha*) encarregaram-se de disseminar as notícias, captadas na crista da emoção e portanto assimiladas por “deslocamento”. Lá onde não havia cólera, surgiu, porém, a *cólera social*. É

²²³ Pormenor sugerido por um funcionário sénior da SNV. Em 1997, a densidade populacional em Memba foi calculada em 49h/k²; a de Angoche em 81 h/k²; e a de Moma, em 37 h/k². Veja ACNUR/PNUD, *Perfis de desenvolvimento distrital - distrito de Moma/Província de Nampula*, p.3; *distrito de Angoche/Província de Nampula*, p.3; *distrito de Memba.Província de Nampula*, p.3. Maputo: AHM, s/d.

significativo que vários dos actores por nós ouvidos tivessem argumentado que fora o seu protesto popular a evitar a entrada da epidemia.

Mas se a busca de bodes expiatórios está em consonância com o duplo constrangimento, não está menos com tudo o que significa ausência de esclarecimento e de diálogo.

A ausência de esclarecimento e diálogo amplia os efeitos do duplo constrangimento.

Os agentes do Estado são vistos como distantes ou, então, como venais, surgindo apenas quando as eleições estão próximas, de acordo com um comentário ouvido em Larde e por nós reproduzido mais atrás.

O cloro é, então, logicamente, revestido da natureza do Mal, do Desconhecido, do Premeditado.

O processo de busca de bodes expiatórios aglutina num mesmo saco, em autêntico movimento browniano, tudo o que é considerado possuir afinidade, física ou simbólica: funcionários administrativos, chefes tradicionais, parteiras, extensionistas das ONGs; objectos como motos, cantis e escapes; fenómenos como a fugacidade da passagem dos extensionistas, a velocidade motorizada, etc.

O que é sentido como repentinamente distante, desconhecido, incontactável, venal, não dialogante, não convertível às necessidades locais ou sendo a estas insensíveis, fica impregnado de culpa e como tal torna-se motivo de ataque em meios onde as pessoas se queixam amargamente de estarem privadas de muitos bens e serviços, de estarem a braços com fenómenos dramáticos.

Constrói-se e robustece-se assim todo um simbolismo hostil ao Estrangeiro, ao *Mucunha*.

Os bodes expiatórios não são os *madjini* tradicionais, mas os funcionários do Estado ou, institucional ou simbolicamente, a ele ligados ou supostos estar. É por isso que o mito é moderno. Não se vai ao curandeiro para que este faça a profilaxia do mal e proponha uma terapêutica, mas aponta-se directamente o dedo aos actores da modernidade (funcionários do Estado e do partido no poder), aos que têm por função apoiá-la (*mapéwé*, *apwiyamwene*) e, enfim, aos actores supostos estarem ao seu serviço (ONGs)²²⁴.

Finalmente, não é o Estado enquanto tal que é visado, mas o Estado ausente, não dialogante, estrangeiro ao contacto permanente com as comunidades, incapaz de saber trocar exigência de lealdade política por redistribuição de dividendos (servir os desejos das comunidades no que concerne às suas exigências fundamentais)²²⁵.

Foram, assim, construídos muros psicológicos difíceis de transpor.

2.^a pergunta de partida: É ele [o mito] o produto de um conflito entre tradição e modernidade?

²²⁴ Os vídeos ambulantes, as igrejas, os curandeiros e os mercados informais de que demos conta actuam ao mesmo tempo como fusíveis sociais (reconvertendo a mão-de-obra excluída), amortecedores políticos (ablactando e/ou desviando o protesto contra o sistema) e analgésicos da memória (acalmando a dor da exclusão). Fazem com que as pessoas criem novos espaços identitários, encontrem um sentido para a vida, recebam solidariedade e vejam asseguradas, no caso das igrejas, uma recompensa celestial para os males terrenos caso criam sem reservas em Deus. Mas no preciso momento em que isso acontece, ocorre a evicção completa do projecto de modificação real das condições de vida. Com efeito, quando se aceita que todos os males são obra dos "maus espíritos" ou do "diabo", transfere-se para entidades sobre-humanas a responsabilidade social na génese da miséria e da violência. Perdido o sentido crítico, trocado que é pelo sentido da crença, as pessoas evacuam o desafio humano de uma transformação social genuína. Mas no caso vertente, não há refúgio no sobre-humano e o dedo é claramente apontado a uma entidade humana visível.

²²⁵ A rara excepção parece consistir no bairro Ngúri de Angoche. Mulheres do *tufo* disseram-nos: "Existem reuniões regulares. Os ministros quando vêm para Angoche passam por este bairro. O presidente do município visita o bairro, realiza reuniões. Não fazem ideia de quantas vezes por ano é que há encontros com os governantes!" – Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

No famoso quadro de Klee, o *Angelus Novus*, o anjo da história tem os olhos esbugalhados presos ao passado quando uma tempestade vinda do paraíso o arrasta inexoravelmente para o futuro, que é progresso, mas no qual ele apenas vê um amontoado de ruínas.²²⁶

Serão então as pessoas que ouvimos uma espécie de anjos da história local que temem o futuro, que receiam a modernidade exemplificada pelo cloro, que se refugiam no passado?

Estamos confrontados com uma crise do passado veiculada pelo boato?

Efectivamente, todos os fenómenos que, invulgarmente concentrados, produziram e certamente continuarão a produzir inquietações e estalidos sociais, são, na verdade, indicadores de ruptura com um certo tipo de passado, pelo menos com aquele no qual funcionavam, por exemplo, as fábricas do caju.

Mas esse é, afinal, um passado de modernidade laboral, de modernidade que o vídeo e os filmes americanos e indianos retro-alimentam e o mar prolonga indefinidamente no horizonte.

O que está portanto em causa não é o exercício de anjos da história fechados para sempre no arcaísmo, numa visão passeísta da história, mas, sim, o exercício de anjos virados para o futuro, que desejam a modernidade.

A recusa do cloro não significa a recusa da modernidade, mas a recusa do não esclarecimento, da ausência de diálogo, de solução dos inúmeros problemas locais.

²²⁶ Benjamim, Walter, *Écrits français*. Paris: Gallimard, 1991, pp.343-344.

Estamos, assim, confrontados não com uma crise do passado, mas com uma crise efectiva da modernidade ou, se se preferir, de uma modernidade sentida como perversa.

O boato aqui em estudo é uma gramática moderna cujas regras temos de conhecer e ligar profundamente à legitimidade do Estado. A prova emblemática está em que não é ao velho arsenal dos feitiços e dos contra-feiticeiros que as pessoas recorrem para normalizar a crise e lhe darem um sentido e uma explicação, mas justamente aos símbolos da modernidade, aos símbolos associados ao Estado moderno e, por extensão, aos funcionários das ONGs.

Como escreveram Nations e Monte, em caso de doenças infecciosas e contagiosas “apontar o dedo torna-se uma paixão humana” e, nestas situações, o dedo é invariavelmente apontado ao Estado²²⁷.

3.^a pergunta de partida: Existem condições para que [o mito] se repita na forma de um conflito de baixa intensidade?

É sempre bem mais fácil, para usar uma fórmula provocadora, predizer o passado do que o futuro.

Mas tentaremos, com precaução, produzir um pequeno cenário.

Não encontrámos qualquer evidência que mostre que o fenómeno foi esquecido. Pelo contrário, está bem vivo e impregnado de uma memória ferida e agreste.

Cinco factores podem concorrer para essa repetição e transformá-lo num conflito de baixa intensidade a médio prazo²²⁸.

1. A continuidade do estado de privação plural em que se encontram as comunidades. Estas estão confrontadas com o dilema da cabana de Charles Chaplin no bordo do precipício: sair ou ficar é um risco. Com efeito, os actores nampulenses deste livro vivem uma vida igualmente impossível de habitar e de deixar²²⁹;
2. A contínua ausência de diálogo e de esclarecimento. Um Estado ganha hegemonia quando consegue trocar a exigência de lealdade política pelo fornecimento (e pela monitoria constante) de serviços básicos de qualidade. Trata-se do que chamamos *paradigma de Mondlane* e que retomamos mais à frente;
3. A luta política entre *amuene/régulos* (representantes do “poder tradicional”) e secretários de bairro ou de célula (representantes do “poder político moderno”). Esta é uma luta que fragmenta o Estado e o deixa à deriva dos clientelismos locais e das lutas faccionais²³⁰;
4. A luta política inter-partidária em período eleitoral. Ela poderá ser acompanhada de boatos (naturais ou intencionalmente provocados) e os boatos ampliam descrenças e fazem crispar comportamentos;
5. O surgimento de líderes *marrons*, populistas, radicais, capazes de passar das lutas imediatas às lutas de longo curso²³¹. Expectativas nunca satisfeitas, agravos acumulados, apelam frequentemente para líderes “fortes”, justiceiros, tipo messias profanos.

²²⁷ Citado em Ghosh, Ishita and Coutinho, Lester, Normalcy and Crisis in Time of Cholera/An ethnography of Cholera in Calcutta, in *Economic Political Weekly (Mumbai)*, February 19-26, 2000, p. 694.

²²⁸ Os *amortecedores* sociais temporários anteriormente referidos (igrejas, acusações de feitiçaria, curandeiros, vídeos ambulantes e mercados informais) podem, neste caso, ficar inviabilizados.

²²⁹ In Certeau, Michel de, *La prise de parole...*, *op.cit.*, p.58.

²³⁰ Um estudo que dirigimos há alguns anos sobre a administração da justiça em Moçambique revelou que as lutas políticas faccionais de base (Grupos Dinamizadores, regulados) passavam por linhas de clivagem nas famílias

Antes de avançarmos, vamos trabalhar um bocado teoricamente o fenómeno político com algumas ideias-base.

A resistência, banal fenómeno que é teoricamente possível fazer sair da família mecânica da “força” e da “contra-força”, é uma parte imanente da relação política, digamos que a sua “mão invisível”, mas persistente.

Lá onde tem curso uma relação política, existe uma resistência, um inconformismo, uma aspiração geral ao não obedecer e uma exigência específica de um sempre mais redistribuidor feita aos príncipes.

Portanto, a relação política reveste a face de Jano: se somos moralmente obrigados a obedecer, não somos menos obrigados a desobedecer quando a nossa consciência a isso obriga. Por outras palavras, há em todo nós um fundo libertário sempre pronto à acção.

Numa formulação freudiana, propomos que se veja a relação política no interior do que chamaremos “complexo de Ganga Zumba”²³². Consiste no seguinte: todos os seres humanos são portadores de um capital de obediência formado ao longo das suas diferentes socializações, sendo estas, regra geral, aprendizagens e interiorização de regras e de fórmulas de obediência à Ordem. É por aí que se estruturam os veios de identificação e os laços afectivos primordiais: em termos freudianos, queremos ser como o nosso Pai (e, por extensão, como todos aqueles que simbolizam esse Pai e a sua autoridade: o professor, o curandeiro, o régulo, o administrador, o escritor, etc.). Mas acontece que esse processo

influentes. Por exemplo, um Grupo Dinamizador podia ter à sua testa um sobrinho do régulo local. A esse propósito veja Serra, Carlos (dir), *Conflito e mestiçagem*. Maputo: Livraria Universitária, 2000, pp. 69-84.

²³¹ Esses líderes podem ser apadrinhados pela Renamo ou provirem dela.

é contrariado pelo desejo de sermos o próprio Pai e, se possível, de irmos para além dele. É aqui que nasce a desidentificação primordial e a aspiração prometeica a uma neo-identificação na personagem do rebelde, do subvertor, do anômico, do produtor de historicidade. Põe-se em marcha, então, o capital de desobediência. Um mundo de motivos e de condições pode reproduzir e, até, ampliar essa neo-identificação.

A desobediência será tanto maior ou tanto mais facilitada quanto maior for a erosão sofrida pelas grandes e seculares figuras da Ordem.

É possível considerar dois tipos de resistência: as imediatas e as de futuro. Nas primeiras o visado não é o “inimigo número 1”, mas o inimigo imediato, aquele que está mais próximo, à mão. Os resistentes imediatos não pensam que a solução dos seus problemas possa estar num futuro qualquer (do tipo luta de libertação nacional, revolução, etc.). Ao contrário, nas lutas de futuro, de longo curso, o que está em causa não é a solução imediata de qualquer problema premente, mas uma coisa bem mais ambiciosa: mudar os fundamentos da sociedade. Isso exige lutadores de uma espécie bem diferente. Os primeiros vivem das oportunidades de circunstância, de forma *biscateira*, ao sabor do instante, da fugacidade do golpe, sem controlo do presente e, portanto, sem visão do futuro; os segundos controlam o presente, organizam o futuro por etapas, com rigor, com disciplina; se os primeiros vivem a tática da circunstância, os segundos empenham-se na estratégia calculada do futuro; os primeiros são o reino da emoção, os segundos, o reino da matemática.

²³² Foi o primeiro chefe do *quilombo de Palmarés*, no nordeste do Brasil, formado no século XIX por cerca de 25 mil escravos fugidos dos campos e das condições desumanas de trabalho e de vida.

Quando o fosso existente entre as expectativas sociais (satisfação adiada de certas necessidades) e a realidade vivida (satisfação real dessas necessidades) se mostra severo, de uma margem de frustração intolerável, está-se, então, diante de uma potencial erosão da legitimidade do Estado e de condições para uma refutação passiva ou activa da assimetria social existente.

A esse respeito, foi Eduardo Mondlane quem melhor enunciou em Moçambique os termos da negociação política e, afinal, da democracia: as populações estão dispostas a participar num projecto político desde que o Estado municie as suas necessidades básicas. Na verdade, quando no início da luta de libertação nacional a Frelimo não conseguia fornecer serviços básicos (hospitais, escolas, tribunais) às populações do norte do país, estas desertavam para o lado português, onde aqueles serviços existiam. É este o *paradigma de Mondlane*²³³.

Ora, um conflito de baixa intensidade está a meio caminho entre as lutas imediatas e as de longo curso. Recebe das primeiras a inspiração mas não tem ainda a consistência, a perspectiva de futuro e os líderes das segundas. Estamos, para usar mais uma metáfora, diante de lutas de médio curso.

Creemos que as evidências apresentadas neste trabalho apontam para a possibilidade de lutas de médio curso, ampliadas pela tensão política e embutidas em apelos às reservas tradicionais de imputação causal e facturando na modernidade as armas (materiais e simbólicas) e os canais de luta.

Essas lutas podem ficar organizadas numa coligação de marginalidades²³⁴, unidas por uma espécie local recorrente de *anima*, federados pelo arquétipo do agravo, ganhando crescente fundamentação política, agrupando grupos sociais que se sentem excluídos ainda que por razões diferentes (régulos, jovens desempregados, mulheres, líderes carismáticos) e podendo, eventualmente, passar pelas malhas do conflito que opõe as duas linhas islâmicas do qual demos conta mais atrás.

Essa coligação de marginalidades poderia tirar partido da retroacção dos estoques de resistência e desobediência civil guardados na memória das pessoas, ao mesmo que produziria os seus mitos de galvanização.

Com efeito, o país em geral e Nampula em particular possuem estoques amplos de resistência e macro-desobediência civil armazenados na memória.

Primeiro, a secular resistência histórica das realezas islâmicas ao colonialismo português porque intimamente associadas ao comércio de escravos, realezas que possuíam a única tradição nativa que Moçambique teve de registo, por escribas oficiais e em ki-swahili, da história local.

Segundo, a contestação armada da Frelimo à ordem colonial.

Terceiro, a contestação armada da Renamo à ordem nacional da Frelimo.

Quarto, a tradição pós-1975 de greves laborais.

²³³ Adaptação de Serra, Carlos, *Novos combates pela mentalidade sociológica*. Maputo: Livraria Universitária, 1997, pp. 62-65.

²³⁴ A expressão é do historiador francês Michel Cahen.

Finalmente, o conjunto da resistências motivadas pela crença de que a cólera é introduzida pelo Estado e por extensionistas das ONGs através do cloro.

Toda a resistência tem dois momentos: o impulso e o aguilhão. Mesmo quando o impulso parece ter perdido a sua força, resta o aguilhão, retro-alimentando os seus portadores.

Os estudantes do EP2 poderão constituir, a esse respeito, espalmados que estão entre o mar que os leva para o futuro e o interior que os amarra ao passado, uma reserva juvenil para lutas pós-cólera, especialmente se o seu horizonte de oportunidades permanecer fechado e se só lhes restarem, por exemplo, as montanhas (como em Memba), *habitat* de uma possível saga de luta, retaliação, catarse e esconderijo. Recordemos o testemunho, anteriormente reproduzido, de uma mulher em Memba:

“Quem fez a confusão foram jovens daqui que até nem são circuncidados, são jovens que não fazem nada, quando a polícia veio fugiram para a montanha. Aqui os “baixos” são esses que vivem nas montanhas. Os velhos não participaram, mas gostaram da atitude dos jovens, até diziam “nós não fomos mas os nossos filhos já trabalharam”.

Na verdade, várias foram as pessoas que nos disseram, nos distritos nos quais trabalhámos, que estavam cansadas do sofrimento²³⁵.

²³⁵ Helena Monteiro, informação pessoal.

6. Tabelas

Seguem-se as tabelas estatísticas de um questionário administrado a estudantes do EP2:

EP2 Momba

Concordo - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	90	92	100	0	100	0	0	0	94	100	0	0	0	89	100	100	67	88	96	0	95	78	89	92	0	94	100	88	100	90	95	88	100
2	10	8	0	0	0	0	0	8	0	0	0	0	11	0	0	0	8	7	0	7	11	11	8	0	6	0	6	7	10	10	8	0	
3	10	8	33	0	0	0	0	14	0	0	0	0	11	0	0	0	15	7	0	9	22	11	8	0	13	0	6	13	15	10	8	25	
4	90	97	100	0	100	0	0	97	100	0	0	0	89	100	100	100	92	100	0	95	100	100	100	0	94	100	100	100	90	90	100	100	
5	100	97	100	0	100	0	0	97	100	0	0	0	100	100	100	100	96	100	0	100	89	100	100	0	97	100	100	100	95	100	96	100	
6	100	84	83	0	100	0	0	86	100	0	0	0	100	50	0	100	85	89	0	86	89	89	77	0	90	100	100	67	90	90	84	88	
7	80	86	100	0	100	0	0	89	100	0	0	0	100	100	100	0	88	85	0	91	67	67	85	0	94	100	88	87	85	95	84	75	
8	60	76	100	0	100	0	0	83	0	0	0	0	56	50	100	67	73	78	0	77	67	56	77	0	81	0	65	73	90	75	72	88	
9	0	8	17	0	0	0	0	11	0	0	0	0	0	0	0	0	12	4	0	9	0	11	0	0	10	0	0	20	5	0	8	25	
10	30	70	67	0	0	0	0	64	100	0	0	0	56	50	100	67	62	63	0	64	56	89	69	0	52	0	47	80	65	55	60	88	

EP2 Momba

Não Concordo - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	0	5	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	11	0	0	0	8	0	0	2	11	0	8	0	3	0	6	0	5	5	4	0	
2	90	81	100	0	100	0	0	86	0	0	0	0	78	100	100	100	85	85	0	84	89	67	92	0	87	100	82	93	80	85	84	88	
3	90	76	33	0	0	0	0	69	100	0	0	0	78	100	100	100	69	78	0	77	56	89	69	0	71	100	82	67	70	75	80	50	
4	10	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	11	0	0	0	8	0	0	5	0	0	0	0	6	0	0	0	10	10	0	0	
5	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	11	0	0	0	3	0	0	0	5	0	4	0	
6	0	16	17	0	0	0	0	14	0	0	0	0	0	50	100	0	15	11	0	14	11	11	23	0	10	0	0	33	10	10	16	13	

7	20	14	0	0	0	0	0	0	11	0	0	0	0	0	0	100	12	15	0	9	33	33	15	0	6	0	12	13	15	5	16	25	
8	20	16	0	0	0	0	0	0	14	100	0	0	0	11	50	0	0	27	4	0	18	0	22	15	0	13	0	18	27	5	20	16	0
9	50	43	67	0	100	0	0	0	39	0	0	0	0	67	50	0	100	42	52	0	45	56	33	77	0	39	100	53	40	45	40	64	13
10	50	22	0	0	100	0	0	0	25	0	0	0	0	22	50	0	0	23	26	0	25	22	0	31	0	29	100	35	13	20	35	20	13

EP2 Memba

Não Sei - Valores percentuais

1	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	
10	3	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	33	4	4	0	2	11	11	0	0	3	0	6	0	5	0	8	0	
0	11	0	0	0	0	0	0	6	100	0	0	0	11	0	0	0	8	7	0	9	0	22	0	0	6	0	12	0	10	5	8	13	
0	16	33	0	100	0	0	0	17	0	0	0	0	11	0	0	0	15	15	0	14	22	0	23	0	16	0	12	20	15	15	12	25	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
20	8	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	33	0	0	33	0	19	0	5	33	22	8	0	6	100	18	0	5	5	12	13	
50	49	17	0	0	0	0	0	50	100	0	0	0	33	50	100	0	46	44	0	45	44	56	23	0	52	0	47	40	50	60	28	63	
20	8	33	0	0	0	0	0	11	0	0	0	0	22	0	0	33	15	11	0	11	22	11	0	0	19	0	18	7	15	10	20	0	

EP2 Aúbe

Concordo - Valores percentuais

1	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	
1	100	100	100	0	0	100	0	0	0	0	0	100	0	0	0	0	100	100	0	100	100	100	100	100	0	0	100	100	100	100	0		
2	29	45	50	0	0	37	0	0	0	0	0	100	0	0	0	0	24	75	0	44	0	100	0	33	46	0	0	42	50	26	64	0	
3	0	10	0	0	0	7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	8	0	6	0	0	0	0	8	0	0	6	0	5	7	0	
4	100	85	100	0	0	93	0	0	0	0	0	67	0	0	0	0	95	83	0	91	100	100	100	100	88	0	0	90	100	89	93	0	
5	100	100	100	0	0	100	0	0	0	0	0	100	0	0	0	0	100	100	0	100	100	100	100	100	0	0	100	100	100	100	0		
6	100	95	100	0	0	97	0	0	0	0	0	100	0	0	0	0	95	100	0	97	100	100	67	100	100	0	0	97	100	100	93	0	
7	100	95	100	0	0	97	0	0	0	0	0	100	0	0	0	0	95	100	0	97	100	0	100	100	100	0	0	97	100	95	100	0	

8	100	85	67	0	0	87	0	0	0	0	0	67	0	0	0	0	0	81	92	0	84	100	100	67	100	85	0	0	84	100	79	93	0
9	14	15	50	0	0	17	0	0	0	0	0	67	0	0	0	0	0	19	25	0	22	0	0	33	0	23	0	0	19	50	26	14	0
10	29	45	50	0	0	43	0	0	0	0	0	33	0	0	0	0	0	52	25	0	44	0	100	67	33	38	0	0	45	0	53	29	0

EP2 Aúbe

Não Concordo - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições					
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33			
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	43	45	33	0	0	47	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	57	17	0	41	100	0	33	67	42	0	0	42	50	53	29	0	0	0		
3	100	75	83	0	0	80	0	0	0	0	0	100	0	0	0	0	81	83	0	81	100	100	100	100	77	0	0	81	100	84	79	0	0	0		
4	0	10	0	0	0	7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	8	0	6	0	0	0	0	8	0	0	6	0	5	7	0	0	0		
5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
6	0	5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	3	0	0	33	0	0	0	0	3	0	0	7	0	0	0		
7	0	5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	3	0	100	0	0	0	0	0	3	0	5	0	0	0	0		
8	0	10	33	0	0	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	19	0	0	13	0	0	33	0	12	0	0	13	0	16	7	0	0	0		
9	43	55	50	0	0	53	0	0	0	0	0	33	0	0	0	0	52	50	0	53	0	100	67	100	42	0	0	55	0	47	57	0	0	0		
10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

EP2 Aúbe

Não Sei - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições				
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33		
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	29	10	17	0	0	17	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	19	8	0	16	0	0	67	0	12	0	0	16	0	21	7	0	0	0	
3	0	15	17	0	0	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	14	8	0	13	0	0	0	0	15	0	0	13	0	11	14	0	0	0	
4	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	33	0	0	0	0	0	8	0	3	0	0	0	0	4	0	0	3	0	5	0	0	0	0	
5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
8	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	33	0	0	0	0	0	8	0	3	0	0	0	0	4	0	0	3	0	5	0	0	0	0	
9	43	30	0	0	0	30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	29	25	0	25	100	0	0	0	35	0	0	26	50	26	29	0	0	0	

10	71	55	50	0	0	57	0	0	0	0	0	67	0	0	0	0	48	75	0	56	100	0	33	67	62	0	0	55	100	47	71	0
----	----	----	----	---	---	----	---	---	---	---	---	----	---	---	---	---	----	----	---	----	-----	---	----	----	----	---	---	----	-----	----	----	---

EP2 Larde - Moma

Concordo - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	100	100	100	100	0	100	0	0	0	100	0	100	0	0	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	0	100	100	0	100	100	100	
2	0	6	15	20	0	11	0	0	0	0	0	13	0	0	0	0	13	13	0	13	0	20	0	0	16	0	7	19	0	7	17	14	
3	0	11	3	0	0	0	0	0	0	0	7	0	0	0	0	0	8	0	0	6	0	0	17	22	0	0	7	4	0	7	4	0	
4	100	89	100	80	0	89	0	0	0	100	0	96	0	0	0	100	92	100	100	94	100	80	100	100	95	0	97	93	0	89	100	100	
5	100	94	97	100	0	100	0	0	0	100	0	96	0	0	0	100	95	100	100	96	100	100	100	100	95	0	100	93	0	96	96	100	
6	100	94	88	100	0	89	0	0	0	100	0	91	0	0	0	100	92	94	50	91	100	100	100	100	86	0	97	85	0	89	91	100	
7	100	89	97	100	0	78	0	0	0	100	0	98	0	0	0	100	97	88	100	94	100	100	83	100	95	0	93	96	0	93	96	100	
8	100	72	70	80	0	56	0	0	0	100	0	73	0	0	0	100	74	69	50	72	67	100	50	78	70	0	70	74	0	59	83	86	
9	0	6	30	80	0	44	0	0	0	0	0	22	0	0	0	50	26	25	50	26	33	40	17	33	24	0	37	15	0	19	30	43	
10	100	39	45	60	0	33	0	0	0	0	0	49	0	0	0	50	41	63	0	46	33	60	100	67	30	0	53	37	0	44	48	43	

EP2 Larde - Moma

Não Concordo - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	100	44	36	60	0	67	0	0	0	0	0	38	0	0	0	50	44	38	50	43	33	60	67	56	32	0	53	30	0	52	35	29	
3	100	67	85	100	0	89	0	0	0	100	0	78	0	0	0	100	77	94	50	80	100	100	83	67	81	0	83	78	0	81	78	86	
4	0	6	0	20	0	11	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	5	0	0	4	0	20	0	0	3	0	3	4	0	7	0	0	
5	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	3	0	0	2	0	0	0	0	3	0	0	4	0	4	0	0	
6	0	6	6	0	0	11	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	5	0	50	6	0	0	0	0	8	0	3	7	0	7	4	0	
7	0	11	3	0	0	22	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	3	13	0	6	0	0	17	0	5	0	7	4	0	7	4	0	
8	0	22	24	20	0	33	0	0	0	0	0	22	0	0	0	0	21	31	0	22	33	0	50	22	22	0	23	22	0	37	9	14	
9	100	56	30	20	0	11	0	0	0	100	0	42	0	0	0	50	46	19	50	39	33	20	33	33	43	0	30	48	0	41	39	29	
10	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	3	6	0	4	0	20	0	0	3	0	0	7	0	4	0	14	

EP2 Larde - Moma

Não Sei - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições					
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33			
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	0	50	48	20	0	22	0	0	0	100	0	49	0	0	0	0	50	44	50	50	44	67	20	33	44	51	0	40	52	0	41	48	57			
3	0	22	12	0	0	11	0	0	0	0	0	16	0	0	0	0	15	6	50	15	0	0	0	11	19	0	10	19	0	11	17	14				
4	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	3	0	0	2	0	0	0	0	3	0	0	4	0	4	0	0				
5	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	3	0	0	2	0	0	0	0	3	0	0	4	0	0	4	0				
6	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	3	6	0	4	0	0	0	0	5	0	0	7	0	4	4	0				
7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
8	0	6	6	0	0	11	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	5	0	50	6	0	0	0	0	8	0	7	4	0	4	9	0				
9	0	39	39	0	0	44	0	0	0	0	0	36	0	0	0	0	28	56	0	35	33	40	50	33	32	0	33	37	0	41	30	29				
10	0	61	48	40	0	67	0	0	0	100	0	47	0	0	0	50	56	31	100	50	67	20	0	33	68	0	47	56	0	52	52	43				

EP2 Eduardo Mondlane – Angoche

Concordo - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições				
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33		
1	100	83	100	0	75	97	100	0	0	100	100	100	0	100	0	0	50	96	91	67	96	86	85	100	88	100	89	100	100	0	100	90	100		
2	28	39	0	0	50	34	0	0	0	0	0	0	0	0	0	50	32	27	67	21	45	40	50	38	20	34	11	67	0	0	38	13			
3	12	9	0	0	13	9	0	0	0	0	0	33	0	0	0	0	8	14	0	11	9	15	0	0	10	11	11	0	0	0	10	13			
4	88	96	100	0	88	94	100	0	0	100	100	67	0	100	0	0	100	92	91	100	96	86	95	100	100	85	89	100	100	0	100	92	88		
5	100	91	100	0	100	97	100	0	0	100	100	100	0	100	0	0	50	96	95	100	96	95	95	100	100	95	95	100	100	0	67	97	100		
6	88	91	50	0	100	84	100	0	0	100	100	100	0	100	0	0	50	88	86	100	82	95	90	100	88	85	87	89	100	0	100	87	88		
7	88	70	50	0	75	81	100	0	0	50	0	100	0	100	0	0	50	72	86	67	86	68	65	100	88	85	76	89	67	0	33	82	75		
8	80	87	50	0	75	88	100	0	0	50	100	33	0	100	0	0	100	76	86	100	75	91	80	100	75	85	84	67	100	0	33	85	88		
9	32	17	0	0	25	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	50	32	14	33	14	36	25	50	25	20	24	11	67	0	33	26	13			
10	56	52	50	0	50	50	100	0	0	100	0	67	0	100	0	0	50	56	50	67	71	32	55	50	38	60	47	78	67	0	67	51	63		

EP2 Eduardo Mondlane – Angoche

Não Concordo - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	0	9	0	0	13	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	33	4	5	5	0	13	0	5	0	0	0	0	5	0	
2	32	35	100	0	38	31	100	0	0	50	0	67	0	0	0	50	24	50	33	46	23	40	50	38	30	34	56	0	0	33	33	50	
3	72	70	100	0	88	66	100	0	0	100	100	33	0	100	0	100	72	68	100	75	68	85	100	63	60	74	56	100	0	100	67	88	
4	12	0	0	0	0	6	0	0	0	0	0	33	0	0	0	0	4	9	0	4	9	0	0	0	15	8	0	0	0	0	5	13	
5	0	9	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	50	4	5	0	4	5	5	0	0	5	5	0	0	0	33	3	0	
6	0	9	50	0	0	9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	5	0	7	5	5	0	13	5	5	11	0	0	0	8	0	
7	4	13	50	0	0	6	0	0	0	50	100	0	0	0	0	50	12	9	0	11	9	20	0	13	0	11	11	0	0	33	8	13	
8	16	9	50	0	25	6	0	0	0	50	0	67	0	0	0	0	16	14	0	21	5	20	0	13	10	11	33	0	0	33	13	13	
9	52	43	100	0	38	53	0	0	0	50	100	33	0	100	0	50	40	64	33	57	41	60	50	50	40	55	44	0	0	67	44	75	
10	12	9	50	0	13	16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	14	33	11	14	10	0	13	15	13	11	0	0	0	13	13	

EP2 Eduardo Mondlane – Angoche

Não Sei - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	0	9	0	0	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	50	4	5	0	0	9	10	0	0	0	5	0	0	0	0	5	0	
2	40	26	0	0	13	34	0	0	0	50	100	33	0	100	0	0	44	23	0	32	32	20	0	25	50	32	33	33	0	67	28	38	
3	16	22	0	0	0	25	0	0	0	0	0	33	0	0	0	0	20	18	0	14	23	0	0	38	30	16	33	0	0	0	23	0	
4	0	4	0	0	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	5	5	0	0	0	3	0	0	0	0	3	0	
5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6	12	0	0	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	50	4	9	0	11	0	5	0	0	10	8	0	0	0	0	5	13	
7	8	17	0	0	25	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	16	5	33	4	23	15	0	0	15	13	0	33	0	33	10	13	
8	4	4	0	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	0	0	4	5	0	0	13	5	5	0	0	0	33	3	0	
9	16	39	0	0	38	19	100	0	0	50	0	67	0	0	0	0	28	23	33	29	23	15	0	25	40	21	44	33	0	0	31	13	
10	32	39	0	0	38	34	0	0	0	0	100	33	0	0	0	50	36	36	0	18	55	35	50	50	25	39	11	33	0	33	36	25	

EP2 - 12 de Outubro Muhala Expansão - Nampula

Concordo - Valores percentuais

Idade	Terra de Origem	Religião	Sexo	Tipo de casa	Fonte de água	No.
-------	-----------------	----------	------	--------------	---------------	-----

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	Refeições		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	94	89	0	0	90	100	50	100	0	0	0	100	100	100	0	0	93	81	97	100	88	93	94	91	0	83	95	100	75	0	0	89	94
2	61	20	0	0	29	100	100	0	0	0	0	0	0	0	0	40	19	42	100	31	37	44	30	0	25	30	100	42	0	0	28	47	
3	0	6	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	5	3	0	4	4	0	4	0	8	5	0	0	0	0	0	12	
4	94	91	0	0	97	100	50	0	0	0	0	100	100	100	0	0	93	90	94	100	88	96	100	96	0	75	90	100	100	0	0	94	88
5	100	97	0	0	97	100	100	100	0	0	0	100	100	100	0	0	100	100	97	100	96	100	100	96	0	100	100	100	92	0	0	97	100
6	83	80	0	0	77	100	100	0	0	0	0	100	100	100	0	0	87	76	87	0	85	78	72	91	0	75	80	100	83	0	0	86	71
7	89	89	0	0	90	100	100	0	0	0	0	100	100	100	0	0	87	90	87	100	85	93	89	87	0	92	90	100	83	0	0	94	76
8	44	23	0	0	32	0	50	100	0	0	0	0	0	0	0	27	24	35	0	42	19	28	26	0	42	28	0	42	0	0	31	29	
9	44	43	0	0	52	0	0	100	0	0	0	0	100	100	0	0	27	43	45	0	38	48	39	57	0	25	43	0	50	0	0	47	35
10	100	86	0	0	94	100	100	0	0	0	0	100	100	100	0	0	87	100	84	100	85	96	89	91	0	92	93	100	83	0	0	92	88

EP2 - 12 de Outubro Muhala Expansão - Nampula

Não Concordo - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	
1	6	3	0	0	3	0	50	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10	0	0	8	0	6	0	0	8	5	0	0	0	0	6	0	
2	11	31	0	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	100	0	0	13	48	10	0	19	30	28	22	0	25	28	0	17	0	0	31	12	
3	94	91	0	0	90	100	100	100	0	0	0	100	100	100	0	0	93	95	90	100	92	93	89	96	0	92	90	100	100	0	0	97	82	
4	0	6	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	5	3	0	4	4	0	4	0	8	5	0	0	0	0	0	0	12	
5	0	3	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	4	0	0	4	0	0	0	0	8	0	0	3	0	
6	11	9	0	0	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	14	6	0	0	19	11	4	0	17	10	0	8	0	0	8	12		
7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
8	28	20	0	0	23	100	50	0	0	0	0	0	100	0	0	0	13	19	23	100	31	15	28	17	0	25	23	100	17	0	0	19	29	
9	28	31	0	0	32	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	33	24	32	100	35	26	44	22	0	25	28	100	33	0	0	25	41	
10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

EP2 - 12 de Outubro Muhala Expansão - Nampula

Não Sei - Valores percentuais

Idade	Terra de Origem	Religião	Sexo	Tipo de casa	Fonte de água	No. Refeições
-------	-----------------	----------	------	--------------	---------------	---------------

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	0	9	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	10	3	0	4	7	0	9	0	8	0	0	25	0	0	6	6
2	28	49	0	0	39	0	0	100	0	0	0	100	100	0	0	0	47	33	48	0	50	33	28	48	0	50	43	0	42	0	0	42	41
3	6	3	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6	0	4	4	11	0	0	0	5	0	0	0	0	3	6	
4	6	3	0	0	0	0	50	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	3	0	8	0	0	0	0	17	5	0	0	0	0	6	0
5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6	6	11	0	0	10	0	0	100	0	0	0	0	0	0	0	0	7	10	6	100	15	4	17	4	0	8	10	0	8	0	0	6	18
7	11	11	0	0	10	0	0	100	0	0	0	0	0	0	0	0	13	10	13	0	15	7	11	13	0	8	10	0	17	0	0	6	24
8	28	57	0	0	45	0	0	0	0	0	0	100	0	100	0	0	60	57	42	0	27	67	44	57	0	33	50	0	42	0	0	50	41
9	28	26	0	0	16	0	100	0	0	0	0	100	0	0	0	0	40	33	23	0	27	26	17	22	0	50	30	0	17	0	0	28	24
10	0	14	0	0	6	0	0	100	0	0	0	0	0	0	0	0	13	0	16	0	15	4	11	9	0	8	8	0	17	0	0	8	12

Geral

Concordo - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	97	92	100	100	88	99	67	100	94	100	100	100	100	91	100	100	86	94	96	83	97	89	91	94	95	97	92	96	97	91	99	92	98
2	34	22	17	20	33	33	67	0	8	0	0	17	0	9	0	0	32	18	30	50	21	34	36	19	20	21	32	9	30	14	13	29	25
3	7	8	6	0	5	7	0	0	14	0	0	8	0	9	0	0	5	8	6	0	7	8	8	6	10	7	8	7	6	14	7	6	13
4	92	92	100	80	95	93	67	0	97	100	100	92	100	91	100	100	95	92	94	100	93	94	96	98	100	90	90	98	94	91	90	96	93
5	100	96	98	100	98	99	100	100	97	100	100	96	100	100	100	100	95	97	98	100	98	97	98	98	100	97	97	100	97	95	97	97	100
6	90	87	87	100	83	90	100	0	86	100	100	92	100	100	50	0	86	88	90	67	89	87	85	87	95	89	84	96	86	91	93	88	83
7	89	86	96	100	88	88	100	0	89	75	0	98	100	100	100	100	73	89	88	83	91	81	75	87	95	94	84	91	92	86	91	90	80
8	69	65	72	80	43	82	67	100	83	50	100	69	0	55	50	100	45	67	68	67	72	55	60	49	80	75	54	67	74	91	68	69	63
9	28	20	30	80	45	25	0	100	11	0	0	23	100	9	0	0	27	26	23	33	21	35	28	34	25	20	33	21	24	9	16	28	30
10	62	63	49	60	83	46	100	0	64	75	0	50	100	64	50	100	77	59	62	50	59	63	74	83	50	48	70	56	55	59	51	61	75

Geral

Não Concordo - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33

1	2	4	0	0	5	1	33	0	3	0	0	0	0	9	0	0	0	3	1	17	2	3	4	2	5	2	5	2	0	5	1	4	0
2	38	50	47	60	35	42	33	0	86	25	0	37	0	73	100	100	32	51	42	33	49	37	42	49	50	47	32	61	42	77	61	42	38
3	85	77	79	100	88	75	100	100	69	100	100	77	100	82	100	100	95	78	82	83	80	79	89	87	70	75	82	79	81	73	81	80	78
4	7	5	0	20	3	7	0	0	3	0	0	4	0	9	0	0	5	5	4	0	4	5	2	2	0	7	6	2	3	9	7	2	8
5	0	4	0	0	3	1	0	0	3	0	0	2	0	0	0	0	5	2	2	0	2	3	2	2	0	2	3	0	2	5	3	2	0
6	3	10	9	0	10	7	0	0	14	0	0	4	0	0	50	100	5	9	6	17	7	11	8	11	5	7	8	4	10	9	6	9	8
7	5	8	4	0	0	7	0	0	11	25	100	2	0	0	0	0	18	6	7	0	6	8	15	6	5	3	5	9	5	14	7	6	8
8	18	16	23	20	23	14	33	0	14	50	0	23	100	9	50	0	9	20	15	17	21	10	21	21	15	16	16	25	18	5	26	14	18
9	44	44	40	20	35	49	0	0	39	50	100	40	0	64	50	0	45	42	44	50	45	35	47	43	50	40	42	40	45	41	43	43	40
10	13	8	6	0	5	7	0	0	25	0	0	4	0	18	50	0	0	7	10	17	9	8	6	9	5	10	8	12	5	18	12	7	8

Geral

Não Sei - Valores percentuais

	Idade				Terra de Origem													Religião			Sexo		Tipo de casa				Fonte de água				No. Refeições		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	2	5	0	0	8	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	14	3	3	0	1	8	6	4	0	2	3	2	3	5	0	4	3	
2	28	29	36	20	33	25	0	100	6	75	100	46	100	18	0	0	36	31	29	17	30	29	23	32	30	32	37	30	28	9	26	29	38
3	8	14	15	0	8	18	0	0	17	0	0	15	0	9	0	0	14	11	17	13	13	4	6	20	17	10	14	14	14	12	14	10	
4	2	3	0	0	3	0	33	100	0	0	0	4	0	0	0	0	2	2	0	2	2	2	0	0	3	4	0	2	0	3	2	0	
5	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	
6	7	3	4	0	8	3	0	100	0	0	0	4	0	0	0	9	3	5	17	5	2	8	2	0	4	9	0	3	0	1	4	10	
7	7	6	0	0	13	6	0	100	0	0	0	0	0	0	0	9	5	5	17	3	11	9	6	0	3	11	0	3	0	1	4	13	
8	13	20	4	0	35	4	0	0	3	0	0	8	0	36	0	0	45	12	18	17	8	35	19	30	5	9	29	9	8	5	6	18	20
9	28	37	30	0	20	26	100	0	50	50	0	37	0	27	50	100	27	33	33	17	34	29	25	23	25	40	25	39	31	50	41	29	30
10	25	29	45	40	13	47	0	100	11	25	100	46	0	18	0	0	23	34	28	33	32	29	21	9	45	42	23	32	41	23	38	32	18